Capítulo I

Visões panorâmicas sobre a História da Imprensa Periódica Portuguesa [1641-1820]

Panoramic views on the History of the Portuguese Periodical Press [1641-1820]

Eurico José Gomes Dias

ICPOL-ISCPSI — Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna
eurico_dias@sapo.pt; egdias@psp.pt
CIÊNCIA ID: D818-B637-7362
ORCID ID: 0000-0002-2989-4912

Resumo: pretendemos estabelecer uma visão panorâmica da história da imprensa periódica portuguesa entre 1640 e 1820. Atendendo às fontes periódicas disponíveis deste período, será feita uma análise concisa a esse *corpus*. É bem notório que a história da imprensa periódica em Portugal é ainda um campo de estudos limitadamente desenvolvido, embora possuamos um historial riquíssimo e diversificado, assim como uma tradição jornalística profundamente enraizada na nossa Cultura. Pretendemos, portanto, apresentar alguns contributos para a colmatação de uma lacuna existente na historiografia jornalística. Procurando relacionar o entendimento do conceito de "jornalismo" patenteado neste numeroso rol de periódicos, conhecer-se-á igualmente todo um crescente público que despontou após a Restauração, se dilatou em pleno *Século das Luzes* e se impôs às vésperas do Liberalismo português.

Palavras-chave: imprensa periódica; História; Historiografia; Absolutismo; Liberalismo; Portugal; cronistas; jornalistas.

Abstract: we intend to establish a panoramic view of the history of the portuguese periodical press between 1640 and 1820. Taking into account the periodical sources available from this period, a concise analysis of this *corpus* will be made. It is well known that the history of the periodical press in Portugal is still a limitedly developed field of study, although we have a very rich and diversified history, as well as a journalistic tradition deeply rooted in our Culture. Therefore, we intend to present some contributions to fill an existing gap in journalistic historiography. Seeking to relate the understanding of the concept of "journalism" patented in this numerous list of periodicals, it will also be known a growing public that emerged after the Restoration, expanded in the middle of the *Enlightenment* and imposed itself on the eve of portuguese Liberalism.

Keywords: periodical press; History; Historiography; Absolutism; Liberalism; Portugal; chroniclers; journalists.

1.1. Antecedentes da imprensa periódica portuguesa

Ainda é difícil distinguir qual a publicação que foi a 'componente embrionária' da História da imprensa periódica portuguesa. Apontado por diferentes catálogos bibliográficos como o primeiro "noticiário nacional" (*DJP*, p. 54-55), a folha noticiosa *Relação Vniversal do qve svccedeo em Portvgal, & mais Prouincias do Occidente, & Oriente* (Lapa, 1967, p. 18.) constitui um aglomerado de relatos dos eventos bélicos e políticos portugueses entre 1625 e 1626. Estas informações foram enumeradas por Manuel Severim de Faria, chantre da Sé de Évora, usando o pseudónimo de Francisco de Abreu (*BL*, p. 368-374; *DBP*, p. 106-108; *DLP*, 1993, p. CXI).

Todavia, a ausência de periodicidade e continuidade na *Relação Vniversal do qve svccedeo em Portvgal, & mais Prouincias do Occidente, & Oriente*, de que sobreviveram apenas dois exemplares — segundo o próprio Manuel Severim de Faria só seriam editadas quando tal se justificasse —, aparta-as da categoria dos "periódicos" devido à sua falta de cadência editorial (Rocha, 1998, p. 20-21). Os dois números que compõem a *Relação Vniversal do qve svccedeo em Portvgal, & mais Prouincias do Occidente, & Oriente* integram-se, portanto, na classificação das "*folhas volantes*".

Foi uma folha mensal de 32 fólios, noticiosa e propositadamente política, com um preço elevado e a singularidade de ser impressa em Braga, à época, um centro periférico na actividade

RELAÇÃO VNIVERSAL
DO QVE SVCCEDEO EM PORTVGAL,
& mais Prouincias do Occidente, & Oriente, desdo
mes de Março de 625. atè todo Setembro de 626.
Contem muitas particularidades, &
curiosidades.
Ordenada por Francisco d'Abreu natural
da Cidade de Lisboa.
Com todas as licenças necessarias.
EMBRAGA.
Impressa por Frutuoso Lourenço de Basto, anno de 1627.

Figura 1
Relação Vniversal do qve svccedeo em Portvgal, & mais Prouincias do Occidente, & Oriente..., Frutuoso Lourenço de Basto, Braga, 1627.
Fonte: reprodução do original.

NOTICIAS
DE PORTVGAL.
OFFERECIDAS A ELREY N.S.
DOM IOÃO O IV.
POR MANOEL SEVERIM
DE FARIA.
DECLARÃOSE AS GRANDES COMMODIDADES,
que tem para crescer em gente, industria, comercio,
riquezas, & forças militares por mar, & terra.
AS ORIGENS DE TODOS OS APPELLIDOS,
& armas das Familias nobres do Reyno.
Anno 1655.
LISBOA.
NA OFFICINA CRAESBEECKIANA.

Figura 2
Noticias de Portvgal..., Officina Craesbeeckiana, Lisboa, 1655.
Fonte: reprodução do original.

tipográfica nacional. Não obstante o papel original das *Gazetas* [1641-1647/8], dever-se-á assinalar a importância destas *Relações* (Serrão, 1974; Lopes e Saraiva, 1996, p. 542). Note-se que esta publicação apresentava um forte teor nacionalista, já *pressentindo* o movimento da Restauração de 1640 (Mas, 1988, p. 523).A propensão noticiarista de Manuel Severim de Faria consagra-o na 'galeria' dos precursores da imprensa periódica em Portugal devido às suas *Relações*, ainda que não seja uma matéria concordante. No entanto, talvez a sua obra mais conhecida seja *Notícias de Portugal* [1655] (Faria, 2003), durante largo tempo também erroneamente considerada um dos primeiros periódicos, mas, em boa verdade, mais não é do que uma colectânea de numismática, genealogia, história das universidades peninsulares, reflexões sobre organização militar e um memorial dos cardeais portugueses, etc.

Tal como as suas congéneres estrangeiras, as *relações* portuguesas "aparentavam-se" com os livros, com frontispícios ilustrados, um pequeno formato [predominando as medidas «in-quarto» e «in-oito»], alterando o número de páginas e/ou fólios [normalmente não transpondo as 8 folhas], em papel tosco. Sem exigência de regularidade, cada uma destas

Figura 3
D. João IV de Portugal, in *Reys de Portugal...*, por Gabriel M. Rousseau, gravura água forte e buril, 1736.
Fonte: reprodução do original.

GAZETA,
EM QVE SE
RELATAM AS NOVAS
TODAS, QVE OVVE NESTA
CORTE, E QVE VIERAM DE
varias partes no mes de Novem-
bro de 1641.
Com todas as licenças necessarias.
E privilegio Real.
EM LISBOA.
Na Officina de Lourenço de Anvers.

Figura 4
Gazeta em que se relatam as novas todas, que ouve nesta Corte e que vieram de varias partes..., n.º 1, Officina de Lourenço de Anvers, Dezembro 1641.
Fonte: reprodução do original.

relações limitava-se a relatar, sem interpretações, um único acontecimento com alguma minúcia, mas nem sempre com precisão. É impossível precisar a frequência editorial das *relações* e/ou a extensão da sua clientela, dado que o analfabetismo grassava e os preços não eram convidativos à maioria da população. Com toda a certeza, foram editadas numerosas *folhas* e *relações* desde 1555 até ao primeiro "jornal", em 1641, as quais motivaram uma expansão progressiva entre nós.

1.2. O periodismo no «ciclo da Restauração»

O longo processo político-militar da Restauração (Cunha, 2001, p. 354) originou uma literatura patriótica copiosa, onde não faltaram os tratados panegíricos e tantos outros panfletos legitimadores da dinastia de Bragança, como sucedeu nos domínios da politologia, da historiografia, da parenética e, inclusive, da 'pueril' imprensa periódica. As Guerras da Restauração, o prolongado conflito entre Portugal e Espanha [1640-1668], selou o fim do

domínio filipino, englobou o reinado de D. João IV e apenas cessou no fim do reinado de D. Afonso VI, embora D. Pedro II dominasse o governo.

Foram disputas ininterruptas em quatro continentes, particularmente acérrimas nas campanhas brasileiras contra as ambições holandesas e francesas, mantendo-se as operações militares durante quase três décadas, tendo forçado Portugal a um esforço financeiro e humano colossal. Paralelamente, essas campanhas militares foram acompanhadas por negociações diplomáticas visando o reconhecimento internacional perante a França, a Inglaterra, a Santa Sé, assim como as Províncias Unidas e a Suécia, actuações necessárias para a nossa emancipação (Selvagem, 1926/1999, p. 388; Cunha, 1941, p. 15-16).

A imprensa periódica portuguesa nasceu, assim, das crispações sociais e políticas da Restauração, revelando, desde logo, o seu poder de ingerência (Tengarrinha, 2002, p. 470-497). Estas características editoriais, aliadas ao propósito informativo, só se reúnem primeiramente nas *Gazetas*, a primeira das quais ostentou um título longo: *Gazeta, em Qve Se Relatam as Novas Todas, Qve Ovve Nesta Corte, E Qve Vieram de varias partes no mes de Nouembro de 1641*, sendo conhecidas por *Gazetas da Restauração*, ou, simplesmente, *Gazetas* (Balbi, vol. II, p. CLXXVI; *DJP*, vol. I, p. 35-38-v.º; Silva Júnior, 1905, p. 215-216; DIAS, 2006; Sousa *et al.*, 2010).

A particularidade mais inovadora das *Gazetas* foi transformar as mais distintas notícias desconexas e assimétricas em "notícias periódicas", 'agrilhoadas' agora às vontades políticas, religiosas, económicas e sociais, sem esquecer as ressalvas, coercivas ou não, impostas aos autores e impressores, procurando sempre escapulir-se às censuras instituídas (Serrão, vol. V, 1980, pp. 170-172). As *Gazetas* venderam-se pela primeira vez em Dezembro de 1641, mas volvidos poucos meses, as *Gazetas* foram suspensas, aplicando-se a lei de 19 de Agosto de 1642, "[...] em razaõ da pouca verdade de muitas noticias e do mau estilo de todas elas." Seria o primeiro entrave da Coroa à imprensa periódica, logo após o seu *começo* (Pereira, 1901, p. 9-10; Alves, 1983, p. 5).

A sua periodicidade foi estritamente mensal desde o primeiro número. Deste modo, as *Gazetas*, aguardadas em datas prévias, produziram hábitos de leitura próprios do Jornalismo. Limitadas por uma circulação delimitada a certos círculos, dado que o analfabetismo alcançava mais de 90% da população portuguesa, também o seu preço elevado [de 6, 8 e 10 réis], não era atractivo. Entre os seus leitores englobar-se-iam os aristocratas, os burgueses, os religiosos e os burocratas, entre outros indivíduos ligados à Corte lisboeta, mas todos grandemente interessados nas *novidades* dos conflitos com Espanha (Herculano, 1838, p. 101-102) e nos territórios ultramarinos, assim como por toda a Europa, nessa fase final da Guerra dos Trinta Anos [1618-1648]. Foram impressas em Lisboa, principiando na *Officina* de Lourenço de Anvers e na *Officina* de Domingos Lopes Rosa, intercalando com a *Officina* de António Álvares, estando abrangidas pelo privilégio real outorgado a Manuel de Galhegos, por alvará de 14 de Novembro de 1641, um dos seus prováveis redactores (Martins, 1964).

As *Gazetas* compunham-se com um número incerto de fólios, embora prevalecesse o formato in-quarto com 8 páginas, apresentando um conteúdo noticioso fortemente politizado e propagandístico. Devem ser consideradas fontes históricas fundamentais para a compreensão das manifestações políticas, militares e sociais nos primeiros anos da Restauração: "A *Gazeta* aparecia atafulhada de notícias preciosas para a história do seu tempo, no que, de resto, são elementos magníficos os jornais desde que dêem só notícias, e quanto mais completas e esmiuçadas forem melhor servirão os investigadores. Os critérios e comentários, às vezes, são prejudiciais, mas o crítico tem o seu encargo e o noticiarista absolutamente outro." (Martins, 1942, p. 19).

Fr. Francisco Brandão foi indicado como um dos autores das *Gazetas*, pelo menos após Julho de 1645, além do poeta Manuel de Galhegos, João Franco Barreto e até o próprio D. João IV, segundo algumas opiniões pouco críticas (*DBP*, vol. II, p. 360-361; *DBP*, vol. III, pp. 137-141; *PDH*, vol. II, p. 479; Brandão, 1976, p. XIII; *ELBCV*, vol. III, col. 1793-1794; *GEPB*, vol. V, p. 32; Figueiredo, 1922, p. 177-178; *CPS*, p. 50). Terminada repentinamente a edição das *Gazetas* em Setembro de 1647 ou, como defendemos, em meados de 1648, até à criação do *Mercvrio Portvgvez* [1663], existem escassos registos fiáveis sobre a actividade jornalística em Portugal, além de algumas *folhas volantes* impressas e manuscritas com notícias das Guerras da Restauração.

Seguiu-se *Le Mercvre Portvgais*, talvez das publicações mais ambíguas deste período e, simultaneamente, das mais ignotas (*DJP*, vol. I, p. 49-49v.º; Tengarrinha, 1989, p. 42; Dias, 2005). Lançado no primeiro semestre de 1643, subsistem várias incertezas sobre a sua autoria. Nas poucas referências bibliográficas disponíveis, a sua redacção foi atribuída a Antoine de Sommaville e Augustin Courbé, responsáveis pela *Officina* do *Collège de France*. No entanto, os estudos consultados sugerem-nos que o seu autor fosse François de Grenaille, até porque o seu nome está expresso no final do *Le Mercvre Portvgais*. Assim sendo, defendemos que seja, verdadeiramente, o redactor deste periódico, embora contasse com o auxílio dos editores aludidos, sem esquecer a participação imputada a Manuel Fernandes Vila Real (*DBP*, vol. V, p. 422-423; vol. XVI, p. 189-209; Vila Real, 2005).

O *Le Mercvre Portvgais* foi editado em Paris, propondo-se a apresentar notícias acerca da Restauração em Portugal. Detendo um privilégio de impressão autorizado por Luís XIII de França, estava ao corrente das conversações para os primeiros acordos franco-portugueses (Costa, p. 45-46). De certo modo, aparenta-se a uma proclamação panegírica a D. Vasco Luís da Gama, 5.º conde da Vidigueira e embaixador extraordinário em Paris (Sousa, 1946, p. 336-337), mas cuja leitura se destinaria às elites cortesãs francesas. Aliás, este típico "mercúrio" dirige-se a esta individualidade –segundo se consta, terá sido editado às suas custas —, como um "pregoeiro" das pretensões portuguesas (Cardim, 2002, p. 47-87).

Seguiu-se o curioso *Mercvrius Ibernicvs* (Tengarrinha, 1989, p. 42; Silva Júnior, 1905, p. 216) e que apenas publicou um único número, taxado a 13 de Fevereiro de 1645. Nada se sabe

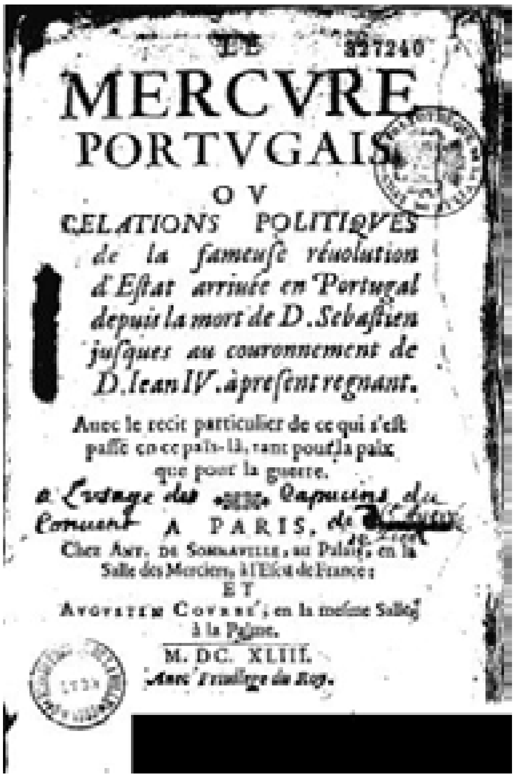


Figura 5
Le Mercvre Portvgais..., n.º 1, Chez Antoine de Sommaville, Paris, 1643. Frontispício.
Fonte: reprodução do original.

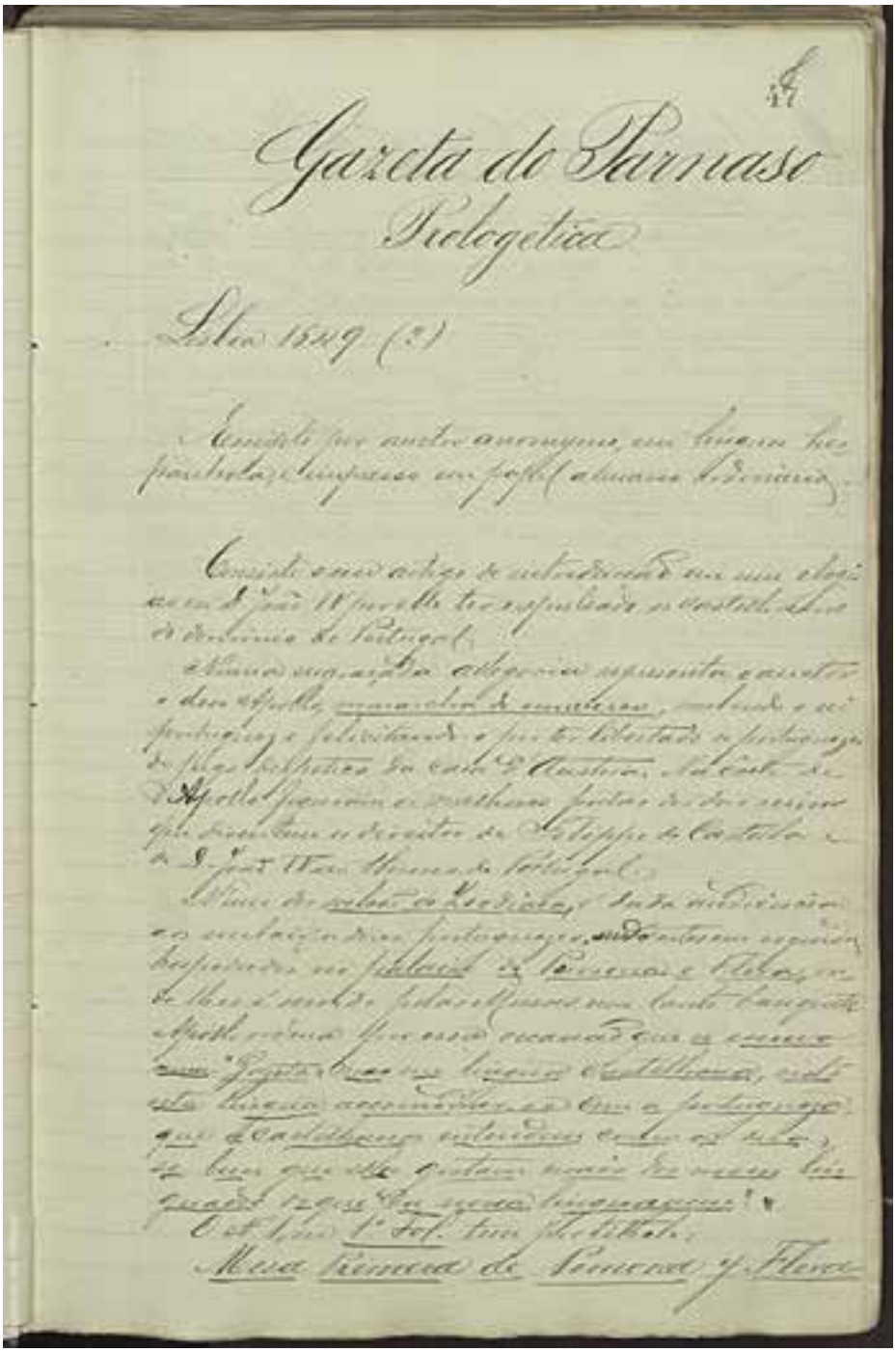
Figura 6
Mercvrius Ibernicvs..., *Officina* de Domingos Lopes Rosa, Lisboa, 1645.
Fonte: reprodução do original.

acerca da sua autoria, embora se constate que o seu anónimo autor fosse português ou alguém residente em Portugal. Redigido em castelhano para ser divulgado além-fronteiras, tratou-se de uma clara manobra de propaganda política. Porque motivo teria sido suprimido da leitura pública, logo após o primeiro número? Pese apenas existir este exemplar em formato in-quarto, de 8 fólios, é praticamente idêntico aos inúmeros panfletos que então circulavam.

Apesar de zelar pela fé católica irlandesa, o autor procurava para satisfazer a curiosidade dos leitores garantindo a veracidade dos acontecimentos descritos, sempre numa fundamentação teológica assertiva. Ou seja, para explicar cada fenómeno ou episódio, o autor preocupou-se em expor as fontes de informação mais idóneas, apontando várias testemunhas em trânsito por Lisboa. O *Mercvrius Ibernicvs* foi impresso na *Officina* de Domingos Lopes Rosa, o editor da *Gazeta* e um dos impressores mais conceituados do seu tempo. Portanto, este periódico não poderia ser uma publicação "marginal", visto que cumpriu todas as exigências burocráticas.

Se existem incógnitas nos princípios da imprensa periódica, deu-se um caso singular respeitante à existência, ou não, da *Gazeta do Parnaso Prologetica*. Lançada provavelmente em Lisboa [1649?], não se conhecem outras informações a seu respeito, a não ser o que

assinalou Augusto Xavier da Silva Pereira (*DJP*, vol. I, p. 47-47v.º). Terá existido tal periódico? Tudo leva a crer que a resposta é afirmativa, embora não se conheça nenhuma cópia. Segundo consta, possuía um conteúdo encomiástico a D. João IV e à Restauração, tendo usado motivos mitológicos no seu discurso.


47

Gazeta do Parnaso

Prologetica

Lisboa 1649 (?)

Figura 7
«Gazeta do Parnaso Prologetica», in *Diccionário Jornalístico Portuguez*, vol. I, Academia das Ciências, [manuscrito], Lisboa, [s. d.], f.º 47.
Fonte: reprodução do original.

Seguindo a linha cronológica dos exemplares assinalados na imprensa periódica nos finais do século XVII, apresenta-se-nos uma *relaçam*, dita "terceira" e "quarta", referente às vitórias das forças portuguesas sob o comando de D. Sancho Manuel de Vilhena, 1.º conde de Vila Flor, em operações na raia fronteiriça entre Almeida e Cuidad Rodrigo (*GEP*, vol. I, p. 158-159). Referindo-se explicitamente no frontispício, e respectivos títulos, ao terceiro e ao quarto números de uma *relaçam* destacando a mesma matéria, sugere a existência de um primeiro e segundo números. Ter-se-ão perdido no andar dos tempos, conservam-se esquecidas em algum arquivo ou impropriamente catalogadas?

Esta *relaçam*, cuja autoria permanece desconhecida, terá conhecido uma divulgação alargada, dado ser publicada pouco antes do *Mercvrio Portvgvez* e por um impressor lisboeta de renome, Domingos Carneiro. Segundo tudo indica, teve o patrocínio de D. Luís de Vasconcelos e Sousa, 3.º conde de Castelo Melhor, e escrivão da puridade de D. Afonso VI. Com um preço unitário de 6 réis [formato «in-quarto», de 6 fólios e ornamentação simples], os seus exemplares foram taxados a 22 de Agosto de 1662, em Lisboa, depois do exame prévio de censores régios e eclesiásticos.

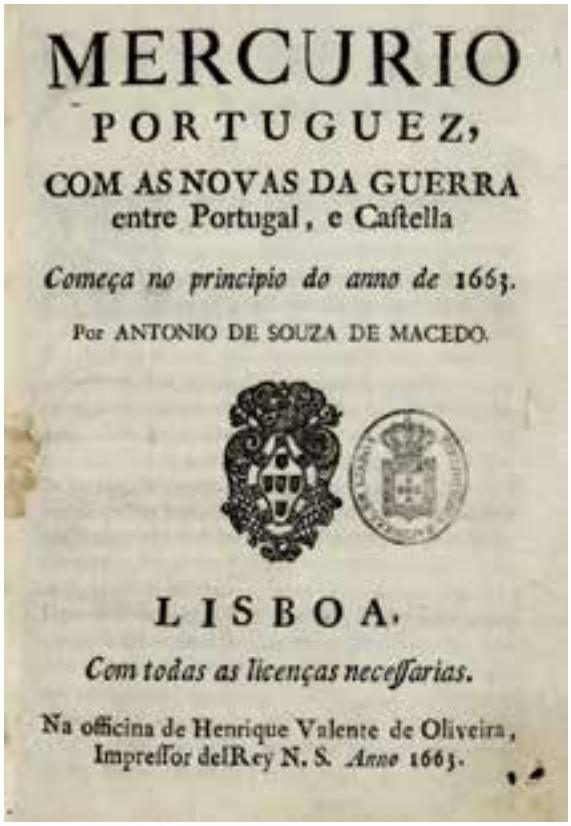

MERCURIO
PORTUGUEZ,
COM AS NOVAS DA GUERRA
entre Portugal, e Caſtella
Começa no principio do anno de 1663.
Por ANTONIO DE SOUZA DE MACEDO.
LISBOA.
Com todas as licenças neceſſarias.
Na officina de Henrique Valente de Oliveira,
Impreſſor delRey N. S. *Anno* 1663.

Figura 8
Mercvrio Portvgvez..., vol. I, Officina de Henrique Valente de Oliveira, Lisboa, 1663.
Fonte: reprodução do original.

D. Afonso VI Rey de Portugal

Figura 9
D. Afonso VI de Portugal, in *Reys de Portugal*..., por Gabriel M. Rousseau, gravura, água forte e buril, 1736.
Fonte: reprodução do original.

Sucessor da *Gazeta da Restauração* surgiria, na mesma directriz, o *Mercvrio Portvguez*, sob direcção de D. António de Sousa de Macedo (*BL*, vol. I, p. 399-403; *DBP*, vol. I, p. 276-278; vol. III, p. 139; vol. VIII, p. 311-312; vol. XXII, p. 360; *PDH*, vol. VI, p. 1084-1087; *DHP*, vol. IV, pp. 112-113), doutor em Leis pela Universidade de Coimbra, embaixador plenipotenciário de D. João IV em Londres e, a partir de 1650, nas Províncias Unidas. Nomeado Secretário de Estado para o governo do 3.º conde de Castelo Melhor, dirigiria o *Mercvrio Portvguez* até finais de 1666 (Matos, 1944, p. 373), concorrendo para a ascensão de um órgão noticioso fundamental à causa independentista. Organizado segundo o modelo da *Gazeta*, o *Mercvrio Portvguez* compreende os últimos anos das Guerras da Restauração, sendo que a *Gazeta* reproduziu as primeiras dificuldades da causa restauracionista (Sousa, org., 2013; Sousa e Teixeira, orgs., 2015).

Ambos os periódicos representam, nesta circunstância, o prólogo e o posfácio de um ciclo da nossa História e são, assim o defendemos, as melhores fontes históricas para examinar este período. O *Mercvrio Portvguez* foi, definitivamente, um utensílio patriótico e um órgão de propaganda obediente ao governo de D. Afonso VI. Direccionado pela dissuasão informativa, o *Mercvrio Portvguez* lutou pela coesão nacional e impôs uma vernaculidade combativa, sem perder as regras da objectividade e veracidade, ainda que, por vezes, 'resvalasse' para algumas obliquidades panegíricas (Dias, vols. I-II, 2010).

Espectador atento do contexto político-militar europeu transmitido pelas *gazetas* e *mercúrios* espanhóis, holandeses, italianos e franceses, contrapôs as publicações oponentes num verdadeiro panorama de guerra da informação/contra-informação. Contudo, a partir dos inícios de 1667, foi um outro redactor, ainda desconhecido, que conduzirá o *Mercvrio Portvguez* até ao seu término.

1.3. A propagação de outras formas jornalísticas: *folhas*, *relações* e *cartas*

Concluído o ciclo da Restauração, seguiu-se um longo hiato na imprensa periódica nacional até 1715, apenas colmatado pela difusão de *folhas*, *relações* e *cartas*, as quais, gradualmente, não respondiam à crescente avidez por notícias. Assim, seguir-se-ão vários periódicos que, de algum modo, tentaram preencher essa lacuna, a começar pela *Continvaçam Historica* [1684-1685] (*CPS*, p. 38 e 72), uma compilação de relações impressas que circularam até aos finais do século XVII, denunciando a passividade da nossa imprensa periódica devido às coacções do governo de D. Pedro II.

Composta a partir de informações oriundas da correspondência diplomática e das *gazettas* europeias, a *Continvaçam Historica* foi compilada, traduzida em vários idiomas e impressa em Portugal e Espanha. A sua autoria é desconhecida, ainda que se saiba que fosse uma iniciativa de várias personalidades e editores (*DBP*, vol. III, p. 138-139). A informação incluída na *Continvaçam Historica* foi publicada primeiramente em Madrid, para leitura na

Figura 10
D. Pedro II de Portugal, in *Reys de Portugal*..., por Gabriel M. Rousseau, gravura, água forte e buril, 1736.
Fonte: reprodução do original.

Corte espanhola [7 de Novembro de 1684] e, pouco depois, em Lisboa [20 de Novembro de 1684], sendo impressas na *Officina* de Miguel Deslandes.

Note-se a agilidade com que estas *relações* foram compiladas, traduzidas, censuradas e difundidas, acatando as devidas licenças. Foi um indício da inclinação do público português por notícias acerca da guerra contra o expansionismo turco otomano em todo o Leste europeu. Cada número da *Continvaçam Historica* é constituído por 15 fólios com um frontispício ornamentação gráfica simples, expresso numa linguagem simples e fundamentada, apesar de se tratarem de mensagens recalcadas de várias fontes, com numerosos cortes, versões, traduções e retroversões. Para melhor instrução do leitor, encontrava-se, ao início dos números, o índice dos acontecimentos aí relatados, expondo lugares e personagens que seriam, *a priori*, estranhas aos leitores. Quais seriam os canais de comunicação orais, manuscritos

e impressos destas informações? Apesar de tudo, reflectem a permuta de notícias por essa Europa fora, embora não se refiram as reacções políticas de Portugal a tais acontecimentos.

As *Noticias Catholicas, e Politicas de Inglaterra* [Setembro de 1687] foi uma *relação* perfeitamente igual às incontáveis publicações impressas que pululavam no universo informativo europeu dos finais do século XVII. Os inventários bibliográficos (*CPS*, p. 62) dão-nos conta de ser apenas um número único, não seriado, mas existiria, pelo menos, um número anterior — ou mais, presumivelmente —, como se menciona. Possui um arranjo gráfico simples em formato «in-quarto», exibindo uma narrativa sucinta ao longo dos seus 12 fólios. Não se conhece o seu autor[es] e/ou compilador[es], sendo uma súmula de outras gazetas e correspondência diplomática, a avaliar pela lista de assuntos patentes no frontispício. Apresentando-se como uma *folha* noticiosa defendendo um catolicismo belicoso, defendia o regresso do catolicismo romano em Inglaterra, assim como das relações eclesiásticas entre Londres e a Santa Sé.

NOTICIAS
CATOLICAS
Y POLITICAS
DE INGLATERRA.

QVE TRAJERON LOS VLTIMOS CORREOS del Norte.

Publicadas el Martes 19. de Agosto 1687.

Entrada ſolemne de Monſeñor Nuncio Apoſtolico en la Corte de Inglaterra. Oraciones que haze à ſus Mageſtades Britanicas. Abolicion del Parlamento, y Proclamacion Real ſobre ello. Igleſia principal de Dublin reſtituida al Culto Catolico. El Arçobiſpo de Yorck (ſegun algunas noticias de Olanda) confeſſido al Padre Petris de la Compañia de IESVS.

CAſi al meſmo tiempo, que el Conde de Caſtelmene paſsò à Roma por Embajador Extraordinario de ſu Mageſtad Britanica à cumplir en ſu Real nombre el obſequio, que à principios de ſus Reynados, acoſtumbran todos los Potentados al Santo Paſtor Vniverſal, ſe encaminò de Roma à Londres, el Conde Dada, Cavallero Milanès, ſobrino de ſu Beatitud, deſtinado Nuncio Apoſtolico en la Corte, y Reynos de la Corona de Inglaterra. Eſtuvoſe en Londres, ſin caracter publico, ſi bien con decencia correſpondiente à ſu futura Dignidad,

A haſta

Figura 11
Noticias Catholicas, e Politicas de Inglaterra..., Agosto de 1687.
Fonte: reprodução do original.

A matéria noticiosa que compõe as *Noticias de Constantinopla* [ou a sua *Continuacion*, 1687-1688] dispõe-se em 3 números redigidos em castelhano, não se sabendo se houve números anteriores ou posteriores. Estas publicações estiveram a cargo da *Officina* de Miguel Deslandes, com uma média de 12 a 15 fólios por cada exemplar (*CPS,* p. 62). As *Noticias de Constantinopla* contêm as traduções das missivas diplomáticas e comerciais de um indivíduo anónimo [mas que se identifica pelas siglas "N. N.", de nacionalidade francesa] e com funções consulares em Constantinopla. Como agente diplomático, veiculou informação, sob cifra, para o Ocidente revelando o sobressalto de toda a comunidade estrangeira, apesar da protecção da *Sublime Porta*.

A *folha* noticiosa *Noticias de Inglaterra* (*CPS,* p. 62), editada em dois únicos números [1 e 3 de Janeiro de 1689], facultou informações sobre a queda de Jaime II de Inglaterra e o seu exílio em França, assim como da fuga da Família Real e dos seus súbditos mais fiéis. Trata-se de um periódico de 8-12 fólios em formato «in-quarto», onde se encontram outras notícias procedentes de toda a Europa, via Amesterdão. Contudo, o assunto principal das *Noticias de Inglaterra* foram as agitações dos partidários de Jaime II de Inglaterra e o futuro Guilherme III de Inglaterra, retratando a *Gloriosa Revolução*.

CONTINVACION
De las noticias de Conſtantinopla, traducidas de dos cartas de todo credito, eſcritas de la meſma Ciudad à 26. Noviembre, y 14. de Diziembre de 1687.

Publicada el Martes 9. de Março.

CARTA PRIMERA.

La deſorden ocaſionada de'a ſedicion de las Tropas Otomanas, parecia enteramente ſoſegada pocos dias despues de la depoſicion de Mehemet IV. de manera que ſe començava à travajar à las prevenciones neceſſarias para la ceremonia de la Coronacion del nuevo Soldan. Haviaſe de celebrar à 11. de el corriente, pero vnas nuevas turbulencias han obligado à dilatarla.

Siam Baji nuevo Gran Viſir havia hecho entrar en la Ciudad vnos mil y quinientos, ò ſeiſcientos hombres eſcogidos entre la milicia antes de ſu llegada: y caſi al meſmo punto, que dejò el Campo, haviendoſe desbandado los Genizaros, y los Spahis, vinieron acà en pequeñas Tropas, y hallandoſe en pocos dias fuertes de quatro, ò cinco mil hombres dieron en amotinarſe. Los Genizaros acudieron los primeros al Serrallo, pidiendo con tumulto ſurmal, quinze meſadas de ſus pagas, la aumentacion de vn aſpro al dia, segun ſe pratica quando vn nuevo Soltàn entra à reynar, y el preſente de la Coronacion. Expreſſada ſu inſtancia, prevendieró vir al Gran Señor, y como ſe les negaſſe amenazaron rom-

A pe

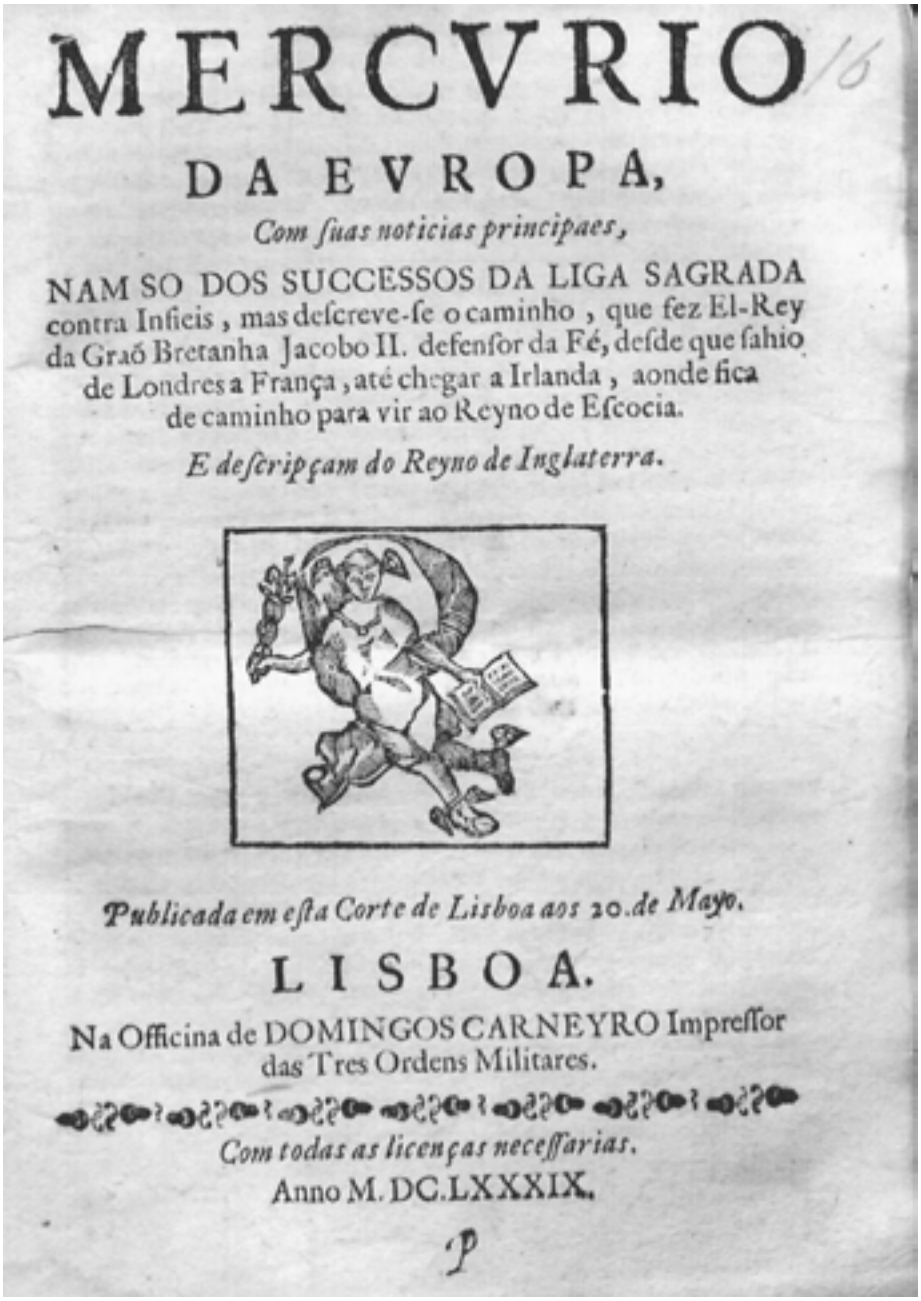
Figura 12
Noticias de Constantinopla..., Dezembro de 1687.
Fonte: reprodução do original.

NOTICIAS
DO ESTADO DAS COUSAS DE
INGLATERRA. (688)
Vindas de Amſterdam, & de França a 3. de Janeiro de 1689.

LISBOA,
Na Officina de MIGUEL DESLANDES,
Impreſſor de Sua Mageſtade.
Com todas as licenças neceſſarias. Anno 1689.

Figura 13
Noticias de Inglaterra..., Officina de Miguel Deslandes, Lisboa, 1689. Fonte: reprodução do original.

O periódico conhecido como *Mercvrio da Evropa* (Cunha, 1941, p. 63; *CPS,* p. 62) foi um exemplo categórico da qualidade das *relações* impressas nos finais do século XVII. Saíram apenas 3 números [20 e 28 de Maio; 7 de Junho de 1689], com poucas mudanças nos títulos. Não se sabe se terão existido edições posteriores deste *mercurio* e desconhece-se quem fossem os seus autores e compiladores. Com uma excelente apresentação gráfica, em letras capitulares, gravuras ilustrativas e uma narração excepcionalmente imparcial. Como o seu próprio título assinala, o *Mercvrio da Evropa* foi uma publicação de índole "europeísta", sendo mais utilitária do que as suas congéneres, particularmente no volume de matéria estritamente informativa (Tengarrinha, 1989, p. 42).



MERCVRIO

DA EVROPA,

Com ſuas noticias principaes,

NAM SO DOS SUCCESSOS DA LIGA SAGRADA contra Infieis, mas deſcreve-ſe o caminho, que fez El-Rey da Graõ Bretanha Jacobo II. defenſor da Fé, deſde que ſahio de Londres a França, até chegar a Irlanda, aonde fica de caminho para vir ao Reyno de Eſcocia.

E deſcripçam do Reyno de Inglaterra.

Publicada em eſta Corte de Lisboa aos 20. de Mayo.

LISBOA.

Na Officina de DOMINGOS CARNEYRO Impreſſor das Tres Ordens Militares.

Com todas as licenças neceſſarias.

Anno M. DC. LXXXIX.

Figura 14
Mercvrio da Evropa com svas Noticias Principaes..., Officina de Domingos Carneiro, Lisboa, 1689. Fonte: reprodução do original.

O *Mercvrio da Evropa* recolheu várias missivas diplomáticas e informações avulsas, posteriormente traduzidas e difundidas em "forma de *gazeta* ou *relaçam*". Os autores (*DBP*, vol. XVII, p. 33) terão sido quase sempre estrangeiros e poucas referências são respeitantes a Portugal. O *Mercvrio da Evropa* reuniou notícias remetidas de Londres, Paris, Roma, Viena e Varsóvia, etc., anunciando-se, em primeiro lugar, as campanhas de *Santa Liga*. É ainda de sobressair a periodicidade semanal do *Mercvrio da Evropa*, característica ainda incomum nas *relações*, *gazetas* e *mercúrios*.

Segue-se o *Noticias Geraes de Evropa* (*CPS,* p. 62), uma publicação não seriada, editada precisamente no dia anterior [27 de Maio de 1689] ao segundo número do *Mercvrio da Evropa*, cuja substância é idêntica àquele periódico. Compreende 7 fólios impressos, não numerados e em formato «in-quarto», da responsabilidade da *Officina* de Miguel Manescal, impressor do Santo Ofício. Menciona notícias expedidas de Viena, Belgrado, Ratisbona, Amesterdão, Londres, Dublin, Bruxelas, Veneza, etc., pese não haverem referências a Portugal (*DPB*, vol. XVII, 1894, p. 243).

1.4. Lacunas do panorama periódico nos inícios do século XVIII

Portugal "entrou" no século XVIII sem sinalizar nenhuma publicação periódica em pleno exercício. Todos os periódicos editados no século XVII tiveram uma existência breve, pelo que o início do século XVIII revelava-se pouco promissor ao avanço da imprensa periódica, encontrando-se, ao tempo, em estagnação. Segundo alguns catálogos, o periódico que se apresenta simplesmente como *Gazeta* teria sido a primeira publicação periódica do século XVIII, com dois exemplares seriados, correspondentes a Agosto e Outubro de 1704. Composta por 6 fólios num formato gráfico «in-quarto», desconhece-se a existência de outros números.

Segundo algumas indicações, esses dois exemplares da *Gazeta* transmitiram notícias originárias de vários pontos da Europa, mas também de Lisboa. Como não conseguimos averiguar a sua existência, seguimos os indícios de Inocêncio Francisco da Silva (*DBP*, vol. IX, p. 420), o primeiro erudito que inventariou estes exemplares. Curiosamente, Augusto Xavier da Silva Pereira não as mencionou e somente Alfredo da Cunha lhes concedeu alguma atenção (Cunha, 1941, p. 66-67), problematizando a sua existência (Tengarrinha, 1989, p. 43).

As folhas noticiosas que compõem a colectânea *Noticias dos Gloriosos Successos* (*CPS,* p. 61) foram publicadas ao longo de 1704, em datas não especificadas, e reportam-se às contra-ofensivas portuguesas comandadas pelo D. António Luís de Sousa, 2.º marquês das Minas, contra as coligações franco-espanholas na região de Castelo Branco (Selvagem, 1926/1999, p. 456-457), no início da Guerra da Sucessão de Espanha [1702-1714].

PRIMEIRA
NOTICIA
DOS
GLORIOSOS SUCCESSOS QUE
tiveraõ as armas
DE
S. MAGESTADE
NA PROVINCIA DA BEIRA; E PARTICULARMENTE
do que houve junto á Villa de Monsanto em cinco de Junho do
corrente, que teve com o inimigo o exercito de S. Magestade
mandado pelo Marquez das Minas Governador das ar-
mas daquella provincia, & do Conselho de Estado
de Sua Magestade.
LISBOA.
Na Officina de MIGUEL MANESCAL, Impressor do Sãto
Officio, & da Serenissima Casa de Bragança. Anno de 1704.

Figura 15
Primeira Notícia dos Gloriosos Successos que tiveraõ as armas de S. Magestade na Provincia da Beira..., Officina de Miguel Manescal, Lisboa, 1704. Fonte: reprodução do original.

Todos os exemplares das *Noticias dos Gloriosos Successos* são formados por 7 fólios em formato «in-quarto», com uma estrutura narrativa explicativa. Embora não se conheçam todos os exemplares nem tão-pouco a sua autoria, os 4 números apresentam uma homogeneidade entre si, não obstante algumas diferenças nos títulos, mesmo sendo impressos em *Officinas* distintas. Trata-se de uma fonte histórica incontornável para conhecer as nossas intervenções na Guerra da Sucessão de Espanha, tendo sido um instrumento muito útil às manobras propagandísticas nesse sentido.

A relação *Diaria, y Veridica Relacion de las Operaciones* foi dedicada ao cerco de Barcelona em Março de 1706, no decorrer da Guerra da Sucessão, quando a cidade, maioritariamente a favor do pretendente arquiduque Carlos de Áustria [aclamado como Carlos III de Espanha, apoiado por D. Pedro II], resistiu às forças do rival Filipe V. É um opúsculo noticioso com 48 fólios «in-quarto», redigido em castelhano e impresso em Barcelona, o qual, sem qualquer retroversão para português, foi publicado em Lisboa, a 28 de Agosto de 1706.

Ainda no contexto da Guerra da Sucessão de Espanha, salientamos a relevância da série *Relações da Marcha do Exercito* [Abril-Novembro 1706], sendo quase desconhecida da

historiografia actual, a qual foi constituída por 7 números «in-quarto» de 12 fólios. Como curiosidade, no frontispício de cada exemplar, abaixo da indicação do impressor, indica-se os locais de venda destas *relações* [na "casa de Manoel Diniz às portas de S. Catharina"], facto inédito até então e que atesta o acréscimo do interesse dos leitores e concede-nos alguns dados sobre o circuito comercial destas publicações.

PRIMEYRA
RELAÇAM
DA MARCHA, E PROGRESSOS
do nosso Exercito atè o Campo da Praça de Alcantara, governado pelo
MARQUEZ DAS MINAS
Dos Concelhos de Estado, & Guerra; & da diversaõ intentada pelo inimigo na Praça de Elvas.
Publicada em 24. de Abril de 1706.
LISBOA,
Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM,
Com todas as licenças necessarias.
Vendese em casa de Manoel Diniz às portas de S. Catharina.

Figura 16
Primeyra Relaçam da Marcha, e Progressos do nosso Exercito atè o Campo da Praça de Alcantara..., Officina de António Pedroso Galrão, Lisboa, 24 Abril 1706.
Fonte: reprodução do original.

Aliás, em todos os exemplares das *Relações da Marcha do Exercito* verifica-se uma preocupação em informar com veracidade e idoneidade, exigências básicas da actividade jornalística. Ainda podemos mencionar a sequência dos diferentes números entre si e noutros periódicos anteriores focando os mesmos assuntos (*DBP*, vol. XVIII, pp. 232-234; *CPS,* p. 72-73). As *Relações da Marcha do Exercito* relataram o itinerário das forças aliadas congregando cerca de 14700 soldados portugueses e 4200 efectivos anglo-holandeses, sob o comando de D. António Luís de Sousa, 2.º marquês da Minas, até entrarem em Madrid (Borges, 2003).

A finalizar esta primeira partição do periodismo nacional, seguiu-se o *Anno Historico, Diario Portuguez* [1714-1744], da autoria do P.e Francisco de Santa Maria (Bacelar, 1739; *BL*, vol. II, pp. 189-191), o qual encerra um discurso historiográfico baseado em efemérides, i. e., trata-se uma obra "periódica" que enumerou as personalidades e os acontecimentos da nossa História ao longo dos 365 dias do ano. O P.e Francisco de Santa Maria é lembrado,

fundamentalmente, pelo pioneirismo do *Anno Historico, Diario Portuguez*, ainda que o primeiro volume fosse editado em 1714, pouco depois da sua morte, e os restantes dois volumes em 1744. Após comparar as disparidades entre ambas as edições, volvidos precisamente 30 anos, seria o P.e Lourenço Justiniano da Anunciação (*BL*, vol. III, p. 30; vol. IV, p. 232-233; *DBP*, vol. V, p. 197-198) quem, revendo este repositório, exaltaria os seus atributos.

1.5. A maturidade do periodismo entre a *Gazeta de Lisboa* e o *Jornal Enciclopedico*

Foi a 10 de Agosto de 1715, um sábado, que o primeiro periódico oficial português iniciou a sua publicação e ocuparia o lugar cimeiro na imprensa periódica nacional. Embora seja vulgarmente conhecida como a *Gazeta de Lisboa*, ao longo da sua vida editorial ostentou títulos diferentes, constituindo, em si mesma, uma 'espinha dorsal' que consolidou o universo periódico entre os séculos XVIII e XIX, mesmo quando adoptou outras estratégias divergentes. Graças à sua autoridade, todos os periódicos publicados de 1715 em diante consideraram, em algum momento, a *Gazeta de Lisboa* como um padrão institucional (*DBP*, vol. III, p. 137-141; *DJP*, vol. I, p. 39-44v.º; *GEPB*, vol. XII, p. 244-247; Cunha, 1941, p. 70-101; Tengarrinha, 1989, p. 42-44, 59-61, 65-69; Rocha, 1998, p. 21-22; Alves, p. 152-156).

Publicado semanalmente em folhetos com 4, 6, 8 fólios ou mais [com suplementos, ou não] num formato «in-quarto», ostentava o primeiro título *Historia Annual, Chronologica, e Politica do Mundo, & especialmente da Europa* no seu primeiro número, sendo José Freire de Monterroio Mascarenhas o seu primeiro redactor (*BL*, vol. II, p. 853-858; vol. IV, p. 210-211; *DBP*, vol. V, p. 197-198; vol. IV, p. 343-353), o qual dirigiu a sua publicação até falecer com uma idade avançada.

Como compreender o protagonismo da *Gazeta de Lisboa* no desenvolvimento da actividade periódica, nomeadamente nas mudanças estruturais da sociedade portuguesa nos séculos XVIII-XIX? Sendo a leitura da *Gazeta de Lisboa* destinada aos estratos sociais instruídos, poderemos verificar que as evoluções dos periódicos em Portugal acompanharam as tendências europeias, mesmo no panorama manuscrito, ainda largamente disseminado (Lisboa, orgs., vols. I-II, 2002, 2005). A *Gazeta de Lisboa* possuía uma circulação modesta relativamente a outros periódicos europeus: em meados do século XVIII, calculava-se que a tiragem média rondasse, sensivelmente, os 1500 exemplares por edição.

Sabe-se que a *Gazeta de Lisboa* era recebida nas províncias, a julgar pela correspondência do seu primeiro redactor, mas seria lida maioritariamente em Lisboa, revelando-se também a nossa tradicional macrocefalia cultural. Tal como a maioria dos periódicos congéneres, a *Gazeta de Lisboa* não informava o "grande público", como se exigirá à imprensa periódica a partir do terceiro quartel do século XIX. Antes disso, os periódicos dos séculos XVII-XVIII difundiram-se unicamente entre as camadas elitistas.

HISTORIA
ANNUAL,
CHRONOLOGICA, E POLITICA
do Mundo, & especialmente
DA
EUROPA,
ONDE SE FAZ MEMORIA DOS NASCIMENTOS,
PARTE I.
LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de PASCOAL DA SYLVA,
Impressor de Sua Magestade.
Com todas as licenças necessarias, Anno 1715.

Figura 17
Historia Annual, Chronologica, e Politica do Mundo, & especialmente da Europa..., n.º 1, Officina de Pascoal da Silva, Lisboa Ocidental, 1715.
Fonte: reprodução do original.

Num. 2.
GAZETA DE LISBOA.
Sabbado 17. de Agosto de 1715.
ALEMANHA.

Figura 18
Gazeta de Lisboa, n.º 2, Officina de Pascoal da Silva, Lisboa Ocidental, 17 Agosto 1715.
Fonte: reprodução do original.

O 'primeiro ciclo' da *Gazeta de Lisboa* [1715-1760] tem sido alvo de várias reinterpretações, permitindo responder às muitas omissões bibliófilas e jornalísticas na historiografia contemporânea (Belo, 2000, p. 619-637; Belo, 2001). De facto, a *Gazeta de Lisboa* apresentava-se como uma obra de expressão e funcionalidade histórica. Como o primeiríssimo título o indica, propunha-se a "fazer memória" das pessoas notáveis, das batalhas e guerras, da diplomacia e dos acontecimentos mais meritórios no decorrer das semanas (Ramos, 1998, p. 143; Araújo, 2003, p. 66-67).

A *Gazeta de Lisboa* foi redigida de acordo com um plano político-historicista, mas simultaneamente cronológico e sócio-geográfico. As primeiras notícias de cada número da *Gazeta de Lisboa* eram as mais antigas, oriundas de inumeráveis pontos da Europa e do resto do mundo. Divididas por regiões ou reinos, no interior de cada uma destas rubricas separadas por parágrafos, as notícias 'aproximavam-se' do tempo mais recente e, simultaneamente, da Península Ibérica. Consoante a proximidade da informação, cada acontencimento era descrito entre um

a dois meses na *Gazeta de Lisboa*. Só a última parte de cada número era dedicada às notícias em Portugal e na Corte. Esta secção seria era a última a entrar na composição gráfica.

A *Gazeta de Lisboa* tinha um modo próprio de interpretar o "tempo presente" ou o "tempo longínquo" em virtude da vocação historicista do seu redactor, apresentando um raciocínio cronológico extremamente competente. Não sendo uma obra histórica nem um jornal "moderno", foi, sobretudo, um compêndio incomensurável de notícias (Lopes e Saraiva, 1996, p. 543).

O *Folheto de Ambas Lisboas* [1730-1731] foi, provavelmente, o primeiro periódico satírico editado em Portugal, embora a publicação de folhetos idênticos fosse comum. Foi um periódico consagrado à crítica social, sendo proveitoso para o estudo da vida lisboeta na primeira metade do século XVIII, relatando as traquinices das camadas populares nas ruas e bairros da capital. O título deste periódico alude às designações «Oriental» e «Ocidental» em que Lisboa esteve circunscrita administrativamente (Tengarrinha, 1989, p. 44).

Nº. 1

FOLHETO

DE AMBAS LISBOAS.

Noticia do Assumpto.

COSTUME louvavel he nos Reynos eſtranhos, introducção guſtoſa, em varias naçoens do Mundo o uſo do Folheto, que agora nesta Corte pertende introduzir a minha curioſidade, levado talvez do gracioſo exemplo em tantos Imperios, com juſtificada razão bem avaliado: porèm antes que proſiga o aſſumpto que pertendo, he neceſſario dar razão do meu dito: venha ao theatro do Mundo o amigo FOLHETO, que ha de fazer o ſeu papel de gracioſo: queira Deos lhe achem pilhas em quanto elle diſſer graças.

FOLHETO, ſenhores meus, he palavra eſtranha, natural de Italia, e val o meſmo que bugiaria, he hum roboleva da Gazeta, e he huma noticioſa chocarrice, he hum deſenfado por modo de novidade, e he hum ſainete, com o eſgaravatador do appetite, palto no banquete da curioſidade lhe chamou hum critico de Romance o que eu ſeguro he,

Figura 19
Folheto de Ambas Lisboas, Officina da Musica, Lisboa Ocidental, 22 Janeiro 1730. Fonte: reprodução do original.

Editado semanalmente às sextas-feiras, iniciou a sua edição a 25 de Agosto de 1730 [e não a 22 de Junho desse ano] e o último número foi o n.º 26, a 17 de Agosto de 1731 (*CPS*, p. 49). Dedicado a um público instruído e ao deleite palaciano, o *Folheto de Ambas Lisboas* teve como redactores Jerónimo Tavares Mascarenhas de Távora (*BL*, vol. II, p. 527-528) e Vitorino José da Costa (*DBP*, vol. VII, p. 444-446), colaborador nos últimos números. Praticava uma linguagem arrojada para a época, influenciada pela escrita satírica europeia, espantando o leitor até pelas imagens herméticas utilizadas (*DJP*, vol. I, p. 32-34 v.º; Lapa, 1967, p. 29-31).

Reflexo das primeiras actividades do periodismo satírico, a folha *Queyxas de Manoel de Passos* [1731] deve, presumivelmente, a sua autoria a Jerónimo Tavares Mascarenhas de Távora (*DBP*, vol. III, p. 278-279; vol. X, p. 137-138), citado como um dos primeiros "jornalistas" do século XVIII. A folha *Queyxas de Manoel de Passos* (*CPS*, p. 70) é um registo constituído por 8 fólios em formato «in-quarto», relatando a defesa ficcional de um personagem chamado *Manuel de Passos*, poeta de ofício, o qual viu a sua entrada numa Academia literária, dita a *Fleumatica*, negada pela cor da sua pele. As *Queyxas de Manoel de Passos* (*CPS*, p. 70), ainda que apenas um suplemento do *Folheto de Ambas Lisboas*, revela-se útil para conhecer o quotidiano lisboeta coevo.

O Expresso da Corte (*CPS*, p. 70) foi um periódico dedicado à Corte lisboeta e às festividades profanas e religiosas ao longo de 1740. Esta publicação teria, segundo as informações disponíveis, uma periodicidade semanal e foi escrita por D. José Barbosa (*BL*, vol. II, p. 825-829; *DBP*, vol. IV, p. 259-264; vol. XII, p. 252) segundo o modelo formal das *gazetas*, onde apelava à necessidade de vulgarizar as novidades. Porém, *O Expresso da Corte* não existe em nenhum depósito, sendo que A. X. da Silva Pereira foi o primeiro a referenciá-lo dando conta de 3 números «in-quarto» com 8 fólios, datados entre 1 de Janeiro e 20 de Novembro de 1740 (*DJP*, vol. I, p. 28-30).

Este compilador declarava que os números de *O Expresso da Corte* estavam nos arquivos nacionais nos finais do século XIX, mas, inexplicavelmente, esses números desapareceriam, pelo que apenas poderemos interpretar estas informações em conformidade com o *Diccionario Jornalistico Portuguez*. No entanto, D. José Barbosa, foi um dos primeiros 50 académicos da Academia Real de História Portuguesa e um pregador famoso no seu tempo (Mota, 2003, p. 245-247).

Como exemplo das traduções de periódicos estrangeiros na primeira metade do século XVIII, apresenta-se-nos o *Mercurio Historico y Politico*, periódico holandês vertido para os idiomas castelhano e francês com o título genérico *Mercurio del Haya* ou *Mercure Historique et Politique* [1686-1782], respectivamente, traduzido para o castelhano por um tal Mr. Le Margne, de quem nada sabemos. Em Agosto de 1741, um tal João de Buitrago (*DBP*, vol. X, p. 197), igualmente uma individualidade obscura, começou a traduzir e divulgar alguns números do *Mercurio Historico y Politico*, conhecidos por *Mercurios Hespanhoes* em Portugal. Estes exemplares saíram mensalmente entre Agosto de 1741 e Dezembro de 1744, impressos em formato

«in-doze», pela *Officina* Silviana em Lisboa (Cunha, 1941, p. 42; Tengarrinha, 1989, p. 251). Passados alguns anos, reapareceriam, pelo mesmo tradutor, alguns números avulsos traduzidos [1759].

A compilação periódica *Cartas Familiares, Historicas, Politicas e Criticas* (da autoria de Francisco Xavier de Oliveira, o afamado «Cavaleiro de Oliveira», é um dos testemunhos da vida mundana europeia nos meados do século XVIII. Não se trata de um verdadeiro "periódico", em nossa opinião, embora lhe admitamos características partilhadas com outros periódicos "em forma de *carta*", nomeadamente quanto à periodicidade baseada numa correspondência marcada pela crítica social (*DBP*, vol. III, p. 90-93; vol. IX, p. 391-392; Figueiredo, 1944, p. 294-295; Rodrigues, 1950).

A imensidade dos assuntos desenvolvidos por Francisco Xavier de Oliveira é vastíssima, o qual, deambulando pelas principais cidades europeias e desprezado na sua pátria, nunca esqueceu as suas raízes. Com uma periodicidade quase bissemanal, as *Cartas Familiares, Historicas, Politicas e Criticas* abrangem mais de 150 folhetins compilados por Adriaen Moetjens, impressor holandês. Esta publicação epistolar é composta por 56 cartas [I volume] e 100 cartas [II volume], sendo a primeira carta datada de 3 de Janeiro de 1736 e a última de 27 de Dezembro de 1737.

Abordamos agora os *Fastos Politicos e Militares* [1745], de Inácio Barbosa Machado (*BL*, vol. II, p. 532-533), relembrando as dificuldades em inserir este título no universo periódico português. À excepção da sua publicação em folhetins compilados e ser pautada por normas cronológicas, o conceito de «efeméride» foi abundantemente aplicado nestas reflexões. Obra de referência da historiografia setecentista, os *Fastos Politicos e Militares* serão, na melhor das possibilidades, uma publicação periódica apoiada em efemérides/fastos e não uma *gazeta* ou *folheto* convencionais. Os *Fastos Politicos e Militares* terão sido, casualmente, distribuídos mensalmente, à semelhança do que terá sucedido com o *Anno Historico, Diario Portuguez* [1714/1744], título póstumo do P.e Francisco de Santa Maria. Com a devida prudência, incluimos este "periódico" na nossa explanação.

O panfleto denominado *Paschoino em Portugal*, publicado em Janeiro de 1748, é um simples *pasquim* que difundia textos jocosos, embora com um intuito lúdico. Não se conhecem os seus autores ou o lugar onde foi impresso, assim como outros números se supõem ter existido. Em boa verdade, o *Paschoino em Portugal* (*CPS*, p. 68), do qual conhecemos um único exemplar, com 7 fólios «in-quarto», era uma colectânea de conselhos práticos ao jeito dos *almanaques*.

Na mesma circunstância, surgiu o *Folheto Cotovia*, com uma edição semanal, a julgar pelo frontispício do único número, a 11 de Junho de 1749 (*CPS*, p. 49). Típico folheto *moliéresco* dos meados do século XVIII, possui 8 fólios «in-quarto», sendo de registar que o seu redactor fez um primeiro apelo à liberdade da imprensa humorística.

Num. 1.

SALE & SUBSTANTIA

Primeira semana de Janeiro de 1748.

PASCHOINO
EM PORTUGAL.

Discurso jocosserio, e jocosa critica para entretenimento dos curiosos.

NÃO vos admire o verseme agora em vossos Reynos, pois outra cousa me não traz a elles, que huma benevola gratidão dos beneficios, que costumais fazer á minha patria; já de muitos tempos ella seria defanimado esqueleto, se vós outros com a bolça aberta lhe não estivesseis administrando as forças para sustentar o seu antigo luzimento: se vos receais da minha mordacidade por terme atrevido até ás mesmas Thiaras, e Coroas da Europa, socegay vossos animos, porque não só do tempo me veio já muy quebrantado, porém a inclinação, que vos tenho, me não permittiria, que passasse de comedido. Sabendo, que das faltas de divertimentos costumão enfermar as creaturas, e que da ociosidade nascem todos os achaques, que fazem viciosa

N. 1 Pag. 1

FOLHETO.

COTOVIA.

11 de Junho de 1749.

AInfluxos, ou difluxos da minha curiosidade brotaõ (oh amigo Leitor) os Folhetos no jardim do licito passatempo: veyo esta planta dos melhores Reynos da Europa para se dispôr em Portugal, e com todo o cuidado entro eu agora a cuidar na producçaõ delles, que me parece naõ deixaráõ todas as semanas de darem nos canteiros do prélo os saborosos frutos para o teu recreyo, os quaes no prato do teu gosto feráõ a mostarda da tristeza, e a alcaparra da melancolia. Nem a horta das Hesperides póde dar frutos, ou hortalices, que se comparem com hum Folheto, e tenaõ dizeme: qual couve tempéra melhor a panella dos cuidados? Que alface serve para fazer mais sofrivel a cellada das molestias? Que chicoria será melhor para a diéta de hum hypocondrico? E quaes misturadas faráõ mais excellente espernegado na tigella do

a di-

Figura 20
Paschoino em Portugal. Discurso jocosserio, e jocosa critica para entretenimento dos curiosos, [s. n.], [s. l.], Janeiro 1748.
Fonte: reprodução do original.

Figura 21
Folheto Cotovia, [s. n.], [s. l.], Junho 1749.
Fonte: reprodução do original.

1.6. A caminho da especialização/diversificação no universo periódico

O primeiro periódico português puramente científico, o *Zodiaco Lusitanico-Delphico* seria, simultaneamente, o primeiro a ser impresso no Porto (*DJP*, vol. I, p. 56-59; Cunha, 1941, p. 242-243; Paulo, 1944; Tengarrinha, 1989, p. 50-52; Nunes, 2001, p. 54). Publicado sob a chancela da *Academia dos Escondidos da Cidade do Porto, Imitadores da Natureza*, a sua redacção esteve delegada a Manuel Gomes de Lima Bezerra (*BL*, vol. III, p. 278-279; vol. IV, p. 243; *DBP*, vol. V, pp. 444-445). Pela sua curiosidade, o *Zodiaco Lusitanico-Delphico* marcou o arranque do periodismo no Porto. Elaborado à parecença do *Zodiacvs Medicvs-Gallicvs* [Genebra, 1680], foi um testemunho dos avanços científicos portuenses.

Entre os seus colaboradores, os quais usaram pseudónimos como *Andromaco* ou *Rhasis*, por exemplo, este periódico teve a protecção de D. José I. Apenas se conhece a edição inaugural do *Zodiaco Lusitanico-Delphico*, embora tenham existido outros números entre Janeiro e Maio de 1749, actualmente desaparecidos.

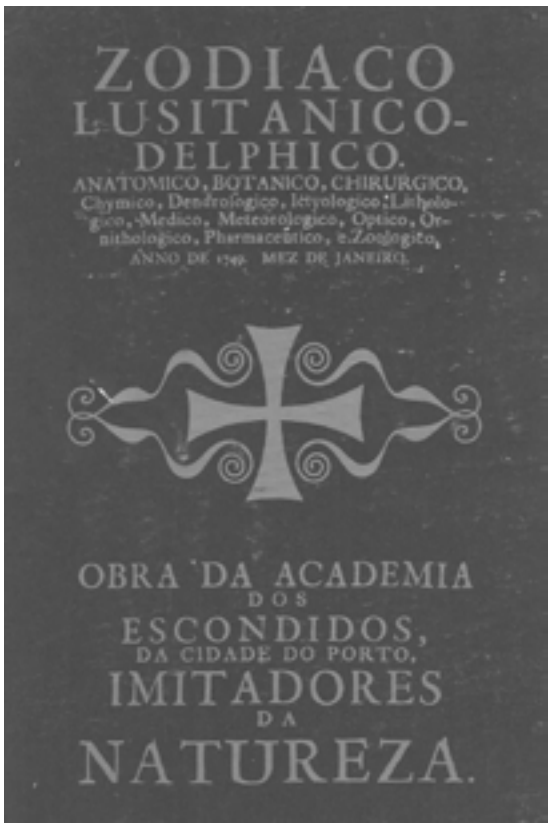


Figura 22
Zodiaco Lusitanico-Delphico...,
[s. n.], Porto, 1749.
Fonte: reprodução do original.

Figura 23
Iosephus I. D. G. Rex Portvg. et. Alg...,
gravura maneira negra, p&b, [s. n.],
[s. l.], 1756.
Fonte: reprodução do original.

Este número contém 18 fólios «in-quarto», complementados com os estatutos e nomeações da *Academia dos Escondidos da Cidade do Porto*. Foram divulgados alguns casos práticos de Medicina por médicos baseados numa bibliografia especializada, tendo primado pela isenção e o valor científico.

Retomamos as questões ligadas ao aludido Francisco Xavier de Oliveira [«Cavaleiro de Oliveira»], autor do "periódico" *Amusement Périodique*, ou *Recreação Periódica* [1751], impresso no idioma francês, ainda que em Londres (*DBP*, vol. IX, 1870, p. 392). É composto por uma colectânea de 93 *cartas* ou *folhetins* «in-oito», alguns dos quais anteriormente publicados em *Cartas Familiares, Historicas, Politicas e Criticas* [1741-1742], em Amesterdão e Haia (*DJP*, vol. I, p. 27-28; Tengarrinha, 1989, p. 45). Em tudo análogo a essa primeira obra, a maioria dos estudos e referências incluem este "periódico" nesse agregado.

Surge-nos imediatamente *O Anonymo*, pelo P.^e^ Bento Morganti (*BL*, vol. I, p. 506-507; vol. IV, p. 73-74; *DBP*, vol. I, p. 349-350; vol. VIII, p. 375) — embora este não se identificasse oficialmente como o seu autor —, publicação que influenciou o nosso universo periódico na charneira do século XVIII. Altamente interventivo, *O Anonymo* (Dias, 2006) assumia-se como um utensílio instrutivo, aspirando a ser um "conselheiro" nas questões do quotidiano. Numa época em que a esfera social ascendia a uma maior expressividade, foi um dos periódicos editados no período pombalino.

Num. 3 5

COM PRIVILEGIO REAL.

O ANONYMO,

Repartido pelas ſemanas, para divertimento, e utilidade do publico.

Effeitos da Prudencia, e Providencia.

VAlha-me Deos, que nem ainda neſte retiro deixão de continuar as perſeguiçoens! O certo he, que agora conheço ſer verdade, e maxima bem certa dizerem, que o lugar mais ſeguro para hum homem deixar de ſer tentado, nam he o Dezerto, nem a abſtracção da communicaçam da Corte, porque a experiencia me moſtra, que em quanto nella eſtive, era menos perſeguido de perguntas impertinentes, e menos obrigado de meus amigos a moralizar ſobre os muitos, e diverſos aſſumptos, que cada dia offerece ao diſcurſo a continua variedade de huma Corte; porque nella não falta quem por ſua devoção ſe empregue neſſe exercicio; mas aqui adonde me parecia que ninguem daria comigo, e que occulto aos olhos de todos, até a lembrança ſe extinguiria, vejome importunado, perſeguido, e obrigado a conſervar correſpondencias, he até dõde póde chegar a deſgraça para quem eſcolheo por fortuna livrarſe deſtes laberyntos. Mas como quem ſe retira, nem por iſſo de todo morre, não ſei que eſpirito chocalheiro deo com a lingoa nos dentes, e

A pelo

Figura 24
O Anonymo, repartido pelas semanas, para divertimento, e utilidade do publico, Officina de Pedro Ferreira, Lisboa, 1752-1754.
Fonte: reprodução do original.

Bento Morganti, nascido em Roma e filho de pais portugueses, era licenciado em Cânones pela Universidade de Coimbra e prelado na Sé de Lisboa. Foi um escritor experimentado na investigação histórica e científica, tendo sido redactor de dois periódicos: *O Anonymo* [1752-1754], composto por 4 séries distintas de 42 números semanais, em formato «in-quarto»; e o periódico *Tardes de Maio* [1758], de 8 números e, segundo se consta, irremediavelmente perdido.

Exemplo evidente desta acepção foi o *Folheto* [1752], publicação humorística editada em Lisboa. De autoria anónima e com 8 fólios «in-quarto», só se conhece um exemplar, curiosamente o segundo número (*CPS*, p. 48).

FOLHETO.
Num. 2.
NOTICIA, QUE SE DA
(QUERO DIZER)
Que ſe vende a todos
OS
CURIOSOS DA CORTE,
Que naõ tiverem noticia da meſma couza, que agora lhes chega á noticia.
SABEM O QUE HE? NAM?
Pois eu lho digo.
Prodigioſa origem, e admiraveis progreſſos
DA SERENISSIMA SENHORA
DONA SECIA.
HISTORIA VERDADEIRA,
aſſim a modo de fabula,
ESCRITA
POR SEU PROPRIO AUTOR;
Eſtando elle meſmo prẽſente; por final, que eſtava com a ſua penna, quando a eſcreveo.
Ora ouçamos, que ahi começa a fallar o papel.
LISBOA:
Na Officina de MANOEL DA SYLVA,
M. D. CC. L. II.
Com as licenças neceſſarias.

Figura 25
Folheto..., n.º 2, Officina de Manuel da Silva, Lisboa, 1752.
Fonte: reprodução do original.

1.7. O incremento do periodismo literário nos meados do século XVIII

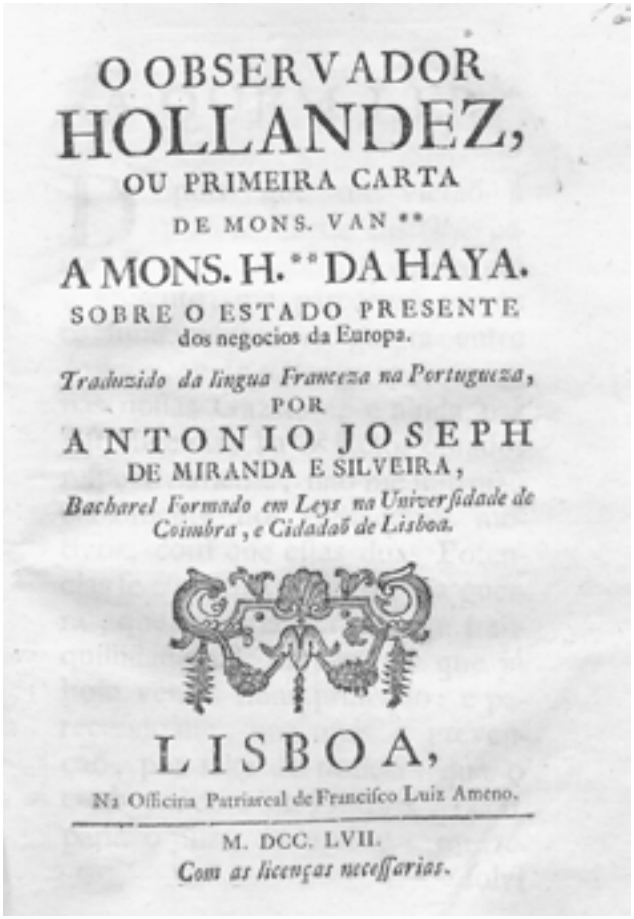
O Occulto Instruido, um dos periódicos mais famosos do século XVIII, foi um marco do profissionalismo gradual no ofício periodista em Portugal (*DBP*, vol. XVII, p. 117; *DJP*, vol. I, p. 123-125 v.º; *GEPB*, vol. XXIX, p. 187). Praticamente ignorado pelo panorama historiográfico, dedicou-se ao entretenimento e à instrução. Conseguiu, em cerca de dois anos, captar a atenção de um público atraído por actualidades e informações históricas. Ainda não se conhece o redactor deste periódico devido ao anonimato militante destes *papéis*, pois, em opinião desse autor, só as obras eruditas deveriam identificar-se. *O Occulto Instruido* possui 17 folhetos «in-quarto», de 8 fólios, cuja numeração surge sequenciada, dado prever-se, ao fim de cada série, a possibilidade de encadernar esses volumes (Cunha, 1941, p. 243; Piwnik, p. 545; *CPS*, p. 65).

Divulgando notícias históricas, geográficas e políticas de várias nações da Europa, nutriu uma preferência para as biografias dos soberanos estrangeiros e das querelas religiosas. Preocupado em apresentar um trabalho jornalístico com uma matriz enciclopédica, transparece a influência das correntes literárias francesas, concedendo algum fôlego às correntes científicas coetâneas (Tengarrinha, 1989, p. 45-46; Alves, 2005, p. 209). Observa-se ainda a demanda por uma crítica imparcial, elucidativa e respeitadora dos bons costumes, onde — caso inédito até então —, se debateu o acesso dos periódicos a todas as bolsas. Responderia às críticas de vários eruditos, declarando que o Conhecimento deveria estar ao alcance de todos e não unicamente de alguns.

O *Observador Hollandez* foi o modelo representativo dos periódicos políticos do século XVIII, cuja base noticiosa assentou numa antologia de escritos pessoais com carácter diplomático. De acordo com as indicações bibliográficas disponíveis, foi possível presumir a autoria do *Observador Hollandez*, até agora incógnita, mas que seria Jacob-Nicolas Moreau, jurisconsulto francês e, curiosamente, o último cronista-mor de França antes da Revolução de 1789.

Raro testemunho das hostilidades entre a França e a Inglaterra entre 1757 e 1758, logo ao início da Guerra dos Sete Anos [1756-1763], debruçou-se sobre as contendas na Europa, mas também no norte da América, o que era uma verdadeira novidade no nosso periodismo. Redigido de acordo com o prisma francês, era endereçado a um correspondente holandês *imaginário*, engrandecendo as políticas francesas e denunciando a agressão do inimigo inglês. Considerava imprescindível manter o domínio da *Nova França* [Canadá], tecendo observações sobre os efeitos político-económicos sobre o conflito e para o qual Portugal seria arrastado.

Figura 26
O Observador Hollandez..., Officina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, Lisboa, 1757.
Fonte: reprodução do original.


O OBSERVADOR
HOLLANDEZ,
OU PRIMEIRA CARTA
DE MONS. VAN **
A MONS. H.** DA HAYA.
SOBRE O ESTADO PRESENTE
dos negocios da Europa.
Traduzido da lingua Franceza na Portugueza,
POR
ANTONIO JOSEPH
DE MIRANDA E SILVEIRA,
Bacharel Formado em Leys na Universidade de Coimbra, e Cidadaõ de Lisboa.
LISBOA,
Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.
M. DCC. LVII.
Com as licenças necessarias.

Resta-nos dizer que o seu tradutor foi António José de Miranda e Silveira, um obscuro magistrado lisboeta — que se considerava escassamente informado sobre estes assuntos —, o qual traduziu os 15 exemplares originais de O *Observador Hollandez*, variando entre os 15 e 21 fólios «in-quarto». Embora só se conheçam três números, a julgar pelos catálogos bibliográficos (*CPS*, p. 64), salientamos que esta publicação teve a protecção de Sebastião José de Carvalho e Melo, marquês de Pombal.

O "periódico" intitulado *Academia dos Humildes e Ignorantes*, editado alternadamente entre 1758 e 1765-1770, foi uma *paródia* às academias literárias e científicas que proliferam na Europa (*DHL*, 1994, p. 17; *PDH*, vol. I, p. 38; *GEPB*, vol. I, p. 178). Publicado em folhetos de 8 fólios «in-quarto», o seu primeiro número sairia em Setembro de 1758 — ao findar de cada ano ou dos 52 números [ou «conferências»] encadernava-se tal volume —, de modo que a obra completa possui oito volumes editados até 1765 ou 1770, de acordo com vários estudos (*DJP*, vol. I, p. 61-62; Cunha, 1941, p. 243; Tengarrinha, 1989, p. 45-46; Alves, 2005, p. 209).

Santa Rita Joaquim de

ACADEMIA
DOS
HUMILDES, E IGNORANTES.
DIALOGO
Entre hum Theologo, hum Filoſofo, hum Ermitaõ, e hum Soldado,
No ſitio de Noſſa Senhora da Conſolaçaõ.
OBRA UTILISSIMA
Para todas as peſſoas Eccleſiaſticas, e Seculares, que naõ tem Livrarias ſuas, nem tempo para ſe aproveitarem das publicas.
SUMMA EXCELLENTE
De toda a Theologia Moral, Filoſofia antiga, e moderna, Mathematica, Direito Civil, e Canonico, de todas as Sciencias, Artes Liberaes, e Mecanicas.
COMPENDIO BREVISSIMO
De todas as noticias do mundo, das ſuas partes, Imperios, Reynos, Cidades, Villas, Caſtello, Fabricas notaveis, Coſtumes, Ritos, e Leys. Da vida de Chriſto Senhor noſſo, de ſua Mãy Santiſſima, de todos os Santos, Santas, e Veneraveis mais conhecidos. De todos os Sammos Pontifices, Imperadores, Reys, Principes, deſde o principio do Mundo, até ao preſente tempo. Deſcripta a Hiſtoria Sagrada, Eccleſiaſtica, e Secular. De todos os ſucceſſos, assi naturaes, e exquiſitos; e de todos os artefactos, e mecanismos antigos, e modernos.
POR
D. F. J. C. D. S. R. B. H.
TOMO I.
LISBOA: MDCCLXII.
Na Officina de IGNACIO NOGUEIRA XISTÓ.
Com todas as licenças neceſſarias.
Vende-ſe na meſma Officina a Santo Antonio da Mouraria á entrada da rua dos Cavalleiros, aonde ſe achará o Index geral dos ſeis Tomos da meſma Obra.

Figura 27
Academia dos Humildes e Ignorantes..., vol. I, Officina de Inácio Nogueira Xisto, Lisboa, 1752 [1758].
Fonte: reprodução do original.

Nos frontispícios da *Academia dos Humildes e Ignorantes* observam-se as siglas «D. F. J. C. D. S. R. B. H.», indicando, supostamente, o nome do autor — após alguma polémica, seria o obscuro Fr. Joaquim de Santa Rita (*DBP*, vol. I, pp. 3-4; vol. VIII, p. 6; Fonseca, 1896, p. 106). o responsável pela *Academia dos Humildes e Ignorantes*? Cada número sugere uma «conferência», cujo assunto versava conforme a 'sua' actualidade em jeito de diálogo entre 4 personagens principais — o *teólogo*, o *filósofo*, o *ermitão* e o *soldado* —, e outras figuras secundárias que comparecem num espaço fictício, ou seja, no "*sítio de Nossa Senhora da Consolação*".

A inclusão da *Academia dos Humildes e Ignorantes* na imprensa periódica será sempre uma acepção discutível. Este periódico, partindo do pressuposto de considerar-se um órgão jornalístico, foi, ao seu tempo, um projecto altamente empreendedor. O seu promotor teve a perfeita noção de que os leitores aumentavam em número e exigência intelectual, daí a obrigatoriedade em publicar um conteúdo douto, ainda que breve, direccionado a todos os leitores que não dispunham de bibliotecas e livrarias.

Finalizando, segue-se um outro periódico conhecido pelo título plural *Mercurios Historicos de Portugal*, ou *Introducçam aos Mercurios Historicos de Portugal* [1759], um outro nome, mas referindo-se ao mesmo periódico, o qual compreende uma tradução de vários excertos do *Mercurio de Haya*, em 93 fólios «in-oito». É uma tradução imputada a um tal Alexandre Ferreira de Faria, identificado no próprio frontispício com as siglas «A. F. de F. M.». Editado em Lisboa, transmitiu notícias das principais Cortes europeias, assim como do início da Guerra dos Sete Anos, em que Portugal manteria, naquele momento, uma neutralidade dúbia pelo pulso pombalino (Barrento, 2006).

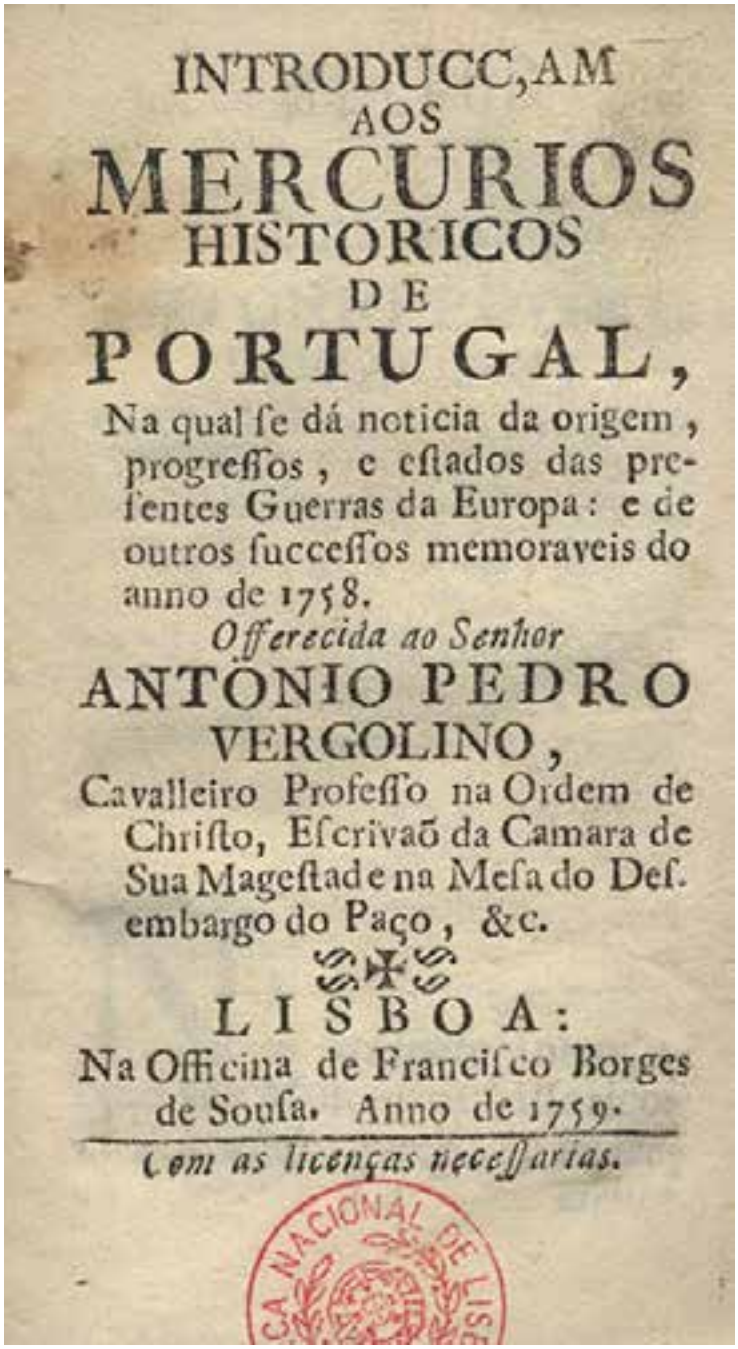

INTRODUCC,AM
AOS
MERCURIOS
HISTORICOS
DE
PORTUGAL,
Na qual ſe dá noticia da origem, progreſſos, e eſtados das preſentes Guerras da Europa: e de outros ſucceſſos memoraveis do anno de 1758.
Offerecida ao Senhor
ANTONIO PEDRO
VERGOLINO,
Cavalleiro Profeſſo na Ordem de Chriſto, Eſcrivaõ da Camara de Sua Mageſtade na Meſa do Deſembargo do Paço, &c.
LISBOA:
Na Officina de Franciſco Borges de Souſa. Anno de 1759.
Com as licenças neceſſarias.
BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Figura 28
Introducçam aos Mercurios Historicos de Portugal..., Officina de Francisco Borges de Sousa, Lisboa, 1759.
Fonte: reprodução do original.

1.8. *Fazedores* de periódicos: D. José Ângelo de Morais ou *José Maregelo de Osan*

Um dos mais periodistas mais laboriosos nos meados deste século foi, indiscutivelmente, D. José Ângelo de Morais, o qual usou o pseudónimo [ou anagrama] *José Maregelo de Osan*, patente em todas as suas obras (*DBP*, vol. IV, pp. 234-235; vol. V, p. 14; *PDH*, vol. IV, p. 1280; *GEPB*, vol. XVII, pp. 810-811). Pouco se sabe acerca deste autor setecentista, além ser cónego regrante da Ordem de Santo Agostinho e pouco mais. Ao invés, a sua actividade periodista foi extremamente fecunda, dado que que, às suas expensas e somente entre 1759 e 1762, editou cinco periódicos, entre outros opúsculos, tais como o *Despertardor de Marte* [1762] (Bebiano, p. 448, 454).

No conjunto da actividade periodista de D. José Ângelo de Morais recordamos, em primeiro lugar e por ordem cronológica, *Os Medicos Perfeitos* [1759] (*DJP*, vol. I, p. 116-116 v.º; Cunha, 1941, p. 244; Tengarrinha, 1989, p. 45-46; Alves, 2005, p. 209). Compreende 15 números semanais, de 8 fólios «in-quarto», cujo único propósito foi relatar textos ético-morais, depois compilados na primeira parte de *Semanas Proveitosas ao Vivente Racional* [1760] (*DJP*, vol. I, p. 141). Estes escritos '*disciplinadores*' versavam sobre as soluções para os vícios da sociedade portuguesa com a "aplicação" de uma determinada "posologia". Ou seja, para cada "desvio social", D. José Ângelo de Morais recomendaria vários remédios extraídos dos filósofos gregos, assim como dos Doutores e Padres da Igreja, etc.

Paralelamente, em *Os Medicos Perfeitos*, encetou a publicação de *O Discipulo Instruido* [1759-1760]. Embora diferente do precedente, era um periódico semanal composto por 15 números, de 8 fólios «in-quarto», e representava um diálogo entre o "discípulo" e um "mestre" sobre temas triviais. Como tal, expôs um rol de perguntas e respostas para distracção do leitor, em paralelo com uma tentativa de explicar alguns fenómenos da Natureza — questões algo inesperadas, mas que reflectiam as superstições ainda radicadas na nossa sociedade (*DJP*, vol. I, p. 88; Cunha, 1941, p. 245).

O terceiro periódico publicado por D. José Ângelo de Morais intitula-se *Palestra Admiravel, Conversaçaõ Proveitosa* [1759-1760] e, tal como os seus congéneres, foi uma publicação semanal com 18 números «in-quarto». Neste periódico retratam-se as proezas de Camilo, um jovem lisboeta, o qual, após uma vida desregrada, era instruído nos caminhos da Moral e da História, considerados como alicerces educacionais (*DJP*, vol. I, p. 127; Cunha, 1941, p. 245; *GEPB*, vol. XX, p. 80; *CPS*, p. 113).

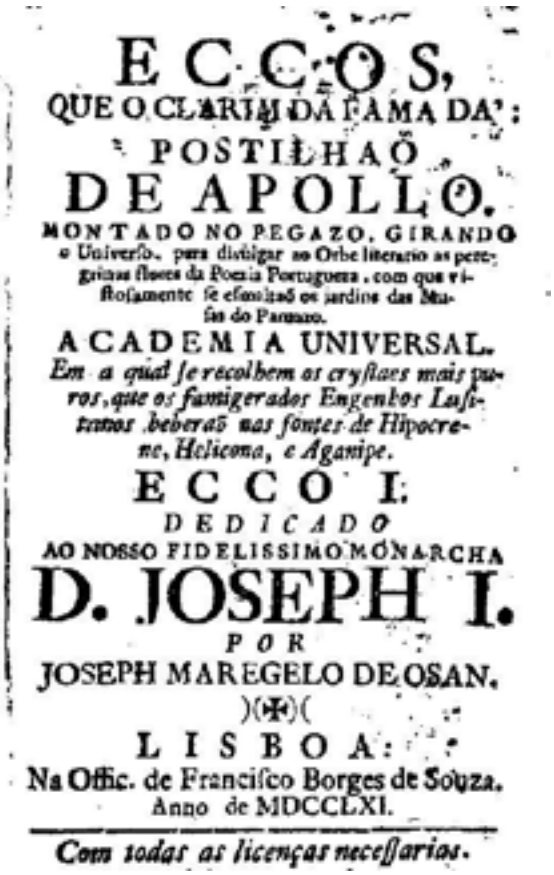
O DISCIPULO
INSTRUIDO
PELOS MESTRES MAIS SABIOS NOS
segredos naturaes das Sciencias,
DISTRIBUIDO POR SEMANAS,
Em Perguntas, e Reſpoſtas,
NAS QUAES TERÁS, O' CURIOSO LEYTOR,
não ſó liçaõ, que te recree o animo, mas tambem (com
pouco trabalho) adquirirás huma cabal noticia dos
naturaes ſegredos, que com tanto deſvélo, e eſtu-
do procurárão indagar os antigos, e moder-
nos Eſcritores.
SEMANA PRIMEIRA.
A qual ſervirá de expoſiçaõ a eſta Obra,
QUE OFFERECE AO PUBLICO
JOZE MAREGELO DE OSAN.
LISBOA:
NA Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.
Anno de 1759.
Com todas as licenças neceſſarias.

Figura 29
O Discipulo Instruido pelos Mestres mais Sabios nos segredos naturaes das Sciencias..., n.º 1, Officina de Francisco Borges de Souza, Lisboa, 1759.
Fonte: reprodução do original.

PALESTRA
ADMIRAVEL,
CONVERSAÇAÕ
PROVEITOSA,
E noticia univerſal do Mundo.
DISTRIBUIDA POR NUMEROS,
e ſemanas.
PARA EMPREGO DA OCIOSIDADE,
deſterro da melancolia, e liçaõ para recrear, e
inſtruir a todo o eſtado de peſſoas.
NUMERO I.
SEMANA I.
QUE OFFERECE AO PUBLICO
JOZE MAREGELO DE OSAN-
LISBOA:
NA Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.
Anno de 1759.
Com todas as licenças neceſſarias.

Figura 30
O Palestra Admiravel, Conversaçaõ Proveitosa..., n.º 1, Officina de Francisco Borges de Souza, Lisboa, 1759.
Fonte: reprodução do original.

O último "periódico" publicado por D. José Ângelo de Morais foi *Eccos que o Clarim da Fama dá ou o Postilhaõ de Apollo* [1761-1762], uma compilação poética de autores renascentistas e barrocos portugueses, em folhetos «in-oito», a qual reuniu os folhetins difundidos em dois volumes (*DJP*, vol. I, p. 131-132; Cunha, 1941, p. 245). Sendo que alguns trabalhos eram inéditos e outros textos foram compilados na *Fenix Renascida* [1716 e 1746], refiram-se os textos poéticos de António Barbosa Bacelar, António da Fonseca Soares, Francisco de Vasconcelos Coutinho e vários autores anónimos (Loureiro, 1987). Cada volume corresponde a um *Ecco*, mas o terceiro *Ecco*, relativo ao terceiro volume e cuja impressão foi anunciada, não chegou a publicar-se (*HLP*, 474; Simões, p. 410-411).



ECCOS,
QUE O CLARIM DA FAMA DÁ:
OU
POSTILHAÕ
DE APOLLO.
MONTADO NO PEGAZO, GIRANDO
o Universo, para divulgar ao Orbe literario as peregrinas flores da Poesia Portugueza, com que vistosamente se esmaltaõ os jardins das Musas do Parnazo.
ACADEMIA UNIVERSAL.
Em a qual se recolhem os crystaes mais puros, que os fumigerados Engenhos Lusitanos beberaõ nas fontes de Hipocrene, Helicona, e Aganipe.
ECCO I.
DEDICADO
AO NOSSO FIDELISSIMO MONARCHA
D. JOSEPH I.
POR
JOSEPH MAREGELO DE OSAN.
)(✠)(
LISBOA:
Na Offic. de Francisco Borges de Souza.
Anno de MDCCLXI.
Com todas as licenças necessarias.

Figura 31
Eccos que o Clarim da Fama dá ou o Postilhaõ de Apollo montado no Pegazo..., Officina de Francisco Borges de Souza, Lisboa, 1761.
Fonte: reprodução do original.

1.9. O periodismo literário e historicista na expansão das *Luzes* em Portugal

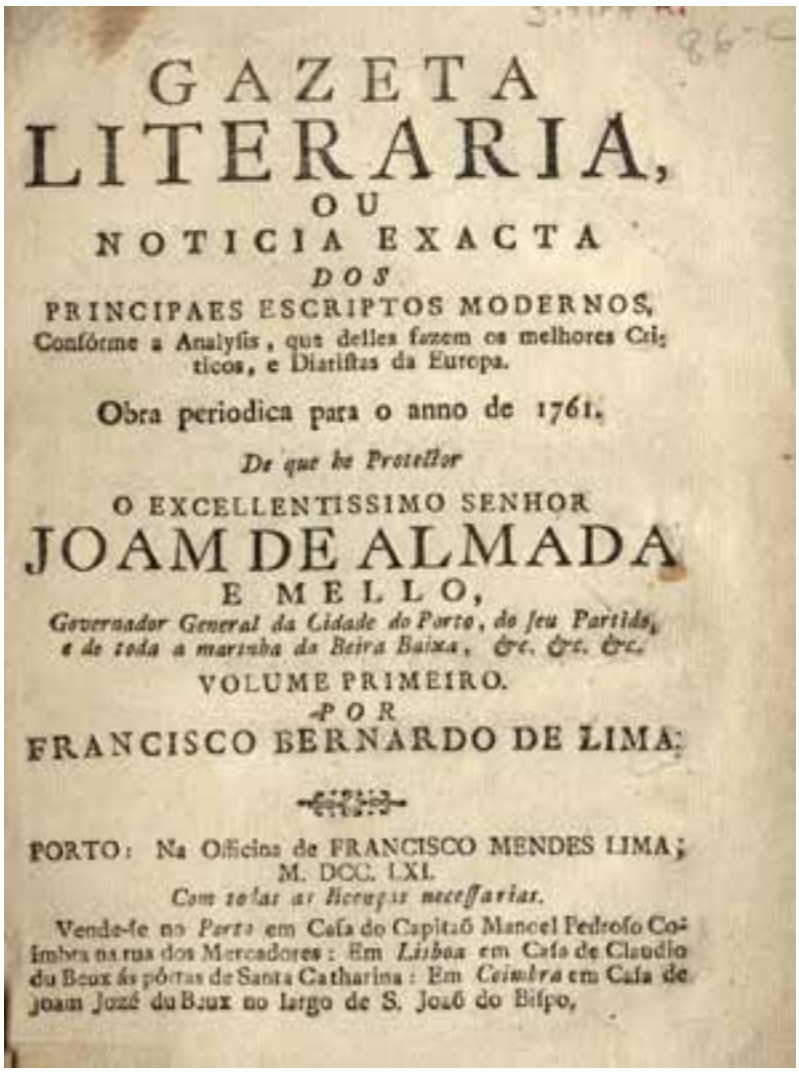
Um dos periódicos mais inovadores de todo o século XVIII foi a *Historia Universal Antiga e Moderna* [1760], da autoria do presbítero João Baptista de Castro, ainda que surgam as siglas «J. J. L.» no frontispício (*BL*, vol. II, p. 596-597; vol. IV, p. 173; *DBP*, vol. III, p. 300-302; vol. X, p. 171-172; *GEPB*, vol. VIII, p. 242-243). Embora seja uma obra periódica completamente olvidada, a *Historia Universal Antiga e Moderna*, foi o primeiro periódico a referir o Antigo Egipto (*DJP*, vol. I, p. 107-107v.º; Cunha, 1941, p. 245; *GEPB*, vol. XIII, p. 297; Tengarrinha, 1989, p. 45-46, 53-54; Alves, 2005, p. 209). Publicado semanalmente, só nos chegaram 5 folhetins de 8 fólios «in-quarto», mas terá continuado a sua edição, mas, por motivos desconhecidos, não pôde concretizar os seus desígnios.

Figura 32
Historia Universal Antiga e Moderna..., Officina de Inácio Nogueira Xisto, Lisboa, 1760.
Fonte: reprodução do original.

HISTORIA
UNIVERSAL
ANTIGA, E MODERNA,
Geografica, Corografica, Topografica, Politica, Literaria, Critica, Chronologica, e Ecclesiastica
De todos os
IMPERIOS, REINOS, E CIDADES,
que tem avido, e à prezentemente no mundo,
QUE CONTEM
Tirada dos melhores Geografos, e Historicos modernos, e antigos,
PARA INSTRUCCAM DOS
CURIOSOS PORTUGUEZES,
que desejarem em breve tempo, e com muita facilidade alcançar uma perfeita noticia da Historia Universal.
Por J. J. L.
LISBOA, M.DCC.LX.
Na Officina de IGNACIO NOGUEIRA XISTO.
Com todas as licenças necessarias.

Entre 1761 e 1762 foi editado o primeiro periódico literário português, a *Gazeta Literaria*, redigida pelo P.e Francisco Bernardo de Lima, primeiramente publicada no Porto e, pouco tempo depois, em Lisboa. Registo de qualidade excepcional, mesmo ao olhar crítico actual, seja pela sua novidade e/ou valor científico, a *Gazeta Literaria* foi um símbolo das *Luzes* em Portugal (*BEVLLP*, vol. II, p. 804-805; *HLP*, p. 613, 624, 637. Considerado o primeiro e mais antigo dos periódicos literários, embora outros periódicos mais antigos como *O Anonymo* [1752-1754] e *O Occulto Instruido* [1756-1758] foram, de algum modo, verdadeiros periódicos literários.

Sendo uma obra individual, em virtude de um intercâmbio epistolar com eruditos e várias sociedades académicas europeias (Mattos, 1788, p. 145-147; Costa, 2001, p. 243; *DBP*, vol. II, p. 352-353; Bruno, 1907, p. 140), a *Gazeta Literaria* beneficiou do desenvolvimento das *gazetas*, dos *jornais* e de obras científicas a que Portugal não se eximiu, apesar dos atrasos generalizados (Rossi, p. 11-12). No programa da *Gazeta Literaria* sobressaem as notícias traduzidas de obras sobre Ciência, Literatura e História Natural, entre outras áreas do Saber (Fernandes, 1993, p. 205-231).



GAZETA
LITERARIA,
OU
NOTICIA EXACTA
DOS
PRINCIPAES ESCRIPTOS MODERNOS,
Conforme a Analyſis, que delles fazem os melhores Criticos, e Diariſtas da Europa.
Obra periodica para o anno de 1761.
De que he Protector
O EXCELLENTISSIMO SENHOR
JOAM DE ALMADA
E MELLO,
Governador General da Cidade do Porto, do ſeu Partido, e de toda a marinha da Beira Baixa, &c. &c. &c.
VOLUME PRIMEIRO.
POR
FRANCISCO BERNARDO DE LIMA.
PORTO: Na Officina de FRANCISCO MENDES LIMA;
M. DCC. LXI.
Com todas as licenças neceſſarias.
Vende-ſe no Porto em Caſa do Capitaõ Manoel Pedroſo Coimbra na rua dos Mercadores: Em Liſboa em Caſa de Claudio du Beux ás pórtas de Santa Catharina: Em Coimbra em Caſa de joam Joſé du Beux no largo de S. Joaõ do Biſpo.

Figura 33
Gazeta Literaria ou Noticia Exacta dos Principaes Escriptos..., Officina de Francisco Mendes Lima, Porto, 1761.
Fonte: reprodução do original.

A *Gazeta Extraordinaria de Londres* [1762], de autoria anónima, mais não é do que a tradução de um relatório militar inglês expedido desde Havana [Cuba] para o palácio de Whitehall [Londres], a 21 de Agosto de 1762. Publicada por E. Owen e T. Harrison em Londres, foi traduzida para o português e publicada por Miguel Rodrigues a 30 de Setembro de 1762, o que prova a fluidez comunicacional da época (*DJP*, vol. I, p. 99; Cunha, 1941, p. 246; Tengarrinha, 1989, p. 46; *CPS*, p. 50; Alves, 2005, p. 209).

Mesmo tratando-se da cópia de um documento militar, considera-se a *Gazeta Extraordinaria de Londres* um periódico de um único número, de 64 fólios «in-quarto», com elevada qualidade narrativa. Noticia a capitulação da praça espanhola de Havana perante as tropas inglesas, a 13 de Agosto de 1762, no decorrer da Guerra dos Sete Anos, sendo uma fonte histórica elementar para esse conflito (Mourinho, 1970).

O folheto *Sonho Lembrado* [1762], de carácter lúdico, da autoria de João Homem de Silveira, apresentava-se como uma miscelânea de assuntos religiosos e profanos (*DBP*, vol.

X, p. 274; *GEPB*, vol. XXVIII, p. 914). Publicado em Lisboa em 1762, apenas se conhecem 2 exemplares de 16 fólios «in-quarto». Segundo parece, teria uma periodicidade semanal, embora esses exemplares tenham-se extraviado, inclusivamente uma primeira edição impressa pouco antes do terramoto de 1 de Novembro de 1755, actualmente desaparecida. Com uma qualidade de impressão e um discurso narrativo douto, o *Sonho Lembrado* possuía estampas ilustrativas no corpo do texto. Incluía várias décimas poéticas inspiradas em animais fabulosos, como a Fénix, p.e. Este periódico foi um dos primeiros periódicos especializados em História (*DJP*, vol. I, p. 143-144; Cunha, 1941, p. 246; Tengarrinha, 1989, p. 53-54; *CPS*, p. 50; Alves, 2005, p. 209).

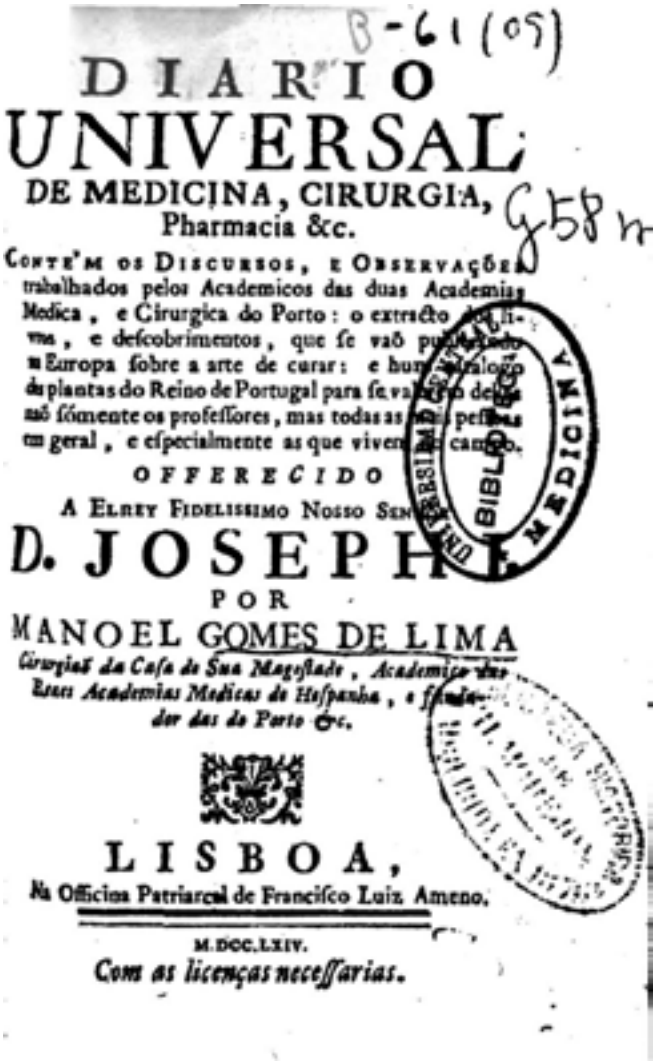
Se houve um periódico que refez então o nosso universo jornalístico, tanto pela sua originalidade como pela fama, seria, muito certamente, o *Hebdomadario Lisbonense* (*DJP,* vol. I, p. 106-106v.º; *GEPB*, vol. XII, p. 1009; Cunha, 1941, p. 246; Lapa, 1967, p. 32-33; Tengarrinha, 1989, p. 46; Alves, 2005, p. 209). Publicado entre Dezembro de 1763 e Julho de 1767, destinava-se especialmente ao público lisboeta, crescentemente receptivo aos *hebdomadários*.

Com uma periodicidade semanal regularíssima perante a quantidade de informação veiculada, foram editados alguns «suplementos», com 4 a 6 fólios «in-quarto». Não se conhecem o autor ou os promotores do *Hebdomadario Lisbonense*, mas, com certeza, estariam ligados a actividades mercantis, pois foi, na sua essência, uma publicação comercial. Em várias ocasiões dedicou panegíricos a Sebastião José de Carvalho e Melo, marquês de Pombal, louvando a sua administração e a licença outorgada ao *Hebdomadario Lisbonense*.

Aqui publicou-se um pouco de tudo: anúncios de "perdidos e achados", alertas para escravos fugidos aos donos com a oferta de alvíssaras, leilões de toda a espécie, produtos de ervanários e boticários, transacções imobiliárias na capital e arrabaldes, assentamentos do movimento portuário lisboeta (Guinote, 1999, p. 7), sem esquecer a publicidade aos cirurgiões-dentistas e às últimas peças teatrais (Almeida, 2001).

Por fim, um dos primeiros periódicos científicos a beneficiar de uma projecção internacional foi o *Diario Universal de Medicina* [1764], da responsabilidade de Manuel Gomes de Lima Bezerra, o autor do nosso primeiro periódico científico, o *Zodiaco Lusitanico-Delphico* e, simultaneamente, o primeiro jornal a ser impresso no Porto (*GEPB*, vol. XII, p. 534). O *Diario Universal de Medicina* foi publicado entre Janeiro e Abril de 1764, contendo cerca de 500 fólios «in-oito», sendo redigido em castelhano, possivelmente atendendo à sua promoção/distribuição a nível ibérico, revelador dos avanços científicos nacionais (*DJP*, vol. I, f.º 87; Cunha, 1941, p. 102, 246; Tengarrinha, 1989, p. 46, 48, *CPS*, p. 44; Alves, 2005, p. 209).

Defendeu o exercício cirúrgico na *praxis* médica, diagnosticando as posologias para vários casos médicos, de acordo com as auscultações registadas nos hospitais portugueses e europeus (Lemos, vol. II, p. 169). O *Diario Universal de Medicina* tratava dos temas da sexualidade feminina, ocasionando, com toda a certeza, um forte escândalo, sendo um marco fundamental da nossa Medicina.



DIARIO
UNIVERSAL
DE MEDICINA, CIRURGIA,
Pharmacia &c.

CONTE'M OS DISCURSOS, E OBSERVAÇÕES trabalhados pelos Academicos das duas Academias Medica, e Cirurgica do Porto: o extracto [illegible] e descobrimentos, que se vaõ publicando na Europa sobre a arte de curar: e hum catalogo das plantas do Reino de Portugal para se valer [illegible] naõ sómente os professores, mas todas as [illegible] em geral, e especialmente as que vivem [illegible] campo.

OFFERECIDO
A ELREY FIDELISSIMO NOSSO SEN[illegible]
D. JOSEPH
POR
MANOEL GOMES DE LIMA
Cirurgiaõ da Caſa de Sua Mageſtade, Academico das Reaes Academias Medicas de Hespanha, e fundador das do Porto &c.

LISBOA,
Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.
M.DCC.LXIV.
Com as licenças neceſſarias.

B-61(09)
G58 n
BIBLIOTECA MEDICINA

Figura 34
Diario Universal de Medicina, Cirurgia, Pharmacia &c..., Officina Patriarchal de Francisco Luiz Ameno, Lisboa, 1764.
Fonte: reprodução do original.

1.10. Oscilações e desgastes na imprensa periódica

Existirão sempre inúmeras omissões no universo periódico português, sendo que a discussão sobre a existência de um periódico como o *Folheto Universal* [1764] é prova dessa constatação (Piwnik, p. 545). Mencionado por alguns especialistas na matéria, não o encontramos em nenhum repositório. Por esta razão, desconhecemos o que noticiaria.

O folheto *Medicina do Amor*, de autor anónimo, é composto por 6 «diálogos» teatrais de 8 fólios «in-quarto» (*DBP*, vol. XVII, p. 20; *CPS*, p. 57). Versando temas passionais, estes folhetos eram vendidos avulso a um público 'absorvido' pelas emoções das novelas. Apesar de direccionado para o teatro, este periódico teve uma forte procura, embora o seu estilo fosse pouco requintado. Pouco mais se sabe acerca deste esquecido *folheto*, outrora vendido por vendedores ambulantes em Lisboa.

(1)

MEDICINA DO AMOR,

NA QUAL SE EXPOEM A ORIGEM; progressos, e fim do mesmo Amor; e se propoem o remedio para evitar as suas desordens:

EXPOSTO TUDO EM HUMA DISPUTA; que na Ribeira das Nãos tiveraõ

DOUS VELHOS, HUM SOLDADO, E HUM ESTUDANTE;

Em que tambem se tóca nas muitas módas, que diariamente se inventaõ, &c.

1. *Velho.* Meu senhor, seja V. M. muito bem apparecido.
2. *Velho.* E V. M. muito bem estado.
1. *Velho.* Que faz, senhor, que há mais de sete mezes, ou cito que nos naõ vemos? Cuidei que já era morto. Mas o outro dia me disse o nosso amigo Estudante, que o vira lá pela Cotovia; e fiquei bem contente com a noticia; e só desejava occasiaõ de o poder vêr.
2. *Velho.* Meu amigo, estive ás portas da morte, se he que a morte tem portas: mas o caso he, que eu estive Sacramentado, e Ungido, e amortalhado; e....
1. *Velho.* Amortalhado! isso agora he mais comprido.
2. *Velho.* Amortalhado, sim senhor; e se acaso as cousas vaõ por diante, infallivelmente me enterraõ vivo.
1. *Velho.* Uy, homem, conte-me isso.
2. *Velho.* Pois amigo, saberá V. M.... Oh, lá vem o Soldado, e o Estudante; sempre saõ dous galantes franchinotes.
1. *Velho.* Meu amigo, aqui os tenho aturado todos os dias com mil despropositos; e o peior he, que cada vez estaõ mais tolos. Mas estos ahi vem; disfarcemos.
2. *Velho.* Continuarei a minha historia. Como hia dizendo; saberá V. M....
Soldado. Ora graças a Deus, que já V. M. apparece.
1. *Velho.* Ahi, homem, já vossé vem gritando lá de meia legoa?

Num. 1.

PALESTRAS CRITICAS E SEMI-JOCOZAS,

EM QUE SE REPREHENDEM OS COSTUMES, E MODAS AFFECTADAS.

PALESTRA PRIMEIRA.

TARDE PRIMEIRA.

LISBOA, MDCCLXXI.

Na Officina de Caetano Ferreira da Costa.

Com licença da Real Meza Censoria.

Figura 35
Medicina do Amor..., Officina de Ignacio Nogueira Xisto, Lisboa, 1764.
Fonte: reprodução do original.

Figura 36
Palestras Criticas e Semi-Jocozas, em que se reprehendem os Costumes, e Modas Affectadas..., Officina de Caetano Ferreira da Costa, Lisboa, 1771.
Fonte: reprodução do original.

As *Palestras Crítica e Semi-Jocozas*, folheto do qual apenas restou um número de 8 fólios «in-quarto», de autoria desconhecida, mas possivelmente elaborado por Caetano Ferreira da Costa, a julgar por obras idênticas que publicou (*DJP*, vol. I, p. 128; Cunha, 1941, p. 251; Tengarrinha, 1989, p. 54; Alves, 2005, p. 155). Por ventura, teria uma edição semanal, em que cada número correspondia a uma «palestra» proferida numa «tarde». Periódico satírico, criticava os exageros das modas *afrancesadas* utilizadas na Corte portuguesa. Crítica sofisticada aos hábitos cortesãos, o autor socorreu-se de exemplos históricos para elogiar a austeridade dos costumes, nomeadamente na República Romana.

Pela dificuldade de inclusão no universo periódico, apesar do título «Mercurio», apontamos o *Mercurio Correctivo e Parenetico* [1776] dificilmente classificado como "periódico" pelos principais estudos especializados (Tengarrinha, 1989, p. 42). Mas decidimos referenciá-lo, embora sem atestar a sua existência em nenhum arquivo.

O "periódico" intitulado *Novidades da Corte* consta de um número único, de 12 fólios «in-quarto», e inclui um soneto panegírico de José Daniel Rodrigues da Costa, figura notória no jornalismo nacional no primeiro quartel do século XIX (*GEPB*, vol. VIII, pp. 242-243;

Tengarrinha, 1989, p. 45-46, 53-54). Detendo as armas reais no seu frontispício, o *Novidades da Corte* contém uma estória entre dois camponeses que se rejubilam com a aclamação da rainha D.ª Maria I [1777]. Neste sentido, a inclusão das *Novidades da Corte* no universo periódico português coloca-se ainda com reservas.

NOVIDADES
DA CORTE
VISTAS
POR JOZINO,
E RELATADAS AOS PASTORES
da sua Aldêa.

LISBOA
Na Offic. de ANTONIO RODRIGUES GALHARDO,
Impreſſor da Real Meza Cenſoria.
M. DCC. LXXVII.
Com licença da meſma Real Meza.
Vende-ſe em caſa de Antonio José Liveiro na rua da Arrochella defronte do adro de S. Bento, e na meſma Officina.

Figura 37
Novidades da Corte vistas por Jozino, e relatadas aos Pastores da sua Aldêa, Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, Lisboa, 1777.
Fonte: reprodução do original.

Encerra-se um capítulo na História da imprensa periódica portuguesa com o "periódico" *Com Privilegio Real*, ou *Privilegio*, também conhecido pelo título bibliográfico *Anuncios Mercantis de Lisboa*. Editado entre o início de 1778 e 13 de Novembro de 1807, pouco antes da primeira invasão francesa, foi publicado por Félix António Castrioto, entre outros redactores (*DBP*, vol. II, p. 259; *GEPB*, vol. VI, p. 252). Compunha-se de várias *folhas* que noticiavam o tráfego portuário de Lisboa, o preço dos produtos agrícolas, os volumes das mercadorias para a importação/exportação e anúncios de toda a ordem, etc. À altura da sua publicação, Félix António Castrioto era o responsável pela *Gazeta de Lisboa* e depois do *Jornal Enciclopedico* — por essa razão, não seria o *Com Privilegio Real* um "suplemento" à *Gazeta de Lisboa*? Seria uma eventualidade, mas carece de fundamento. No entanto, não existe nenhum exemplar que chegasse até nós (*DJP*, vol. I, p. 83-83 v.º; Cunha, 1941, p. 246).

1.11. Do *Jornal Enciclopedico* à quase extinção do periodismo nos finais do século XVIII

Anunciando o triunfo da Ciência e as inovações das *Luzes* em Portugal, patentes em todos os patamares sociais e políticos, as obras científicas proliferaram entre a segunda metade do século XVIII e o primeiro quartel do século XIX. Neste período, predominaram vários tipos de periódicos, além da 'submissa' publicação oficial, a *Gazeta de Lisboa*. A sua maioria dedicava-se a assuntos de natureza mercantil, de teor científico ou de uso agrícola, assim como às áreas literárias, musicais e de entretenimentos, entre outros usos. Surge, então, o *Jornal Enciclopedico*, imbuído do espírito da época — como o seu próprio título indica, foi um dos arautos do Enciclopedismo —, embora com uma expressão modesta no meio científico nacional (Paulo, 1944, p. 46; Lemos, 1991, vol. II, p. 294-295; Araújo, 2003, p. 78-85).

JORNAL
ENCICLOPEDICO
DEDICADO
Á RAINHA
N. SENHORA,
E DESTINADO
PARA INSTRUCÇAÕ GERAL,
COM A NOTICIA
DOS NOVOS DESCOBRIMENTOS
EM TODAS
AS SIENCIAS, E ARTES.
Caderno 1. de Julho 1779.
LISBOA
Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, Impressor da Real Meza Censoria. Anno 1779.
Com licença da mesma Real Meza.

Figura 38
Jornal Enciclopedico dedicado à Rainha Nossa Senhora e destinado para instrucção geral com noticia dos novos descobrimentos em todas as Sciencias e Artes, Officina de Antonio Rodrigues Galhardo [*et al.*], Lisboa, 1779.
Fonte: reprodução do original.

Logo após cessar o *Jornal Enciclopedico*, outros periódicos ostentariam uma designação homónima até à Revolução Liberal de 1820, dos quais falaremos adiante. Embora sem o título de "enciclopédicos", outros periódicos tiveram, na verdade, as mesmas características, propondo-se difundir conhecimentos científicos, literários, filosóficos e artísticos para um auditório cada vez mais alargado, superando os públicos elitistas tradicionais. O *Jornal Enciclopedico* iniciou a sua publicação em Julho de 1779, sob a direcção de Félix António Castrioto, e com o selo do *Privilégio Real*. O primeiro número, ou "caderneta", denominava-se *Prospecto d'um Jornal Enciclopedico* [1779] e foi publicado em nome de uma «Sociedade de Homens de Letras», sendo o 'embrião' do mesmo *Jornal Enciclopedico*, mas que não vingou.

Em virtude de vários obstáculos, o primeiro número do *Jornal Enciclopedico* só ressurgiria em Junho de 1788, por iniciativa de alguns editores, sendo publicado mensalmente até Maio de 1793. Impresso em diferentes *Officinas*, contou com a participação de Manuel Joaquim Henriques de Paiva, Joaquim José da Costa e Sá e Fr. José Agostinho de Macedo, entre outros. Em 1806, o livreiro António Manuel Policarpo da Silva planeou retomar a publicação, mas o *Jornal Enciclopedico* apenas difundiria mais um único número (Dias, 2014). Espaço de vanguarda do movimento enciclopedista, não resistiria, mesmo com apoios institucionais, às campanhas movidas por vários caluniadores.

Tentou implementar uma discussão acerca dos novos ideais, nomeadamente de ideias suprimidas pela Igreja. Devido às iniciativas do *Jornal Enciclopedico*, todos os periódicos posteriores tentaram divulgar as propensões sociais e científicas politicamente progressivas, baseando o motor do progresso e a capacidade de racionalizar a Natureza, sob a inspiração iluminista. Acrescentamos que o anonimato foi uma prática corrente na maioria das curiosidades mencionadas no *Jornal Enciclopedico*.

Caminhando para os finais do século XVIII, a curiosidade polígrafa do periodismo português lançava, com enorme sucesso, a colectânea *Miscellanea Curioza, e Proveitoza* [1779-1785], um dos poucos periódicos activos nestes anos (*CPS*, 60). Os folhetins desta colecção foram organizados num volume anual com cerca de 320 páginas «in-oito», estando a sua edição a cargo do impressor J. Francisco Rolland, embora o título anuncie que era traduzido por um tal «C. J.» (Canaveira, 2002, p. 117). O conteúdo da *Miscellanea Curioza, e Proveitoza* não seria da lavra de autores nacionais, visto que seus artigos eram traduzidos.

Na *Miscellanea Curioza, e Proveitoza* assistiu-se a uma liberdade editorial inovadora, isentando-se o editor e o tradutor de quaisquer questões legais. Desde as artes e ofícios, os progressos da agricultura e da economia doméstica, assim como as composições poéticas, encontra-se um pouco de tudo (Topa, 2001).

MISCELLANEA
CURIOZA , E PROVEITOZA.
OU
COMPILAÇAÕ,
Tirada das melhores Obras das Naçoens Eſtrangeiras;
*Traduzida , e ordenada por *** C. F.*

Turpe eſt ignorare quod omnibus ſcire convenit.
Ariſt.

TOMO I.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
Com licença da Real Meza Cenſoria. 1779.

Figura 39
Miscellanea Curioza, e Proveitoza, ou Compilaçaõ, tirada das melhores Obras das Naçoens Estrangeiras, vol. I, Typographia Rollandiana, Lisboa, 1779.
Fonte: reprodução do original.

Figura 40
D. Maria I, Rainha de Portugal, gravura água-forte e buril, p&b, Casa de Francisco Manuel Pires, Lisboa, 1777.
Fonte: reprodução do original.

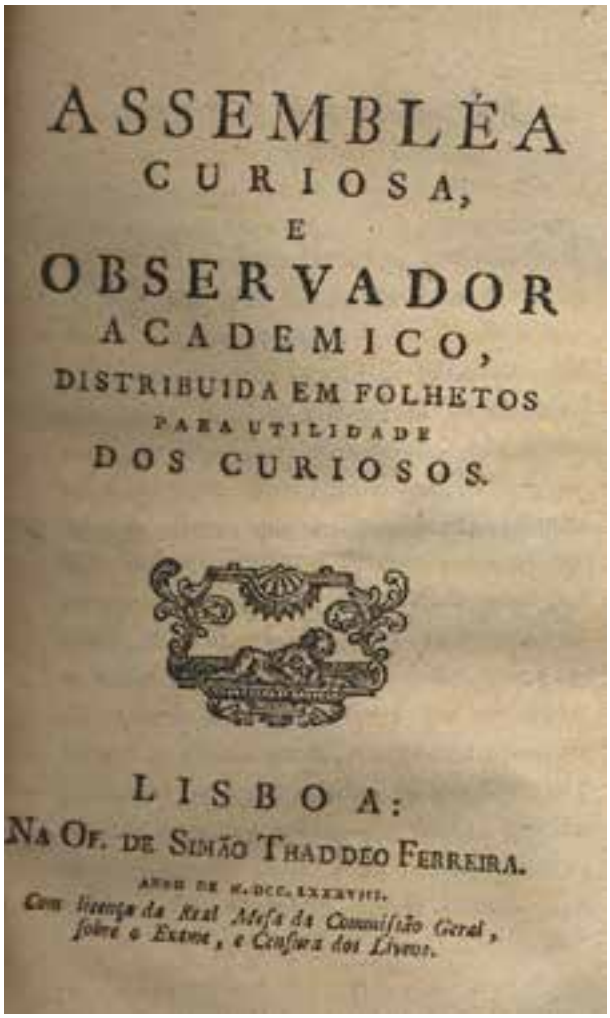
Apesar de ser um «almanaque», a maioria dos investigadores concorda em introduzir o *Almanach de Lisboa* [1782-1823] no rol dos periódicos nacionais. Embora tenhamos optado por não analisar publicações conotadas como «almanaques», abrimos uma excepção para o *Almanach de Lisboa*, igualmente conhecido por *Almanach da Academia* (Lapa, 1967, p. 33-34). A colecção corresponde a 29 volumes anuais, impressos no pequeníssimo formato de «in-doze», exceptuando os três últimos volumes «in-oito». Todos os volumes contêm entre 350-550 páginas, tendo sido editados entre 1782-1783 e 1823, sob a responsabilidade de João Baptista Reycend.

Após a criação da Academia Real das Ciências de Lisboa [1779], D. Maria I concedeu o privilégio de publicar obras de interesse público, entre as quais um *Mappa Civil e Litterario* com dados acerca do nascimento, funções e competências das pessoas que constituíam o Estado, em conformidade com o que se observava noutras Cortes europeias (*DBP*, vol. I, p. 44-45).

Estando o *Almanach de Lisboa* relacionado com as actividades da Academia, tratou de noticiar os principais prémios científicos, as listagens dos académicos, sendo uma excelente

fonte de informações para o conhecimento da organização e os seus programas científicos. Num quotidiano que "acelerava", introduziu o espaço gráfico necessário para o leitor fazer a sua *agenda*, uma outra mudança de costumes.

O folheto *Assembléa Curiosa, e Observador Academico*, de autor anónimo, foi uma publicação periódica dedicada à crítica dos costumes portugueses, atacando os malefícios das «modas» afrancesadas. Apenas se conhece um número, composto por 13 páginas «in-quarto» e datado de 1788, embora existissem mais números.


ASSEMBLÉA
CURIOSA,
E
OBSERVADOR
ACADEMICO,
DISTRIBUIDA EM FOLHETOS
PARA UTILIDADE
DOS CURIOSOS.

LISBOA:
NA OF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com licença da Real Meſa da Commiſſão Geral, ſobre o Exame, e Cenſura dos Livros.

Figura 41
Assembléa Curiosa, e Observador Academico..., Officina de Simão Thaddeo Ferreira, Lisboa, 1788.
Fonte: reprodução do original.

Talvez um dos "periódicos" mais conhecidos por estes anos fosse o *Theatro Estrangeiro*, onde o impressor J. Francisco Rolland promoveu traduções de peças francesas, mas apenas registou sete números editados irregularmente entre 1787 e 1805 (*DJP*, vol. I, p. 151; *DBP*, vol. VII, p. 298; vol. XIX, p. 246-247; Cunha, 1941, p. 247; Tengarrinha, 1989, p. 52).

Como se observa em toda a nossa reflexão, por vezes é difícil incluirmos alguns periódicos num universo delimitado. Um exemplo dessa complexidade foi, sem dúvida, o "periódico" *Ephemerides Nauticas*, publicado entre 1788 e 1862, com uma ligeira descontinuação entre 1809 e 1820. Como se verifica pelo seu infindável conteúdo, as *Ephemerides Nauticas* eram tábuas astronómicas que indicavam a posição relativa dos astros em cada dia, de acordo com a posição geográfica do meridiano de Lisboa (Balbi, vol. I, p. CLXXVIX; *DBP*, vol. II, p. 229; vol. VI, p. 169-170; *DJP*, vol. I, p. 97-97v.º; *GEPB*, vol. IX, p. 434; Cunha, 1941, p. 247; Tengarrinha, 1989, p. 52).

EPHEMERIDES
NAUTICAS,
OU
DIARIO ASTRONOMICO
PARA O ANNO DE 1793.
CALCULADO
PARA O MERIDIANO DE LISBOA,
E
PUBLICADO POR ORDEM
DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS,
POR
CUSTODIO GOMES DE VILLAS-BOAS,
SOCIO DA MESMA ACADEMIA.
LISBOA
NA OFFICINA DA MESMA ACADEMIA REAL.
ANNO M.DCCXCIII.
Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

Figura 42
Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico para o anno de 1793..., Officina da Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1793.
Fonte: reprodução do original.

Com a chancela da Academia Real das Ciências, esta publicação científica, em formato «in-quarto», destinava-se ao público erudito e à pilotagem marítima, sendo que cada número indicava a previsão astrológica para o ano seguinte. As *Ephemerides Nauticas* foram editadas sob a responsabilidade de Custódio José Gomes Villas-Boas, seguindo-se José Maria Dantas Pereira e Theodoro Damoiseau de Monfort, entre outros redactores. Circunscrito à classe dos «almanaques», contudo, a maioria dos especialistas inclui esta publicação entre a imprensa periódica.

Um dos "periódicos" portugueses mais indefiníveis nos finais do século XVIII foi a *Academia Orthografica Portugueza*, a publicação oficial da Academia homónima (*DJP*, vol. I, p. 63; Cunha, 1941, p. 247; Tengarrinha, 1989, p. 52). Apenas se conhece um exemplar deste *folheto*, em formato «in-quarto» e de 1789, da responsabilidade de João Pinheiro Freire da Cunha, o criador dessa Academia [1772] (*DBP*, vol. IV, p. 21; vol. X, p. 331-332; vol. XI, p. 302). Inclui reflexões sobre às novas tendências gramaticais portuguesas, na forma de um *diálogo* entre personagens fictícios. Trata-se de um folheto que muito interessa aos estudos linguísticos (Kemmler, 2007).

Podem encontrar-se inúmeras provas do nosso crescimento comercial nos finais do século XVIII e inícios do século XIX em periódicos como o *Correio Mercantil, e Economico de Portugal* [1790-1811], da responsabilidade de António Manuel Policarpo da Silva, entre outros editores (*DJP*, vol. I, p. 84; Cunha, 1941, p. 247; Tengarrinha, 1989, p. 53; *CPS*, p. 39). Publicado semanalmente em folhetos «in-quarto», apenas se conhecem alguns números compilados em volumes. Sendo um noticiário de compleição comercial, continha anúncios publicitários para o meio comercial lisboeta.

Num. I. Pag. I

CORREIO MERCANTIL, E ECONOMICO DE PORTUGAL, QUE CONTÉM TODA A QUALIDADE D'ANNUNCIOS.

Com Privilegio de Sua Magestade.

Terça feira 7 de Janeiro de 1794.

COMMERCIO.

Arcangel 25 de Outubro de 1793.

O Número dos navios que carregárão aqui este verão, e que partirão antes que a 14 do corrente se fechasse a navegação deste porto, foi de 109, e as suas carregações consistirão no seguinte: de linhaça 38ɸ357 *chitwerts*; de trigo 24ɸ070 dito; de aveia 1ɸ774 dito; de sebos 163ɸ402 *puds*; de ferro 119ɸ957 dito; de azeite de peixe 38ɸ494 dito; de couros crus 22ɸ860 dito; de canhamo 6ɸ705 dito; de vélas de cebo 5ɸ689 dito; de céra amarella 796 dito; de cordagens 6ɸ077 dito; de crina de cavallo 3ɸ170 dito; de cinza potassa 2ɸ080 dito; de pennas para colxões 1ɸ236 dito; de breo 31ɸ674 barris; de pez 3ɸ980 dito; de esteiras 1:025ɸ615 peças; de taboado 144ɸ483 peças; de pranchões 4ɸ099; e de diversas outras especies de taboas 188ɸ103; de caudas de cavallo 48ɸ444: além de hum grande número de pequenos artigos como pelles, castoreo, sabão, &c.

Amsterdam 13 de Dezembro de 1793.

Do primeiro do mez que vem por diante se acharáõ os melhores vidros brancos para espelhos, de toda a grandeza, da fabrica tão conhecida como famosa d'Ernst Jacob Eckhard, no armazem de Weymar e le Normant nesta Cidade, onde já se recebem encommendas do dito artigo; Os fornecimentos se farão por grosso, sendo o menor d'huma caixa por cada vez, por hum preço moderado.

Liur-

Figura 43
Correio Mercantil, e Economico de Portugal, n.º 1, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, Lisboa, 1790.
Fonte: reprodução do original.

No *Correio Mercantil, e Economico de Portugal* encontram-se notícias comerciais enviadas para Lisboa e oriundas das principais praças comerciais europeias, americanas, africanas e asiáticas, numa escala claramente global. Deu também conta dos progressos agrícolas, anúncios de eventos culturais, como teatros, concertos e os dias das lotarias, por exemplo. Embora norteado para os contextos comerciais, este periódico é uma fonte de informação indispensável sobre o trânsito atlântico e mediterrânico nas Guerras Napoleónicas, assim como os Estados Unidos da América e Portugal.

1.12. A especialização cultural e científica do periodismo

Abrindo um precedente na imprensa periódica especializada, o *Jornal de Modinhas* [1792-1797] seria o primeiro periódico a dedicar-se à divulgação musical em Portugal. Durante a última metade do século XVIII e os primeiros anos do século XIX, as *modinhas* estiveram em voga nos teatros, salões, tabernas e palácios, inclusive nas igrejas e conventos. Além da componente musical, as *modinhas* podiam ser adaptadas ao teatro, o que sucedia frequentemente.

Jornal
DE
MODINHAS
Com acompanhamento de Cravo
PELOS MELHORES AUTORES
DEDICADO
A Sua Alteza Real
O Principe do Brazil
Por P.A. Marchal Milcent
No primeiro dia de cada Mez sahirá huma Modinha nova.
Preço 200 Rs
LISBOA

Figura 44
Jornal de Modinhas com acompanhamento de cravo pelos milhores autores..., n.º 1, Real Fábrica e Armazém de Música, Lisboa, 1792.
Fonte: reprodução do original.

Periódicos como o *Jornal de Modinhas* e a *Viola de Lereno*, assim como outros trabalhos impressos e manuscritos, permitem conhecer os "milhores" compositores de então. Embora fosse propriedade de Francisco Domingos Milcent e Pedro Anselmo Marchal Milcent, seu irmão, o *Jornal de Modinhas* contou com a direcção artística de João de Sousa Carvalho e a colaboração de vários artistas nacionais, destacando-se o famoso Marcos de Portugal. Com uma publicação quinzenal, era possível comprar a colecção na *Officina* do *Jornal de Modinhas* ou colecionar os fascículos, em formato «in-quarto», embora com paginação incerta. Como se verifica da leitura do *Jornal de Modinhas*, é exclusivamente composto por pautas e letras musicais vocacionadas para o canto e acompanhamento ao cravo (*DBP*, vol. XVII, p. 286; *DJP*, vol. I, p. 115; Cunha, 1941, p. 248; Tengarrinha, 1989, p. 52; Alves, 2005, p. 155).

Celebrizou-se o *Almanak das Musas* [1793-1794] nos enredos da História da Literatura portuguesa, inspirando-se no *Almanach des Muses* [<1765] e em *Musen-Almanach* [<1770], por exemplo (*DBP*, vol. I, p. 42-43; *PDH*, vol. I, p. 229; *GEPB*, vol. II, p. 23-24; *CPS*, p. 21). Esta colecção é formada, na quase totalidade, por poesias dos sócios da *Academia das Belas Letras de Lisboa*, também conhecida por *Nova Arcádia* (*HLP*, p. 624-625). A edição do *Almanak das Musas* foi dirigida por Domingos Caldas Barbosa, contudo, a sua inserção no domínio da imprensa periódica portuguesa é discutível, embora o seu título, a periodicidade e o encadeamento editorial o justifiquem. Conheceu um êxito enorme, ainda que fosse dirigido a um público académico, a que não foram alheias as gravuras de qualidade superior (Sawaya, 2016).

Um dos periódicos científicos menos conhecidos deste período foi, certamente, o folheto *Bibliotheca das Sciencias, e Artes*, editado no Porto em 1793 (*DBP*, vol. VIII, p. 402; *CPS*, p. 26). Apenas se conhece um número, embora tenham existido mais dois números «in-quarto», pelo menos. Não se conhece o seu autor ou o tradutor das notícias internacionais ou se seria apoiado por alguma instituição. Recordamos que nem todos os estudos coincidem que seja um «periódico», por várias razões.

Todo este folheto foi dedicado à divulgação de uma obra revolucionária na Medicina, por Johann Peter Frank, médico austríaco, o qual defendia que a «miséria era a mãe de todas as enfermidades». Considerado o fundador da Higiene enquanto disciplina científica com a edição de *System einer vollständigen medicinischen Polizey* [1779-1819], não obstante, no folheto *Bibliotheca das Sciencias, e Artes* foi comentada outra obra da sua lavra, traduzida e intitulada por *Tractado dos meyos, que saõ, ou podem ser applicados, tanto para nós, como para os differentes póvos, para obter huma povoaçaõ numeroza, e robusta*. Não possui data de edição, sendo traduzida do alemão para o flamengo, depois retrovertida para o português pelo anónimo redactor, o qual lhe acrescentaria algumas observações.

Um símbolo da maioridade jornalística portuguesa seria, decerto, o periódico *Mercurio Historico, Politico e Litterario de Lisboa*, publicado mensalmente entre Janeiro e Junho de 1797. Da responsabilidade editorial de J. Francisco Reycend, concedeu visibilidade à política internacional europeia, a uma escala crescentemente multiperiférica. Editado em Lisboa, cada

número «in-oito» continha relatos minuciosos sobre as guerras na Europa e a supremacia bélica francesa após a Revolução de 1789. Também se publicaram notícias sobre o Exército português, posteriores à campanha do Rossilhão [1793/5], a correspondência diplomático-militar remetida de vários pontos do mundo, com proeminência para a Europa e os Estados Unidos da América (*DJP*, vol. I, p. 119-120; Cunha, 1941, p. 248; Tengarrinha, 1989, p. 42; *CPS*, p. 59).

MERCURIO
HISTORICO, POLITICO
E
LITTERARIO
DE LISBOA,
PUBLICADO COM PRIVILEGIO
DE
SUA MAGESTADE.
MAIO DE 1795.
LISBOA. M. DCC. LXXXXV.
NA OFFIC. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Figura 45
Mercurio Historico, Politico e Litterario de Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, Lisboa, 1795.
Fonte: reprodução do original.

O *Mercurio Historico, Politico e Litterario de Lisboa* editou extractos de notícias retiradas de outros periódicos internacionais, entre os quais a *Gazette de Leyde* [1677-1811]. Divulgou «notícias literárias» de cada país e, graças às ligações do impressor J. Francisco Reycend com a Academia Real das Ciências, muitas foram as notícias propagadas acerca desta agremiação no *Mercurio Historico, Politico e Litterario de Lisboa*. Orientado para a divulgação bibliográfica, publicitou numerosos títulos literários entre 1794 e 1797.

Um dos periódicos mais completos na vertente instrutiva desta época foi o folheto *Tardes Divertidas* [1794-1804], de Fr. Francisco do Nascimento Silveira (*DJP*, vol. I, p. 145-145v.º;

Cunha, 1941, p. 248; Tengarrinha, 1989, p. 53-54; *CPS*, p. 78). Trata-se de um periódico organizado por "diálogos" entre vários personagens sobre temáticas históricas estruturadas em «tardes» e «semanas». É, portanto, uma miscelânea de assuntos compilados em três volumes, de formato «in-quarto», versando desde a Biologia à História, embora seja conhecido como um compêndio de notícias topográficas e de História Natural, mas foi, seguramente, muito mais do que isso.

TARDES DIVERTIDAS,
E
CONVERSAÇÕES CURIOSAS,
Praticadas nos sitios mais alegres de Lisboa,
por quatro Amigos bem instruidos nas
Historias, Sacra, Politica, Natural,
e Fabulosa.

SEMANA I. E II.

Em que se trata da Creação, e divizão das partes, que compõe o Universo: dos Mares mais nomeados delle: das Serras mais notaveis, que se encontrão em sua redondeza: dos Rios de maior nome, que fertilitão suas Provincias: com a noticia das plantas mais exquesitas, que se alimentão com seus chrystaes: das Aves, Féras, e Peixes, que por sua raridade são a admiração dos Viageiros: e dos Monstros marinhos, que se tem visto em diversas Regiões do Mundo. &c.

ORDENADAS PARA RECREIO,
E
INSTRUCÇÃO DOS CURIOSOS
POR F. N. S.

LISBOA. ANNO M. DCCCIV.
Na Nova Of. de João Rodrigues Neves.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.
Vende-se na Loja da Gazeta.

Figura 46
Tardes Divertidas..., Nova Officina
de João Rodrigues Neves, Lisboa, 1804 [1794].
Fonte: reprodução do original.

No âmbito da propagação científica veiculada pela imprensa periódica nos finais do século XVIII, é importantíssimo recordar o periódico *Anno Medico*, organizado pelo médico José Bento Lopes (*DBP*, vol. IV, p. 271-272; vol. XII, p. 257; *GEPB*, vol. XV, p. 435). Publicado em folhetos «in-oito» em 1796, o seu título refere-se explicitamente às observações registadas em 1792, facto que impeliu alguns estudos bibliográficos em erro. Deste modo, o *Anno Medico* registou meticulosamente as condições meteorológicas observadas no Porto, contendo tabelas descritivas para todos os dias de 1792 *(DJP*, vol. I, p. 69-69v.º; Cunha, 1941, p. 248; Tengarrinha, 1989, p. 52; *CPS*, p. 23). Paralelamente, José Bento Lopes dissertaria sobre as doenças mais comuns assinaladas na urbe portuense e seus arredores. De acordo com essas observações meteorológicas alcançadas procurou fundamentar as correlações possíveis com a sazonalidade de certas enfermidades. Com o *Anno Medico*, o Porto posicionou-se como uma cidade beneficiária da investigação médica nacional, tendência que remontava ao *Zodiaco Lusitanico-Delphico* [1749].

Entre as publicações periódicas que noticiavam os avanços científicos europeus e norte-americanos, encontra-se o *Palladio Portuguez, ou Clarim de Pallas*, publicado mensalmente por Fr. José Mariano da Conceição Veloso, famoso botânico de origem brasileira (*DBP*, vol. VI, p. 334-335; vol. XVII, p. 333; *DJP*, vol. I, p. 129-29v.º; *GEPB*, vol. XX, p. 37; Cunha, 1941, p. 248; *CPS*, p. 66). Este periódico anunciava já o término do Enciclopedismo, embora só tivesse editado dois números com cerca de 150 páginas «in-quarto». Refira-se o entusiasmo das novas invenções descritas no *Palladio Portuguez, ou Clarim de Pallas*, como o telégrafo, ainda rudimentar, com a inclusão de ilustrações coloridas, a primeira vez que tal sucedeu no jornalismo português.

A tradução de artigos extraídos do *European Magazine* [1782-1826] ou do *The London Gazette*, por exemplo, acusam a troca de correspondência com os principais círculos europeus de informação. Aliás, cada vez mais se sentia a necessidade de noticiar as inovações científicas através do periodismo, não obstante a sua carestia. Também se podem consultar reflexões de carácter médico-farmacêutico originários de médicos portugueses no Brasil e noutros pontos das nossas colónias. Este jornal foi dedicado à Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação [1788-1834], talvez os mecenas desta publicação.

1.13. O advento dos jornais musicais e lúdicos

A generalidade da imprensa periódica entre os séculos XVIII-XIX dedicou-se essencialmente ao campo humorista, cáustico e de recreação — por conseguinte, o nome de José Daniel Rodrigues da Costa foi a figura principal deste género jornalístico em Portugal (*DBP*, vol. IV, p. 304-305; vol. XII, p. 295; Cardoso, 1977). Se a crítica social não podia ser propagandeada abertamente, usavam-se os mais diversos estratagemas para exteriorizar uma mensagem

contra a opressão política, cultural e religiosa, empreitada que este periodista soube executar com requinte.

Houvera publicado as *Novidades da Corte vistas por Jozino, e relatadas aos Pastores da sua Aldêa* [1777], mas pouco impacto granjeou junto do público, mas a situação acabaria por se reverter com o famoso *Almocreve de Petas* [1797-1799] (Balbi, vol. I, p. CLXXVII; *DJP*, vol. I, p. 64-65; Cunha, 1941, p. 248-249; *CPS*, p. 21; Alves, 2005, p. 210). Seria a única publicação humorística tolerada pelas autoridades civis e que, juntamente com a *Gazeta de Lisboa*, os únicos periódicos autorizados a circularem no Brasil. Do *Almocreve de Petas* publicaram-se cerca de 88 números em 1797 [vol. I] e 51 folhetos em 1798 [vol. II], cujos números possuíam 8 páginas «in-quarto». Entre 1817 e 1818 publicaram-se mais 39 números, depois incorporados noutro volume.

Paralelamente ao *Almocreve das Petas*, José Daniel Rodrigues da Costa editou o *Retorno do Almocreve de Petas* [1797-1798], ainda que a sua autoria foi atribuída também a António Manuel Policarpo da Silva, mas é uma presunção afastada. Em tudo igual à primeira publicação quasi homónima, contou com 22 folhetos em formato «in-quarto» e acompanhou os mesmos propósitos (*DJP*, vol. I, p. 136-137; Cunha, 1941, p. 249; Tengarrinha, 1989, p. 54; *CPS*, p. 74).

Além do predomínio das publicações humorísticas, a edição de peças teatrais sobre temas mundanos e burlescos, norteados para a comédia e a crítica social, ganharam um novo fôlego. Um dos exemplos desta vertente foi o "periódico" *Theatro Comico de Pequenas Peças* [1798] compreendendo 15 farsas em formato «in-oito», as quais eram representadas nos teatros de Lisboa (Tengarrinha, 1989, p. 52; *CPS*, p. 78). Esta publicação teve um forte sucesso editorial e marcou o panorama teatral português.

Confirmando a acepção de que neste período apenas se publicaram periódicos humorísticos e satíricos, o *Café Jocoso* [1797-1798] terá sido um claro exemplo (*DJP*, vol. I, p. 78-78v.º; *DBP*, vol. IX, p. 6; Cunha, 1941, p. 249). Infelizmente, não se conhece nenhum número nem tão-pouco o seu autor, editor ou local de edição. Segundo os estudos disponíveis, compreendia 12 números em formato «in-oito».

Instalando-se o marasmo no periodismo nacional, um dos periódicos europeus mais influentes desta época foi o *Mercurio Britannico* [1798-1800] (*DJP*, vol. I, p. 117-118; Cunha, 1941, p. 250). Editado por Jacques Mallet du Pan, jornalista suíço exilado em Inglaterra, o *Mercurio Britannico* foi uma tradução do *Mercure Britannique* [1798-1800]. A sua redacção/tradução era executada em Londres, apesar de desconhecermos o tradutor para o português. O *Mercurio Britannico* publicou 30 números quinzenais com cerca de 60 páginas «in-quarto», posteriormente encadernado em quatro volumes. Manifesto político contra a intromissão francesa na Suíça, motivando a criação da República Helvética [1798], o autor redigiu elogios às liberdades helvéticas.

Retornando aos periódicos musicais, o "periódico" *Viola de Lereno* [1798], de Domingos Caldas Barbosa, atingiria um enorme sucesso l, ainda que criticado por autores

contemporâneos devido à sua [alegada] mediocridade (*DJP*, vol. I, p. 152; Cunha, 1941, p. 249; Tengarrinha, 1989, p. 52; *CPS*, p. 81). Sucessor do *Jornal de Modinhas* [1792-1797], o *Viola de Lereno* influenciaria a História da Literatura brasileira, dado o seu autor ter nascido no Brasil, ainda que vivesse grande parte da sua vida em Portugal. É, portanto, uma colecção de várias dezenas de peças musicais, editadas em folhetos de formato «in-doze» — a primeira edição fazia-se acompanhar das pautas musicais —, com simplicidade estética. Excelente violonista, Domingos Caldas Barbosa alcançou a fama como intérprete das *modinhas* brasileiras nos cafés e salões portugueses, tal como ainda é recordado (Barbosa, 1944).

Findando o século XVIII, a actividade da imprensa periódica em Portugal era quase inexistente, exceptuando a *Gazeta de Lisboa*, o órgão oficial do Governo, cada vez mais instrumentalizada. Deste modo, os estudos consultados apenas dão conta de um outro periódico activo — o *Arquivo de Peças Importantes e Instrutivas* [1800], editado em Lisboa. Não se conhece nenhum número, mas sabe-se que era uma publicação humorística, ainda que ignoremos o seu autor ou editor.

1.14. O recrudescimento da imprensa periódica entre o início do século XIX e as Invasões Francesas

Logo a iniciar o século XIX terá existido um periódico musical denominado *Divertimento Musical ou Collecção de Modinhas* [1801], a crer nas indicações bibliográficas. Sem conhecermos os seus autores ou compiladores, está desaparecido dos acervos (*DJP*, vol. I, p. 90; Cunha, 1941, p. 251; Tengarrinha, 1989, p. 52).

Também pouco ou nada conhecemos da *Collecção de Pensamentos* [1801], uma colectânea periódica editada em Lisboa, provavelmente uma miscelânea de textos não identificados (Cunha, 1989, p. 282; Tengarrinha, 1989, p. 56). Ao que parece, cada número conteria cerca de 24 folhetos, embora se levante a hipótese de ser publicada entre 1801-1804 e 1803-1804. Com uma responsabilidade editorial indigitada a José Bento de Carvalho Landim, carece de confirmação.

Quase nada sabemos acerca do periódico *Minerva Lusitana* [1801-1803], da lavra de António Patrício Pinto Rodrigues, e do qual foram publicados 3 números mensais com cerca de 15 páginas «in-quarto», destinando-se a anunciar os últimos progressos científicos das academias portuguesas e europeias (*DBP*, vol. VI, p. 252-253; *DJP*, vol. I, p. 121-121v.º; Cunha, 1989, p. 251; Tengarrinha, 1989, p. 50).

Abrangia ainda artigos sobre economia política, agricultura, comércio, assim como poesias e novelas ornadas com estampas coloridas retratando as "modas" de Inglaterra e França, entre outros assuntos (Rodrigues, 1802). Infelizmente, não conseguimos encontrar nenhum exemplar do *Minerva Lusitana*, mas, curiosamente, o primeiro periódico publicado em Coimbra [1807] tinha o mesmo título, algo que confundiu os estudos bibliófilos.

Um dos grandes sucessos editoriais da primeira década do século XIX foram *As Variedades* [1801-1805], orientado por D. António da Visitação Freire de Carvalho, cónego regrante de S. Agostinho e membro da Academia Real das Ciências. (*DBP*, vol. I, p. 295-296; vol. VIII, p. 320-321; vol. XXII, p. 386; *DJP*, vol. I, p. 153-153v.º; Cunha, 1941, p. 251; Tengarrinha, 1989, p. 50-51). A edição de *As Variedades* iniciou-se em Janeiro de 1801 e terminou em 1804, interrompendo-se pelo falecimento precoce do redactor, mas sairiam alguns números por insistências de José Liberato Freire de Carvalho, seu irmão, que redigiu e traduziu numerosos artigos. Este periódico compunha-se de 28 folhetos de três a cinco páginas «in-oito», contendo, além de notícias biográficas de personalidades históricas, uma multiplicidade de anedotas, máximas e novelas traduzidas. Alcançou tanto sucesso que a maioria dos primeiros números foi logo reeditada.

Nos inícios do século XIX, a imprensa periódica demonstrava uma tendência crescente no campo humorístico, embora se entendesse o humor como um simples divertimento oferecido aos leitores. Assim, o primeiro periódico humorístico publicado na entrada do século XIX foi o *Comboy de Mentiras* [1801], um libelo humorístico dedicado a personalidades pitorescas de Lisboa, tendo conhecido outra edição [1820] *(DJP*, vol. I, p. 82-82v.º; Cunha, 1941, p. 251; Tengarrinha, 1989, p. 54-55; *CPS*, p. 36).

COMBOY
DE
MENTIRAS,
VINDO DO REINO PETISTA
COM A FRAGATA
VERDADE ENCOBERTA
POR CAPITANIA.
COMBOY * 1 *
POR
JOSE' DANIEL RODRIGUES DA COSTA
LISBOA: M. D. CCCI.
NA OF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Figura 47
Comboy de Mentiras, vindo do Reino Petista com a Fragata Verdade Encoberta por Capitania, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, Lisboa, 1801.
Fonte: reprodução do original.

O ESPREITADOR
DO
MUNDO NOVO.
OBRA CRITICA, MORAL, E DIVERTIDA,
FOLHETO= I. JANEIRO.

A Velhice procura o Mundo velho,
Sagaz Espreitador indaga o novo,
Ambos absortos ficão; porque encontrão
Outro trato, outros usos, outro Povo.

POR
JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA.

LISBOA. M. DCCCII.
NA OFFIC. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.
Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

Figura 48
O Espreitador do Mundo Novo: Obra Critica, Moral, e Divertida, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, Lisboa, 1802.
Fonte: reprodução do original.

BARCO DA CARREIRA
DOS TOLOS.
OBRA CRITICA, MORAL, E DIVERTIDA.
FOLHETO = I. JANEIRO.

Para descarregar esta Cidade
Da multidão de Tólos, que a povôa,
Com maré, vento em pôpa, e brevidade
Vem este Barco ao Porto de Lisboa:
Leva Tólos de toda a qualidade,
Mas tem sempre hum lugar vago na prôa:
Quem disser, ou fizer alguma asneira,
De mez a mez tem Barco da Carreira.

POR
JOSE' DANIEL RODRIGUES DA COSTA.

LISBOA. M. DCCCIII.
NA OF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.
Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

Figura 49
Barco da Carreira dos Tolos. Obra Critica, Moral, e Divertida, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, Lisboa, 1803.
Fonte: reprodução do original.

Seguiu-se uma nova publicação periódica, denominada *O Espreitador do Mundo Novo* [1802], em tudo idêntica a outras edições do mesmo autor. Centrado na sátira das personagens e contextos lisboetas, haveria de alcançar o êxito, assim como na segunda edição [1819]. Compreendeu 12 folhetos com sonetos, glosas e textos burlescos com gravuras (*DJP*, vol. I, p. 98-99; Cunha, 1941, p. 252; *CPS*, p. 47).

Mantendo a mesma linha editorial, haveria de lançar o *Barco da Carreira dos Tolos* [1803], um panfleto humorístico, perfeitamente acolhido pelas autoridades.

Abordaria os mesmos assuntos, premiado com uma segunda edição [1820] (*DJP*, vol. I, p. 76-76v.º; Cunha, 1941, p. 252; *CPS*, p. 83). Sem nunca perder o fôlego que o caracterizava, José Daniel Rodrigues da Costa continuaria as mesmas temáticas em *O Hospital do Mundo* [1805], publicação humorística, procedendo-se a uma nova edição [1824] (*DJP*, vol. I, p. 108; Cunha, 1941, p. 253; *CPS*, p. 53).

HOSPITAL DO MUNDO,

Obra critica, moral, e divertida, em que he Medico o Desengano, e Enfermeiro o Tempo.

FOLHETO = I. JANEIRO.

O Desengano, e o Tempo, de mãos dadas,
He que este Mundo enfermo curar podem
Mas molestias, que tem inveteradas;
Mal de raiz, se estes dous nos não acodem!
Dão saude ás pessoas achacadas,
Com tanto que aos remedios se accommodem;
Quem dos vicios tiver a epidemia,
Venha curar-se nesta Enfermaria.

POR

JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA.

Figura 50
O Hospital do Mundo. Obra Critica, Moral, e Divertida, em que é Medico o Desengano, e Enfermeiro o Tempo, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, Lisboa, 1805.
Fonte: reprodução do original.

CAMARA OPTICA,

ONDE AS VISTAS ÁS AVESSAS MOSTRÃO O MUNDO ÁS DIREITAS.

Por JOSÉ' DANIEL RODRIGUES DA COSTA.

FOLHETO I.

Nestas Vistas diversas apresento
A justa correcção, que atalha o vicio:
A critica moral, que represento,
Póde a muitos salvar do precipicio.
Mimoro na lição divertimento,
Faço aos genios estudios beneficio,
Utilino, aconselho, em tudo toco,
Desnudando a Verdade, a rir provoco.

LISBOA: 1824.

Na officina de J. F. M. de Campos. *Com Licença.*

Figura 51
Camara Optica, onde as vistas ás avessas mostrão o mundo ás direitas, 2.ª edição, Officina de J. F. M. de Campos, Lisboa, 1824.
Fonte: reprodução do original.

Atendendo ao fim de um ciclo que enfrentou as dificuldades intrínsecas às Invasões Francesas, José Daniel Rodrigues da Costa manteve a publicação do *Camara Optica* [1807-1811].

No entanto, esta publicação era igual a todos os folhetos editados por si — aliás, noutra perspectiva —, poder-se-ia afirmar que estes títulos são nomes diferentes para uma iniciativa comum que o autor sustentou mais de duas décadas. Tal como o *Hospital do Mundo*, o *Camara Optica* seria novamente reeditado [1824] (*DJP*, vol. I, p. 79-80; Cunha, 1941, p. 255-256; *CPS*, p. 27).

Atendendo à cientificidade gradual das práticas agrícolas, foi publicado o primeiro periódico especializado em Agricultura: o *Annuncios Ruraes* [1802]. Não se conhece o seu autor ou promotor, ou melhor dizendo, o tradutor dos textos e excertos das notícias sobre os avanços botânicos. Apenas existe um exemplar de 8 páginas «in-quarto», mas seriam editados mais números? Curiosamente, apelava aos leitores para que apresentassem testemunhos e espécimes vegetais recolhidos nas suas viagens para divulgação neste periódico (*DJP*, vol. I, p. 72; *GEPB*, vol. II, p. 909; Cunha, 1941, p. 251; Tengarrinha, 1989, p. 53).

Um dos esforços mais ignorados do periodismo português no início do século XIX foi, com toda a certeza, o periódico *Novidades Literarias* [1802]. Não se sabe quem fosse o seu redactor, mas suspeita-se de Luís António de Azevedo, embora somente tenha editado um número de 72 páginas «in-quarto», mas a sua qualidade é irrefutável. Dotado com gravuras de qualidade artística, o autor deu a conhecer as últimas obras científicas publicadas esse ano na Europa (*DBP*, vol. VIII, p. 59; *DJP*, vol. I, p. 122-122v.º; Cunha, 1941, p. 252; Tengarrinha, 1989, p. 50, 54; *CPS*, p. 63). Voltando a aludir à nossa imprensa humorística, apontamos o caso de *O Piolho Viajante* [1802-1804], um dos periódicos mais lidos [e temidos] em Portugal e no Brasil pelos inícios do século XIX (*GEPB*, vol. XXI, p. 904; Cunha, 1941, p. 282; Tengarrinha, 1989, p. 55; *CPS*, p. 68).

Lançado inicialmente em folhetos semanais, foi posteriormente compilado [1821], sendo a sua autoria imputada a António Manuel Policarpo da Silva ou a José Sanches de Brito (*DBP*, vol. V, p. 119; vol. XIII, p. 193). Os folhetos semanais referem-se a 72 «carapuças», ou «capítulos», correspondentes às travessuras de um *piolho viajante* que saltitava de cabeça em cabeça, tecendo as suas críticas. À parte da 'falta de higiene', as sucessivas reedições abonaram a popularidade de *O Piolho Viajante* em Portugal e no Brasil até meados do século XIX, quando os seus folhetos caíram no esquecimento, embora existam reedições e estudos relativamente recentes.

Existem algumas publicações que, olhando para a sua qualidade gráfica e valor intelectual, aparentam estar extremamente adiantadas para o seu tempo. Essa realidade torna-se manifesta quando apontamos periódicos como *O Redactor* [1803], editado em Lisboa, por José Pedro Quintela. Embora só tenha publicado 3 números de *O Redactor*, a sua qualidade discursiva é, inquestionavelmente, superior à maioria dos periódicos da primeira década do século XIX. No âmbito das questões da política e relações internacionais, o autor interessou-se pela pesquisa literária e científica, divulgando um manancial precioso de informações para o meio intelectual nacional, prevendo que a actividade jornalística exercitaria um protagonismo incontornável. Por causas desconhecidas, publicou somente no último trimestre de 1803, pelo que, caso tivesse uma publicação mais duradoura seria, certamente, uma referência inegável (*DBP*, vol V, p. 90-91; *PDH*, vol. VI, p. 62; *DJP*, vol. I, p. 135; Cunha, 1941, p. 252; *GEPB*, vol. XXIV, p. 655; Tengarrinha, 1989, p. 50).

Um dos periódicos mais proeminentes de então foi, sem dúvida, o *Bibliotheca Universal* [1803-1805], dirigido por Luís Caetano Altina de Campos. Publicação periódica mensal, conheceu o sucesso entre o público leitor, que reconhecia o redactor de outros títulos literários e periodísticos. O periódico *Bibliotheca Universal* pautou-se por uma dinâmica editorial notável, noticiando a realidade portuguesa e europeia do início do século. Aqui encontra-se um pouco de tudo — ao jeito das miscelâneas do nosso periodismo —, desde a discussão dos conceitos politólogos de Thomas Hobbes, Montesquieu e Voltaire, até à sua aplicação na sociedade contemporânea, considerando o panorama pós-revolucionário francês. Ainda foram

anunciados estudos sobre Cultura Clássica, sem esquecer os progressos da Medicina com o recurso à electricidade ou a vulgarização das vacinas, o último 'grito' nos avanços científicos (Balbi, vol. II, p. CLXXVIII; *DBP*, vol. VIII, p. 402; *DJP*, vol. I, p. 77-77v.º; *GEPB*, vol. V, p. 633; Cunha, 1941, p. 253; Tengarrinha, 1989, p. 50-51; *CPS*, p. 26).

Um dos prenúncios da combatividade que faria furor na imprensa periódica em todo o século XIX seria o *Diario Critico sobre os erros dos Falsos Filosofos* [1803-1804], de Fr. José Maria de Jesus. Editado anonimamente, apenas publicou 10 números «in-oito» e não foi, de modo algum, um verdadeiro "diário". O *Diario Critico sobre os erros dos Falsos Filosofos* é uma obra de carácter moral, sustentada nas Sagradas Escrituras, onde se combateu violentamente o pensamento de Jean-Jacques Rousseau e outros autores franceses (*DBP*, vol. V, 1860, p. 37; *DJP*, vol. I, p. 86-86v.º; *GEPB*, vol. VIII, p. 922; Cunha, 1941, p. 252; Tengarrinha, 1989, p. 50).

DIARIO CRITICO

SOBRE OS ERROS

DOS

FALSOS FILOSOFOS.

Num. I.

LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA.

Figura 52
Diario Critico sobre os erros dos Falsos Filosofos, n.º 1, Impressão Régia, Lisboa, 1803.
Fonte: reprodução do original.

O interesse científico pela agricultura também encontrou um espaço de vulgarização na imprensa periódica especializada, como sucedeu com a *Gazeta do Campo* [1804-1806], pelo botânico Fr. José Mariano da Conceição Veloso, embora aluda aos *Extractos Praticos, e Uteis, á Economia Rural Portugueza assim no Reino, como nas Colonias, ou Gazeta do Campo*. Especializado em assuntos agrícolas, apenas saíram apenas 8 números «in-oito», os quais representam uma ínfima parte da divulgação promovida pela Academia Real das Ciências, com súmulas de traduções e sumários de obras (*DJP*, vol. I, p. 100, 102; Cunha, 1941, p. 253-254; Tengarrinha, 1989, p. 53).

Noutro patamar científico, iniciava-se a edição das *Ephemerides Astronomicas*, constituído por tabelas com a posição relativa dos astros em cada dia, de acordo com a posição geográfica do meridiano do Observatório Real da Universidade de Coimbra (*DBP*, vol. II, vol. p. 228-229; Ribeiro, vol. V, p. 67-68; vol. VI, p. 123-124; *DJP*, vol. I, p. 93-96; *GEPB*, vol. IX, p. 434; Cunha, 1941, p. 252; *CPS*, p. 45). Com a chancela da Universidade, esta publicação periódica, em formato «in-quarto», destinava-se ao público universitário, mas também aos oficiais do Exército e da Marinha. Cada número apontava a previsão astronómica para o ano seguinte, sendo uma das publicações periódicas mais duradouras do nosso periodismo, editada entre 1803 e 2001, ainda que com alguns hiatos.

EPHEMERIDES
ASTRONOMICAS
CALCULADAS
PARA O MERIDIANO DO OBSERVATORIO REAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA:
PARA O USO DO MESMO OBSERVATORIO, E PARA O DA NAVEGAÇÃO PORTUGUEZA.
VOLUME I.
Para o anno de 1804.
COIMBRA:
NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE,
1803
Por Ordem do Principe Regente Nosso Senhor.

Figura 53
Ephemerides Astronomicas calculadas para o meridiano do Observatorio Real da Universidade de Coimbra: para o uso do mesmo Observatorio, e para o da Navegaçaõ Portugueza, vol. I, Real Imprensa da Universidade, Coimbra, 1803.
Fonte: reprodução do original.

No campo da Técnica, o verdadeiro precursor da imprensa especializada em Engenharia foi, indubitavelmente, *O Engenheiro Civil Portuguez* [1804], editado por José Manuel de Carvalho e Negreiros, tenente-coronel do Corpo de Engenheiros, arquitecto dos Paços Reais, membro do Senado da Câmara de Lisboa, etc. Com uma qualidade gráfica notável, apesar de só ter editado dois números [Abril e Maio de 1804], a sua cientificidade é indubitável. Incluia uma lista dos subscritores do periódico, prevendo-se uma distribuição alargada, curiosamente, para os domínios ultramarinos. Compreende reflexões críticas sobre Arquitectura, Engenharia e Aritmética, assim como artes e ofícios (*DBP*, vol. V, p. 7; *DJP*, vol. I, p. 92; *GEPB*, vol. IX, p. 733; Cunha, 1941, p. 253; Tengarrinha, 1989, p. 52, 54).

O universo periódico português nos inícios do século XIX está repleto de publicações anónimas cujo objectivo fora entreter e elucidar, pelo que o *Divertimento Instructivo* [1804-1806] é um desses exemplos mais peremptórios. Cada um dos 6 números «in-oito» conhecidos possui estampas coloridas de qualidade, mas desconhecemos quem fossem o seu redactor, o compilador ou tradutor (*DJP*, vol. I, p. 89; Cunha, 1941, p. 254; Tengarrinha, 1989, p. 50; *CPS*, p. 44).

1.15. O crescendo da imprensa periódica ilustrada

Anunciando a recepção do periodismo ilustrado, é de ressaltar os *Retratos dos Grandes Homens da Nação Portugueza* [1804-1825], onde foram ilustradas figuras eminentes da História de Portugal (*DBP*, vol. p. vol. VII, p. 139-140; *DJP*, vol. I, p. 142-142v.º; *GEPB*, vol. XXV, p. 379; Cunha, 1941, p. 254; Tengarrinha, 1989, p. 53). Trata-se de uma antologia de António Patrício Pinto Rodrigues, redactor do *Minerva* Lusitana [1801-1803], adornada com gravuras do escultor italiano João Cardini, residente então em Portugal. As estampas das gravuras foram impressas em cobre e timbradas em papel de fólio grande, ostentando um brevíssimo resumo biográfico da personagem retratada no plano inferior. Editada em Lisboa, prosseguiu com intervalos irregulares até 1825, não obstante a sua enorme procura.

Esta série foi divulgada sem numeração ou frontispício, mas no primeiro número fez publicidade ao respectivo preço avulso e da sua subscrição. Algumas gravuras terão incluído biografias mais extensas [hoje desaparecidas ou incorporadas noutros títulos], ao preço unitário de 720 réis, algo elevado para a época. As estampas dos *Retratos dos Grandes Homens da Nação Portugueza* estão dispostas a meio corpo oval com o sumário biográfico e medem, sensivelmente, 36x25 centímetros, compreendendo 34 retratos a buril e água-forte aguarelados, embora apenas existam 22 números. A série *Retratos dos Grandes Homens da Nação Portugueza* dificilmente será entendida como um verdadeiro "periódico", mas pela sua periodicidade e a excelência das suas ilustrações, merece figurar neste universo, pelo menos, no campo da ilustração.

O *Analecto de Recreação e Erudição* [1805-1806], de Luís António de Azevedo, foi uma publicação mensal, embora registando apenas 6 números «in-oito» (*DBP*, vol. VIII, p. 59; *DJP*,

vol. I, p. 68-68v.º; Cunha, 1941, p. 254; Tengarrinha, 1989, p. 50). Composto por pequenos contos, notícias, anedotas e poemas, a sua cientificidade foi ínfima, dado o seu objectivo lúdico. Em virtude das suas reflexões sobre a Gramática e o Latim, o *Analecto de Recreação e Erudição* divulgou algumas curiosidades sobre as principais línguas faladas em todo o mundo.

A colectânea periódica *Jardim das Musas e dos Sabios* [1805-1806], compilada por Manuel Pedro Tomás Pinheiro e Aragão, teve uma forte difusão em Lisboa (*DBP*, vol. VI, p. 77-78; vol. XVI, p. 284-285; *DJP*, vol. I, p. 109; *GEPB*, vol. XIV, p. 171; Cunha, 1941, p. 254). Publicaram-se 6 pequenos folhetos «in-oito» contendo poesias originais, traduções de autores nacionais e estrangeiros [curiosamente, o redactor concedeu a cada um dos seis números a denominação «ramalhete»].

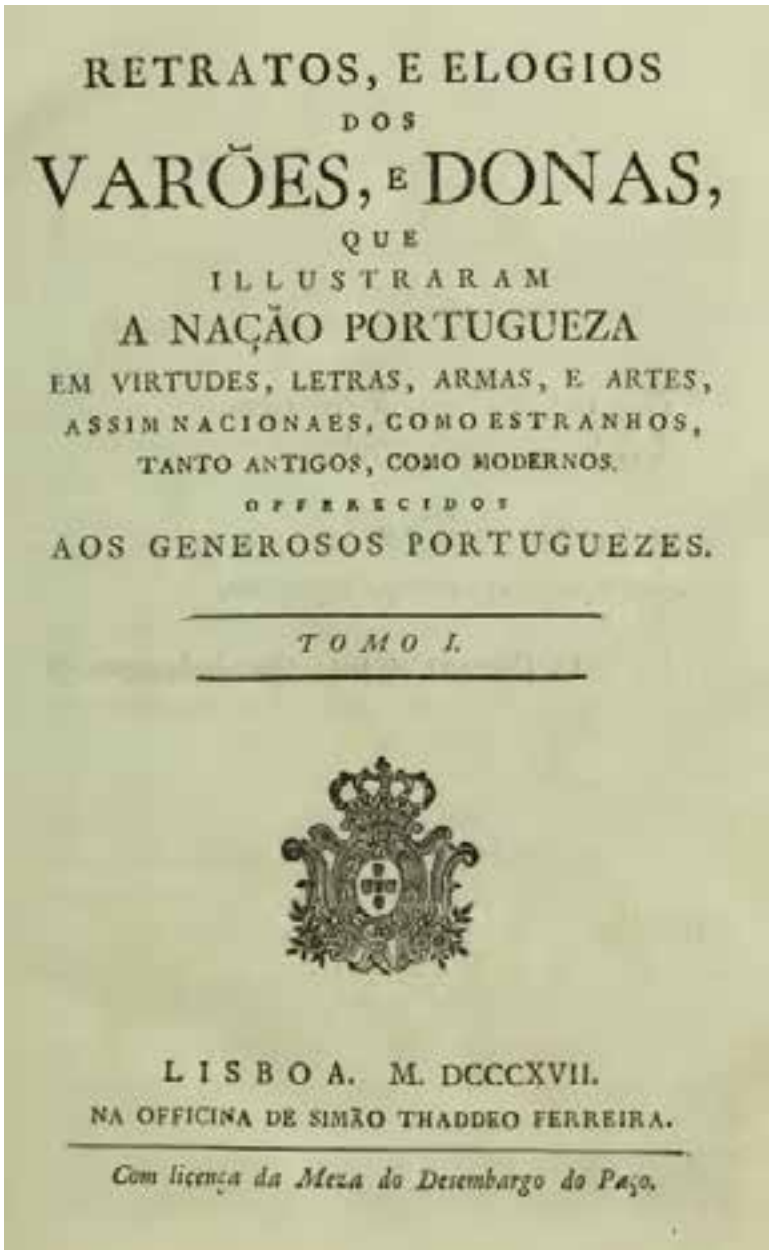

RETRATOS, E ELOGIOS
DOS
VARÕES, E DONAS,
QUE
ILLUSTRARAM
A NAÇÃO PORTUGUEZA
EM VIRTUDES, LETRAS, ARMAS, E ARTES,
ASSIM NACIONAES, COMO ESTRANHOS,
TANTO ANTIGOS, COMO MODERNOS.
OFFERECIDOS
AOS GENEROSOS PORTUGUEZES.
TOMO I.
LISBOA. M. DCCCXVII.
NA OFFICINA DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Figura 54
Retratos e Elogios dos Varões, e Donas..., vol. I [único], Officina de Simão Thaddeo Ferreira, Lisboa, 1817.
Fonte: reprodução do original.

Sem qualquer sombra de dúvida, o periódico ilustrado mais notório da primeira vintena do século XIX foi o *Retratos e Elogios dos Varões e Donas* [1806-1825], da responsabilidade de Pedro José de Figueiredo e autor da maior parte das biografias aí publicadas (Silva, 1828, p. 75-78; *DBP*, vol. VI, p. 415-419; vol. XVII, p. 210). Os *Retratos e Elogios dos Varões e Donas*, publicação mensal subordinada à Sociedade Filopátria, foi editado entre Julho de 1806 e Março de 1807, possuindo cada um dos números retratos de personalidades da História de Portugal, acompanhados de biografias, à semelhança dos *Retratos dos Grandes Homens da Nação Portugueza* ou o *Templo da Gloria dos Luzos* (*DBP*, vol. VII, p. 140-142; *DJP*, vol. I, p. 138-140; *GEPB*, vol. XXV, p. 379; Cunha, 1941, p. 255; Soares, 1971, p. 286; Tengarrinha, 1989, p. 53; *CPS*, p. 74-75). Os preços de cada número oscilavam entre os 480 e 600 réis para os subscritores, possuindo uma lista de assinantes fixos e beneméritos. Estes retratos, em formatos ovais, cujo diâmetro media entre 10x11 centímetros, foram quase todos desenhados por José da Cunha Taborda, ainda que as placas de impressão fossem buriladas por vários gravadores.

A tradição enciclopédica do panorama jornalístico tentou renovar-se com uma nova edição do *Jornal Enciclopedico* [1806], mas, ao invés, parece ter sido um malogro editorial (Balbi, vol. II, p. CLXXVIII; *DBP*, vol. p. 114-114v.º; Cunha, 1941, p. 254; Tengarrinha, 1989, p. 48, 51; *CPS*, p. 55). Como se sabe, este periódico iniciou-se em Julho de 1779, sob a direcção de Félix António Castrioto. Após o primeiro número, esteve suspenso durante cerca de dez anos e só reiniciaria em Junho de 1788, prosseguindo com alguma normalidade até Maio de 1793, embora impresso em *Officinas* diferentes e com numerosos colaboradores. Entretanto, António Manuel Policarpo da Silva tentou implementar a publicação com o mesmo título, mas não chegaria a suplantar o primeiro "caderno".

Poucas informações bibliográficas mencionam a colectânea periódica *Armazem Interessante, e Recreativo* [1806], publicada em Lisboa. Apenas se conhecem 4 números «in-oito», mas não sabemos quem procedeu à compilação e tradução das suas novelas, onde transparece uma certa sensibilidade literária por ambiências históricas. No entanto, este periódico possui outro motivo de interesse, ter sido, ao que parece, a primeira publicação com estampas litografadas (*DJP*, vol. I, p. 75; Cunha, 1941, p. 256; Tengarrinha, 1989, p. 50, 197).

Também quase nada se saber sobre a *Collecção de Mentiras e Verdades* [1806-1807], o "sucessor" do *Divertimento Instructivo* [1804-1806], o qual incluiria 10 números com cerca de 30 páginas «in-oito» e estampas coloridas representando os vendedores ambulantes de Lisboa. Vocacionado para a diversão, a *Collecção de Mentiras e Verdades* continha novelas e anedotas (*DJP*, vol. I, p. 81; Cunha, 1941, p. 254; Tengarrinha, 1989, p. 55).

A primeira experiência periodista de António Maria do Couto iniciou-se com a publicação do *Producções Litterarias* [1806]. Segundo consta, apenas foram difundidos 5 números, mas, infelizmente, nenhum exemplar sobreviveu. A julgar pelo seu título, estaria orientado para a divulgação literária nacional e europeia (*DBP*, vol. XXII, p. 317; *DJP*, vol. I, p. 134; *GEPB*, vol. XXIII, p. 342; Cunha, 1941, p. 255; Tengarrinha, 1989, p. 56).

Olhando novamente para a nossa imprensa periódica comercial, existem poucas informações sobre os *Preços Correntes na Praça de Lisboa*, difundido apenas em Janeiro de 1807 (*DJP*, vol. I, p. 133; *GEPB*, vol. XXIII, p. 92; Cunha, 1941, p. 255; Lapa, 1967, p. 64). Tendo sido impresso na Impressão Régia, não se conhece, todavia, quem foi o seu autor, ou os seus promotores, mas seria uma continuidade do *Com Privilegio Real* [1778-1807]. Detinha, paralelamente, os mesmos intentos do *Correio Mercantil, e Economico de Portugal* [1790-1811], outra referência do periodismo comercial — no entanto, as razões do seu rápido desaparecimento após o primeiro número permanecem uma incógnita. Composto por 2 folhas que noticiavam o movimento do porto de Lisboa, com tabelas de preços e quantidades de produtos, anúncios publicitários, etc.

Voltando à perspectiva humorística, publicou-se o *Recreio Domestico* [1807], mas ignora-se quem tenha sido o seu autor ou editor, assim como outras particularidades. Praticamente ignorado pelos estudos bibliográficos, não se conhece nenhum exemplar que testemunhe a sua aparência (Tengarrinha, 1989, p. 56).

O último periódico a ser publicado por Luís António de Azevedo seria o *Archivo de Peças Divertidas, e Scientificas* [1807], embora registando-se apenas dois números com cerca de 60 páginas «in-oito». No mesmo prumo editorial dos periódicos deste redactor, insere-se na divulgação dos conhecimentos práticos (*DJP*, vol. I, p. 74; Cunha, 1941, p. 256; Tengarrinha, 1989, p. 50).

L. 6609

CORREIO
DAS
MODAS.

INTRODUCÇÃO.

SE EU pertendesse fazer a apologia do Luxo, e das Modas, poderia authorizar-me com o exemplo de quasi todos os Povos do Mundo, desde os antigos Patriarchas até o nosso tempo. Entre os presentes que Abemilech fez a Abrahão, destinou quarenta peças de prata

A

Figura 55
Correio das Modas, [s. n.], Lisboa, 1807.
Fonte: reprodução do original.

Debruçamo-nos agora sobre o periódico *Correio das Modas* [1807], a primeira publicação dedicada à moda em Portugal, particularmente consagrada ao público feminino (*DJP*, vol. I, p. 85; *GEPB*, vol. XVII, p. 473; Cunha, 1941, p. 255; Tengarrinha, 1989, p. 53-54). Mesmo só existindo um único exemplar, publicaram-se 5 números num formato «in-oito», ainda que se ignore quem fosse o seu redactor. Com um custo unitário elevado [240 réis], o *Correio das Modas* exibia estampas com figurinos e secções recreativas com anedotas e novelas.

Assim termina um pequeno ciclo sucedido desde o início do século XIX até ao último momento antes da entrada das tropas francesas em Portugal, um ponto de viragem estrutural no universo periódico. O próprio discurso noticioso sofrerá transformações visíveis, em que a tónica política de aceitação ou repúdio ao invasor francês será discutida na esmagadora maioria dos periódicos portugueses após Novembro de 1807. Será umo combate ideológico que, em breves anos, se travará no embate entre o *Portugal Velho* e a ascensão do Liberalismo.

1.16. A resistência da imprensa periódica durante as Invasões Francesas

Todo o período entre 1807 e 1811 será determinante para a imprensa periódica devido ao impacto das três invasões francesas após o Bloqueio Continental [1806] decretado por Napoleão Bonaparte, ao qual Portugal não aderiria. Durante as Invasões Francesas os prejuízos foram monumentais a todos os níveis, o mesmo sucedendo em quase todas as oficinas tipográficas, em virtude do saque de armazéns, a inutilização de material tipográfico, a destruição dos postos de venda e distribuição, etc. Contudo, a resistência ao ocupante encontrou um modo altamente eficiente de combater o inimigo e manter a *chama* patriótica.

Em meados de 1808, por despacho de Manuel Paes de Aragão Trigoso, governador de Coimbra e vice-reitor da Universidade, foi publicado o *Minerva Lusitana* [1808-1811], o primeiro periódico conimbricense (*DBP*, vol. VI, p. 253; vol. XVII, p. 72-73; *DJP*, vol. I, p. 218-220v.º; Cunha, 1941, p. 257-258; *GEPB*, vol. XVII, p. 288; Tengarrinha, 1989, p. 185-186; *CPS*, p. 60). Da redacção do *Minerva Lusitana* ficaram incumbidos José Bernardo de Vasconcelos Corte-Real, Joaquim Navarro de Andrade e Fr. Luís do Coração de Maria, lentes da Universidade de Coimbra.

Num. 1.

MINERVA LUSITANA.

POR ORDEM DO GOVERNO.

Coimbra. Segunda Feira 11 de Julho de 1808.

PROCLAMAÇÃO

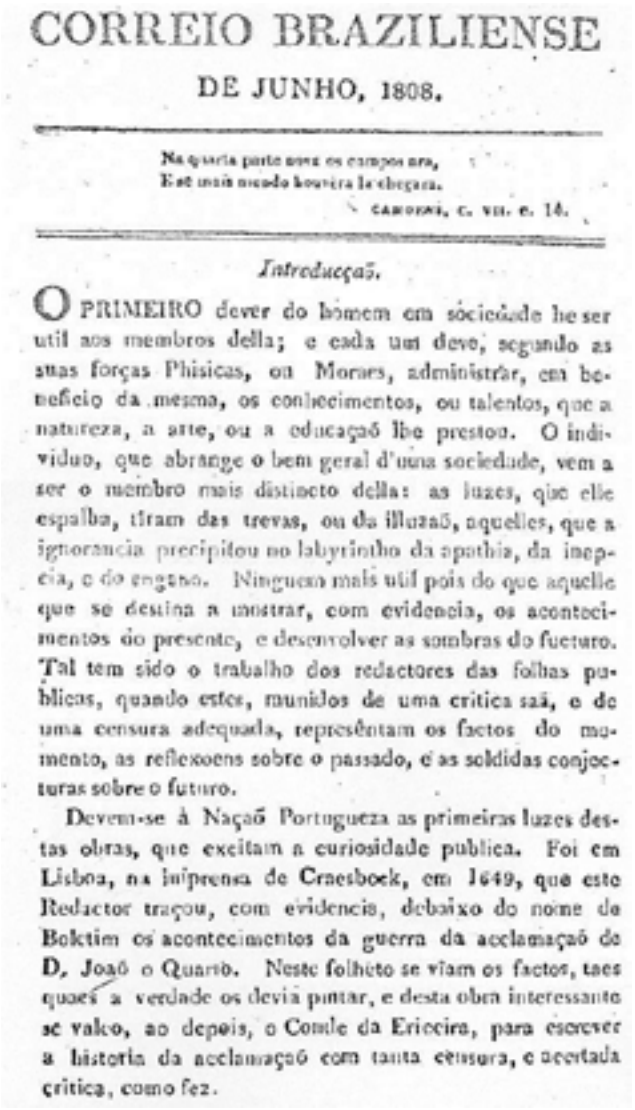
Portuguezes:

HE tempo de expulsar do nosso Paiz huns *Perfidos*, que a titulo de *Amigos* e *Protectores* vierão derribar o Throno do nosso Augusto Soberano, profanar os nossos *Templos*, roubar o seu *Oiro* e a sua *Prata*, impôr-nos huma *Contribuição* insupportavel, dissolver os nossos *Regimentos*, e tirar-nos todas as *Armas* depois de se terem apoderado dos nossos *Thesouros* e *Arsenaes*, arrastando-nos assim á mais infame pobreza, e á mais abominavel escravidão. Não contentes com terem derramado nas *Caldas* o sangue dos nossos *Soldados*, e terem feito marchar para Paizes estrangeiros e os mais remotos as poucas *Tropas*, que nos restavão, elles tinhão decretado huma *Conscripção* de cincoenta mil dos nossos Concidadãos, para irem mettidos em ferros defender ao maior dos *Tyrannos* e *Usurpadores*. Agora que huma feliz revolução nos vai a livrar do pezado jugo, que nos opprime, *Monstros*! transportados de huma ferocidade inaudita assassinão os *Sacerdotes*, as *Mulheres*, e os *Meninos*, queimão nossas *Villas* e *Sedras*, e devastão nossos *Campos*. Mas será por pouco tempo: Huma vingança terrivel e sem exemplo os vai perseguir á mesma Capital, para onde fogem debandados, e nós lavaremos no seu sangue nossas mortaes injurias. Os bravos e numerosos Batalhões das tres Provincias do Norte bramem por se verem já organizados, para irem acabar de huma vez estes *traidores*. Os *Inglezes* e *Hespanhoes* igualmente offendidos por elles, se reunem ás nossas Bandeiras. Correi ás armas, Portuguezes; conservai a honra, a fidelidade, e o patriotismo, que os vossos maiores vos trans-

Figura 56
Minerva Lusitana, Real Imprensa da Universidade, Coimbra, 1808.
Fonte: reprodução do original.

Aqui dar-se-ia notícia das operações militares em Portugal e na Europa, motivada pela insurreição contra o exército francês, à qual Coimbra aderiu em 23 de Junho de 1808. Para a história das Invasões Francesas, os 173 números do *Minerva Lusitana* são uma fonte imprescindível de notícias, especialmente na zona envolvente de Coimbra.

Na conjuntura internacional da nossa imprensa periódica nasceria o *Correio Braziliense ou Armazem Literario* [1808-1822], um periódico mensal publicado por Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, mais conhecido por Hipólito José da Costa, em Londres, contabilizando 175 números editados (*DJP*, vol. I, p. 166-167; Cunha, 1941, p. 256-257; Tengarrinha, 1989, p. 50-51, 84-88, 90-93, 95-99; *CPS*, p. 38; Dourado, 1957; Rizzini, 1957; Ferreira, 1987). Através deste periódico, expedido clandestinamente para Portugal e o Brasil, defendeu a emancipação brasileira, concedendo cobertura à Revolução Pernambucana [6 de Março de 1817] e aos eventos conducentes à independência do Brasil. Encerraria a sua publicação em 1822, visto que, segundo a sua perspectiva, não faria sentido após o Brasil conseguir a sua soberania, sendo considerado o primeiro periódico brasileiro.



CORREIO BRAZILIENSE

DE JUNHO, 1808.

Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvera lá chegara.
CAMOENS, C. VII. e. 14.

Introducçaõ.

O PRIMEIRO dever do homem em sociedade he ser util aos membros della; e cada um deve, segundo as suas forças Phisicas, ou Moraes, administrar, em beneficio da mesma, os conhecimentos, ou talentos, que a natureza, a arte, ou a educaçaõ lhe prestou. O individuo, que abrange o bem geral d'uma sociedade, vem a ser o membro mais distincto della: as luzes, que elle espalha, tiram das trevas, ou da illuzaõ, aquelles, que a ignorancia precipitou no labyrintho da apathia, da inepcia, e do engano. Ninguem mais util pois do que aquelle que se destina a mostrar, com evidencia, os acontecimentos do presente, e desenvolver as sombras do futuro. Tal tem sido o trabalho dos redactores das folhas publicas, quando estes, munidos de uma critica saã, e de uma censura adequada, representam os factos do momento, as reflexoens sobre o passado, e as soldidas conjecturas sobre o futuro.

Devem-se à Naçaõ Portugueza as primeiras luzes destas obras, que excitam a curiosidade publica. Foi em Lisboa, na imprensa de Craesbeck, em 1649, que este Redactor traçou, com evidencia, debaixo do nome de Boletim os acontecimentos da guerra da acclamaçaõ de D. Joaõ o Quarto. Neste folheto se viam os factos, taes quaes a verdade os devia pintar, e desta obra interessante se valeo, ao depois, o Conde da Ericeira, para escrever a historia da acclamaçaõ com tanta censura, e acertada critica, como fez.

Figura 57
Correio Braziliense ou Armazem Literario, n.º 1, W. Lewis, Paternoster-Row, [*et al.*], Londres, Junho 1808.
Fonte: reprodução do original.

O desconforto causado à Coroa portuguesa pelo *Correio Braziliense* levou a que se patrocinasse *O Investigador Portuguez em Inglaterra* [1811-1819], também em Londres, visando diminuir a influência daquele periódico, considerado nocivo aos interesses nacionais. A partir de 1813, a Coroa dispenderia cerca de mil libras anuais [equivalentes a 500 assinaturas do *Correio Braziliense*], as quais seriam entregues indirectamente a Hipólito José da Costa, daí o abrandamento do seu teor crítico.

Ao contrário do que vários autores defendem, os temas noticiosos procedentes do Brasil não eram o foco principal do *Correio Braziliense*, preferindo relatar os principais acontecimentos em todo o continente americano e na Europa, dividido entre temáticas dedicadas à Política, Comércio, Artes, Literatura, Ciências, etc. Ao longo dos 14 anos de produção jornalística transmitiu um discurso doutrinário das novas concepções políticas. Era agora o tempo de erguer uma imprensa opinativa que correspondesse aos partidarismos das lutas europeias

e americanas. Consolida-se o *personal comment*, em que se supunha um 'direito de resposta' e a troca de correspondência com os leitores, publicável, ou não, nesses periódicos.

A despeito das incertezas que se mantêm sobre a imparcialidade política do «primeiro jornalista brasileiro», nada obsta quanto ao valor intelectual de Hipólito José da Costa, assinalada por uma intervenção política enquanto sustentou a sua actividade jornalística. Dever-se-á entender o *Correio Braziliense ou Armazem Literario* o máximo expoente da imprensa periódica aquando as Invasões Francesas, ainda que seja, inclusive, a matriz maior do universo periódico brasileiro.

Num. 1.

GAZETA DO ROCIO.

Com Privilegio do Desgoverno.

LISBOA.

ARTIGO I.

II.

III.

Figura 58
Gazeta do Rocio..., n.º 1, Typografia Lacerdina, Lisboa, 1808.
Fonte: reprodução do original.

Num. 17.

GAZETA DE LISBOA.

COM PRIVILEGIO DO GOVERNO.

Figura 59
Gazeta de Lisboa, n.º 17, Imprensa Régia, Lisboa, 26 Abril 1808.
Fonte: reprodução do original.

Com o desenrolar das Invasões Francesas, toda a imprensa periódica suportaria uma transformação profundíssima, adoptando uma postura combativa e usando as "armas" possíveis, ou seja, a sátira e o humor — ridiculizando o inimigo, perdia-se o medo pela opressão, promovendo-se a liberdade e o patriotismo nacionais (Dias, 2010). Comecemos por registar as *Gazetas do Rocio* [1808-1809], da autoria provável de António Maria do Couto, altamente

satíricas, com 21 números de 2 páginas «in-quarto». Dispunha-se a ridicularizar as falsidades que o ministério francês propagava na *Gazeta de Lisboa*, à altura, o órgão oficial do marechal Junot. As *Gazetas do Rocio* afirmavam ser publicadas «Com Privilégio do Desgoverno» e eram encimadas por uma águia invertida, uma ofensa ao ocupante francês (*DJP*, vol. I, p. 159, 192-193; Cunha, 1941, p. 258; *GEPB*, vol. XII, p. 247; Tengarrinha, 1989, p. 61-65; Lapa, 1967, p. 59-63; Alves, 2000, p. 306, 400, 563).

Uma das actuações mais decisivas da ocupação francesa em Lisboa foi, sem dúvida, o controlo restrito da imprensa periódica. Deste modo, o novo Intendente-Geral da Polícia, o 'maldito' Pierre Lagarde, quem orientaria a *Gazeta de Lisboa*, com oficiais portugueses sob o seu comendo. Foi quem ordenou a substituição das armas reais portuguesas pelas armas imperiais francesas nos cabeçalhos do principal periódico português, entre outras despotismos (*DBP*, vol. III, p. 140-141).

Face essa ignomínia contra a nossa soberania, Luís de Sequeira Oliva e Sousa Cabral tomaria a responsabilidade de publicar o *Lagarde Portuguez* [1808], um periódico satírico achincalhando Napoleão Bonaparte e, como o próprio título assinala, o supracitado Pierre Lagarde. Publicado entre 21 de Novembro e 19 de Dezembro de 1808, esta publicação periódica conheceria apenas 8 números (*DBP*, vol. V, p. 320-321; *DJP*, vol. I, p. 206; Cunha, 1941, p. 258-259; Tengarrinha, 1989, p. 61-63).

O mesmo autor continuaria a sua campanha cáustica contra o invasor, editando *O Telegrafo Portuguez* [1808-1814], uma continuação formal do periódico precedente, composto por 105 números. Publicou-se entre Dezembro de 1808 e Junho de 1809, recomeçando em Janeiro de 1812 até Dezembro de 1814. A sua colecção completa integra um repositório utilíssimo de notícias político-militares (*DJP*, vol. I, p. 252-254v.º; Aranha, 1909, p. 237, 255; Cunha, 1941, p. 259; Tengarrinha, 1989, p. 61, 63).

Num horizonte tão ampliado como a nossa imprensa periódica existirão sempre incógnitas que não se prevêem solucionadas. Um desses exemplos, entre tantos outros, foi a publicação do *Correio do Outro Mundo* [1808], uma tradução do original castelhano e do qual não conhecemos o autor ou o tradutor, mas apenas a menção a um tal «Filopolo». Conheceu um enorme sucesso, sendo publicado em várias oficinas tipográficas, e versava abertamente sobre o fim da escravatura e a política internacional. Apesar de tudo, só se conhecem 2 números em formato «in-quarto.

N.º 102. 1813.

TELEGRAFO PORTUGUEZ

TERÇA FEIRA 21 DE DEZEMBRO DE 1813.

Figura 60
O Telegrafo Portuguez, ou Gazeta para depois de jantar, n.º 102, Impressão Régia, Lisboa, 21 Dezembro 1813.
Fonte: reprodução do original.

CORREIO
DO
OUTRO MUNDO,

CONTÉM A RELAÇÃO DA JUNTA
Celebrada no Templo da Immortalidade entre o Grão Capitão, Antonio Peres, o Cardial Ximenes, D. Diogo Saavedra Fajardo, e Bartholomeo de las Casas, na qual tratárão de varios pontos mui interessantes á Hespanha nas actuaes circumstancias.

LISBOA,
NA OFFICI. DE JOÃO EVANGELISTA GARCEZ.
Anno 1808.

Figura 61
Correio do Outro Mundo..., n.º 2, Officina de João Evangelista Garcez, Lisboa, 1808.
Fonte: reprodução do original.

1.17. A imprensa periódica brasileira e internacional sob a governação portuguesa

Atendendo à evolução da imprensa periódica nacional, é indispensável debruçarmo-nos sobre a imprensa periódica brasileira, nomeadamente entre 1808 e 1820, estreitamente relacionada com a permanência da Família Real no Brasil. Em todo o domínio colonial brasileiro, de acordo com as ordens rígidas da governação portuguesa, não era permitido instalar a imprensa ou os estudos universitários no Brasil, sendo a circulação de livros e periódicos fortemente vigiada. Embora o tráfico livreiro clandestino fosse fortemente combatido pelas autoridades, temia-se que a circulação das novas ideias revolucionárias pudesse contrariar a subordinação do Brasil, não esquecendo que tal sentimento independentista progredia infalivelmente.

Não obstante, o nascimento da imprensa periódica brasileira também possui as suas querelas, dado que os dois primeiros jornais brasileiros, o *Correio Braziliense ou Armazem Literario* [relembramos que o primeiro número é de 1 de Junho de 1808] não é propriamente brasileiro e a *Gazeta do Rio de Janeiro*, surgida a 10 de Setembro de 1808, era um instrumento da Coroa (*DJP*, vol. I, p. 190-191v.º; Cunha, 1941, p. 258; Tengarrinha, 1989, p. 206-209; *CPS*, p. 52; Caseiro, 1985, p. 25-26).

Figura 62
Gazeta do Rio de Janeiro, n.º 1, Impressão Régia, Rio de Janeiro, 10 Setembro 1808.
Fonte: reprodução do original.

N.º 1.

GAZETA DO RIO DE JANEIRO.

SABADO 10 DE SETEMBRO DE 1808.

A *Gazeta do Rio de Janeiro* foi um periódico elaborado à imagem da *Gazeta de Lisboa* e transmitia unicamente os comunicados do Governo e da Família Real. Esteve, inclusive, ligada à criação da Impressão Régia, a primeira oficina tipográfica brasileira e de cujo prelo foram impressos todos os números. Publicado bissemanalmente, a *Gazeta do Rio de Janeiro* foi o periódico oficial do Governo português, cujo primeiro editor foi Fr. Tibúrcio José da Rocha, oficial da Secretaria do Ministério dos Negócios Estrangeiros, seguido do brigadeiro Manuel Ferreira de Araújo Guimarães, que permaneceu nesse serviço até Junho de 1821.

Logo após a *Gazeta do Rio de Janeiro*, seria publicado um outro famoso periódico, a *Idade d'Ouro do Brazil* [1811-1823], em tudo equivalente às *gazetas* europeias ou, por 'afinidade hierárquica', à *Gazeta de Lisboa*, da qual era uma perfeita réplica (*DJP*, vol. I, p. 194-196v.º; Cunha, 1941, p. 263; Tengarrinha, 1989, p. 207 *CPS*, p. 53). Acresce que foi o primeiro periódico publicado na Baía por Diogo Soares da Silva de Bivar e Inácio José de Macedo, contendo informações extraídas de outros periódicos portugueses e europeus, sem esquecer uma predilecção por notícias norte-americanas. Fortemente controlado pelo Governo português, foi, portanto, um jornal oficial idêntico à *Gazeta do Rio de Janeiro*.

Num. 1.

IDADE D'OURO

DO BRAZIL.

Terça feira 14 de Maio de 1811.

Fallai em tudo verdade
A quem em tudo as devéis.

Sá, e Miranda.

GRAMBRETANHA.

Londres 10 de Fevereiro de 1811.

HESPANHA.

Cadiz 9 de Março.

Figura 63
Idade d'Ouro do Brazil, n.º 1, Typographia de Manoel Antonio da Silva Serva, Bahia, 14 Maio 1811.
Fonte: reprodução do original.

SEMANARIO PATRIÓTICO.

Nulla enim nobis societas cum tyrannis . . . sed potius summa distractio... atque hoc omne genus pestiferum atque impium ex hominum communitate exterminandum est.

CIC. DE OFFICIIS LIB. 3. CAP. 6.

TOMO I.

MADRID.
IMPRENTA DE REPULLES.
1808.

Figura 64
Semanario Patriótico, n.º 1, Imprenta de Repuller, Madrid, 1 Setembro 1808.
Fonte: reprodução do original.

No circuito dos periódicos estrangeiros que circularam em Portugal entre 1808 e 1820, mencionamos o *Semanario Patriotico* [1808], editado pelo escritor espanhol Manuel José Quintana, e traduzido por Tomás Ferreira de Castro. Apenas se conhecem 12 números «in-oito», nos quais se retratou a situação de Espanha sob o domínio napoleónico (*DJP*, vol. I, p. 250-250v.º; Cunha, 1941, p. 257; *GEPB*, vol. XXVIII p. 202; Tengarrinha, 1989, p. 61; *CPS*, p. 76).

Adiante, relembramos o *Calendrier de Lisbonne*, um pequeno almanaque impresso em Lisboa e com uma edição bilingue em francês e português (*CPS*, p. 27). Ao que parece, gozou do patrocínio das forças de ocupação e foi um útil instrumento para os estrangeiros de visita à capital. Só se conhece a versão francesa desta pequeníssima publicação, editada no formato «in-doze», mas se continuidade editorial.

Não se conhece o tradutor ou o promotor das *Noticias Officiaes transcriptas das Folhas Inglezas* [1809], dado só existir um exemplar datado de 7 de Agosto de 1809, com 4 páginas

«in-quarto». Sabe-se que dos prelos da Impressão Régia foram publicadas traduções de notícias de periódicos europeus, mas com outras designações. Seja como for, seria apenas uma tradução de notícias sobre as Guerras Napoleónicas.

Ainda no âmbito dos periódicos estrangeiros, destacamos o *Diario de Badajoz*, dirigido por José María Domenech y Andrade, iniciado a 8 de Julho de 1809, compreendendo 15 números de 4 e 8 páginas «in-quarto», o qual versou sobre o domínio napoleónico em Espanha (*DJP*, vol. I, p. 176; Cunha, 1941, p. 260 Tengarrinha, 1989, p. 62).

DIARIO DE BADAJOZ.

DEL VIERNES 17 DE JUNIO DE 1808.

INTRODUCCION.

LOS Franceses se han llevado á nuestro Rey, han invadido nuestro País, se han apoderado de nuestras Plazas, sus Exércitos atraviesan impunemente desde Barcelona á Lisboa, y desde Pamplona á Cádiz, y nosotros estamos acaudillados, y sin órden ni concierto. ¡No hay remedio, seremos esclavos de Napoleon! Las cadenas que nos han de aprisionar sonaan ya en nuestros oidos: nuestras campiñas desoladas van á ofrecernos un espectáculo horroroso; y dentro de pocos dias nuestros desgraciados hermanos, atados como viles delinqüentes, irán á preparar en otro extremo de la tierra, nuevos laureles y nuevos esclavos al monstruo del linage humano.

Asi discurriamos hace pocos dias: los espíritus exaltados preveian estos males, la imaginacion arrebatada los amontonaba, y nos creia perdidos porque el remedio no era tan veloz como ella. Pero la mina reventó, se varió la escena, y una nueva perspectiva se presentó á nuestros ojos. ¿Qué eramos el 23 de Mayo? ¿Qué eramos hace 20 dias? ¿Y qué somos ya hoy? Un espacio tan corto ha ennoblecido los ánimos, y ha dado energía á toda la Nacion. Las voces *Patria, Religion y Fernando* soparon en las playas del Oriente y del Mediodia del Reyno, y las montañas del Poniente y del Norte repitieron el eco. *Patria, Religion y Fernando*, resonaron tambien en las llanuras del Guadiana; y atónitos los traidores, huyeron á escondrse, ó desaparecieron, los inresolutos se animaron y las almas grandes y generosas repitieron entusiasmadas viva la *Patria*, viva la *Religion*, viva *Fernando*.

En un momento todo se ordena de nuevo. Las riendas de un Gobierno inerte y cobarde pasan á manos patrióticas y activas, y en tan pocos dias renace la esperanza en los corazones de todo buen Español. Por todo el Reyno se circulan proclamas, se hacen alistamientos, y la gente á porfia corre á todos los puntos importantes del Reyno, á formar Exércitos que defiendan la

Figura 65
Diario de Badajoz, n.º 1, [s. n.], Badajoz, 17 Junho 1808.
Fonte: reprodução do original.

Na linha dos periódicos estrangeiros, o *Diario do Governo da Corunha* [1809] seria uma diligência editorial que divulgou os acontecimentos militares em Espanha e na Europa. Dotado de alguns suplementos e alterações no seu título, conhecem-se alguns números (*DJP*, vol. I, p. 177; Cunha, 1941, p. 261; Tengarrinha, 1989, p. 62).

A compilação *Noticias Officiaes dos Combates da Hespanha* [1810] inclui uma miscelânea de folhetos e papéis noticiosos com a mais distina procedência sobre as Guerras Napoleónicas. Como se sabe, a circulação de notícias sobre os conflitos europeus conheceu uma expansão fantástica, razão pela qual se justificava tais notícias.

Um outro exemplo completamente diferente prende-se com a *Collecção de Noticias acerca do Resgate dos Portuguezes* [1810-1811, 1813], a publicação das subscrições, donativos e balancetes dos peditórios para os resgates de portugueses capturados pelos piratas mouriscos no Mediterrâneo e nas nossas costas. Editaram-se somente 4 números com 30 páginas «in-quarto».

1.18. A '*contra-ofensiva*' do periodismo nacional perante o invasor francês

Um dos periódicos mais interventivos durante as Invasões Francesas foi *O Leal Portuguez* [1808-1810], editado após a saída das tropas francesas do Porto, a 27 de Julho de 1808 (*DJP*, vol. I, p. 209-212v.º; Cunha, 1941, p. 257; Tengarrinha, 1989, p. 61). Contudo, a entrada do marechal Soult na cidade em Março de 1809 obrigou à sua suspensão, ressurgindo após a nova retirada dos invasores, a 24 de Junho de 1809, prolongando-se até meados do ano seguinte. Editado pelo juiz desembargador José Joaquim de Almeida e Correia de Lacerda, depois ministro de D. João VI, foi um dos periódicos portuenses que confrontou o invasor nos seus 26 números «in-quarto».

Figura 66
Joannes Brasiliæ Princeps,
gravura água-forte e buril, p&b,
[s. n.], [s. l], 1777?
Fonte: reprodução do original.

Como seria expectável, existem vazios existenciais no período das Invasões Francesas. Assim, refira-se o *O Philarmonico Portuguez* [1808], editado na Figueira da Foz, e praticamente ignorado nos catálogos bibliográficos, à excepção de raros estudos (Tengarrinha, 1989, p. 62). Foi uma publicação quinzenal dedicada à música filarmónica e não às composições eruditas, como o seu próprio título insinua.

Um outro lapso na nossa imprensa periódica foi *O Patriota ou o Amigo da Independencia de Portugal* [1809], de redactor anónimo. A julgar pelo título, era um manifesto anti-francófono (*DJP*, vol. I, p. 235; *GEPB*, vol. XX, p. 632; Tengarrinha, 1989, p. 61).

Um outro exemplo da ausência material será o caso do *Postilhão de Lisboa* [1809], de autoria anónima, e do qual não resta nenhum exemplar. Existem indícios bibliográficos que indicam tratar-se de um periódico noticioso (Balbi, vol. II, p. CCLXXIV; *DJP*, vol. I, p. 242; Cunha, 1941, p. 260; *GEPB*, vol. XXII, p. 922; Tengarrinha, 1989, p. 62).

Que tipo de periódico seria *O Economista* [1811], de autor anónimo, e do qual não sobreviveu qualquer exemplar? Seja como for, como o título assinala, dedicar-se-ia a temáticas económicas ou descreveria ocorrências nacionais e internacionais? (*DJP*, vol. I, p.180; Cunha, 1941, p. 262; *GEPB*, vol. IX, p. 406; Tengarrinha, 1989, p. 72).

Registamos ainda *O Espião Patriota* [1811], de José António da Silva Freire. Este panfleto surge em pouquíssimas citações bibliográficas, tratando-se de uma publicação anti-francófona (Tengarrinha, 1989, p. 73).

Como se depreende, a *Relaçaõ dos Folhetos e Papeis* foi uma listagem das principais publicações vendidas na «Casa da Gazeta», em Lisboa, desde 1808 em diante (*CPS*, p. 71). Não se pode considerar como um verdadeiro "periódico", mas um perfeito rol de periódicos, ainda que detivesse, por si só, uma certa periodicidade.

Em muitos casos, subsiste uma hesitação em catalogar determinados opúsculos como "periódicos", como sucedeu com o *Observador Portuguez* [1809], editado por Benevenuto António Caetano de Campos (Balbi, vol. II, p. p. CLXXIX; *DBP*, vol. VI, p. 319; vol. XVII, p. 117; *DJP*, vol. I, p. 228; *GEPB*, vol. XIX, p. 135; Cunha, 1941, p. 256; Lapa, 1967, p. 63-64; *CPS*, p. 65). Em vários catálogos, esta publicação «in-quarto» surgiu em 1807, mas, no entanto, só se imprimiu em 1809. No seu extenso título estipulou-se um "balizamento cronológico" dos episódios ocorridos entre 27 de Novembro de 1807 [data do embarque da Família Real] até 15 de Setembro de 1808 [primeira saída dos contingentes franceses], o que induziu certas referências em erro.

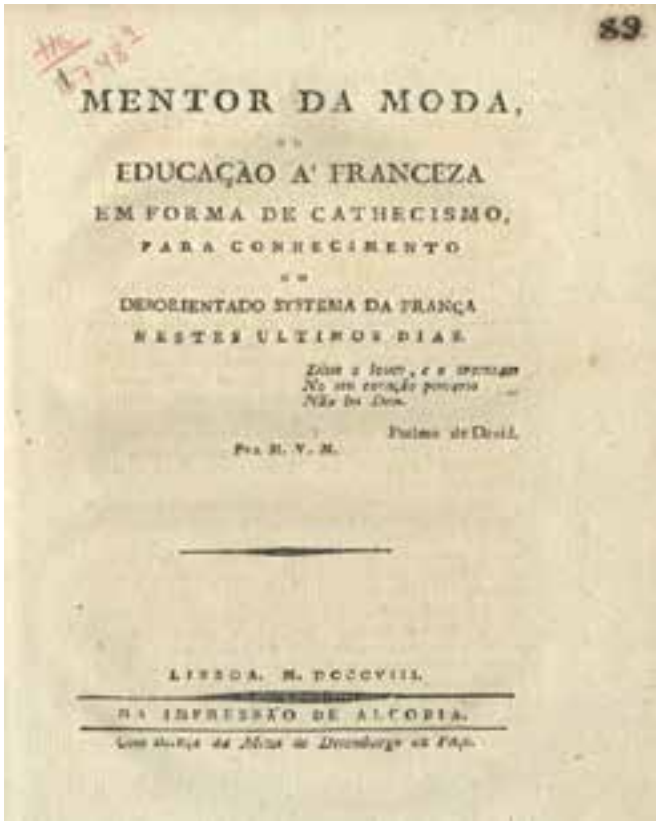
Quase não existem referências à *Collecção de Trajes que usam todas as Nações do Mundo* [1809] e não conhecemos o seu redactor, sendo uma publicação destinada a um público feminino, o qual terá aglomerado 5 números (Balbi, vol. II, p. CCLXXIV; *DJP*, vol. I, p. 164; Cunha, 1941, p. 259).

OBSERVADOR PORTUGUEZ,
HISTORICO, E POLITICO
DE LISBOA,

OFFERECIDO
AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR
D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO,

LISBOA,
NA IMPRESSÃO REGIA.

Figura 67
Observador Portuguez..., Impressão Régia, Lisboa, 1809.
Fonte: reprodução do original.



MENTOR DA MODA,

EDUCAÇÃO A' FRANCEZA
EM FORMA DE CATHECISMO,
PARA CONHECIMENTO
DO DESORIENTADO SYSTEMA DA FRANÇA
NESTES ULTIMOS DIAS.

LISBOA. M. DCCCVIII.
NA IMPRESSÃO DE ALCOBIA.

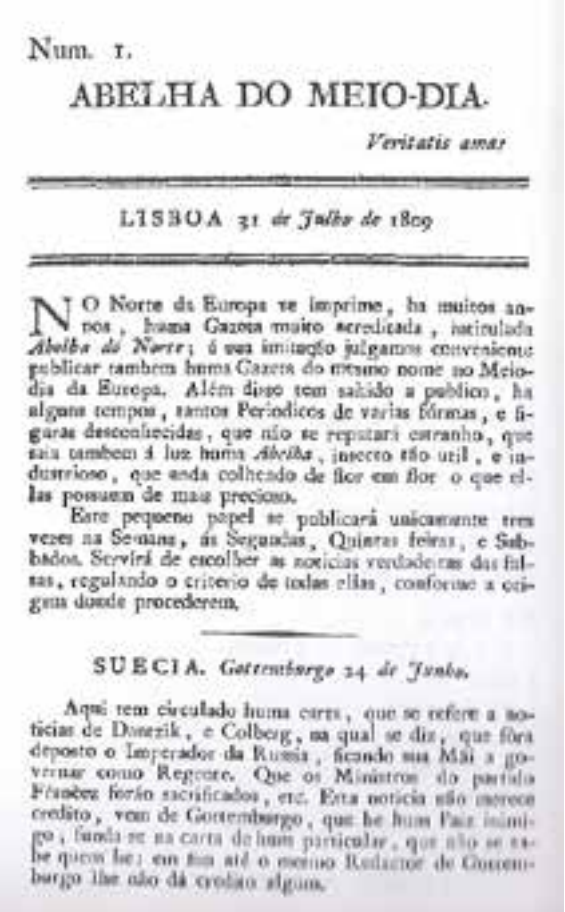
Figura 68
Mentor da Moda..., n.º 1, Impressão de Alcobia, Lisboa, 1808.
Fonte: reprodução do original.

O [quase] desconhecido "periódico" *Mentor da Moda* [1808-1809] corresponde a uma sátira às alterações políticas, sociais e religiosas aplicadas nas promulgações napoleónicas em Portugal. Deste modo, os dois números do *Mentor da Moda* delinearam diálogos [ou «lições] entre um mestre e o aluno sobre tais mudanças num tom acusativo (Tengarrinha, 1989, p. 62).

Cultivando um periodismo de combate, a *Gazeta d'Almada ou Telescopio Portuguez* [1809-1810], de José Anastácio Falcão, foi publicada semanalmente entre 7 de Julho de 1809 e 16 de Fevereiro de 1810 (*DJP*, vol. I, p. 187-187v.º; Cunha, 1941, p. 261; *GEPB*, vol. XII, p. 246; Tengarrinha, 1989, p. 63-64). A partir de 31 de Outubro de 1809, teve uma tiragem bissemanal e, a partir do n.º 42, seria conhecido somente por *Telescopio Portuguez*, tentando inculcar uma maior seriedade ao seu conteúdo. Alguns folhetos com este título circularam igualmente em formato manuscrito, mas em todos os seus 54 números abordaram questões político-militares nacionais e europeias.

Surge-nos o periódico *Abelha do Meio-Dia* [1809-1810], o qual assumia-se como homónimo do periódico russo *Abelha do Norte* [*Sjevernava Plschelam*, Moscovo?], editado em

Lisboa. Desconhece-se o seu redactor, mas foi um "espelho" fidedigno de uma Europa em armas. Com uma publicação trissemanal entre 31 de Julho de 1809 e 29 de Março de 1810, contabilizou 102 números «in-quarto» (*DBP*, vol. p. 156-156v.º; Cunha, 1941, p. 261; *GEPB*, vol. I, p. 58; Tengarrinha, 1989, p. 62, 96).



Num. 1.

ABELHA DO MEIO-DIA.

Veritatis amor

LISBOA 31 *de Julho de* 1809

NO Norte da Europa se imprime, ha muitos annos, huma Gazeta muito acreditada, intitulada *Abelha do Norte*; á sua imitação julgamos conveniente publicar tambem huma Gazeta do mesmo nome no Meio-dia da Europa. Além disso tem sahido a publico, ha alguns tempos, muitos Periodicos de varias fórmas, e figuras desconhecidas, que não se reputará estranho, que saia tambem á luz huma *Abelha*, insecto tão util, e industrioso, que anda colhendo de flor em flor o que ellas possuem de mais precioso.

Este pequeno papel se publicará unicamente tres vezes na Semana, ás Segundas, Quintas feiras, e Sabbados. Servirá de escolher as noticias verdadeiras das falsas, regulando o criterio de todas ellas, conforme a origem donde procederem.

SUECIA. *Gottemburgo 24 de Junho.*

Aqui tem circulado huma carta, que se refere a noticias de Dantzik, e Colberg, na qual se diz, que fôra deposto o Imperador da Russia, ficando sua Mãi a governar como Regente. Que os Ministros do partido Francez forão sacrificados, etc. Esta noticia não merece credito, vem de Gottemburgo, que he hum Paiz inimigo, funda se na carta de hum particular, que não se sabe quem he; em fim até o mesmo Redactor de Gottemburgo lhe não dá credito algum.

Figura 69
Abelha do Meio-Dia, n.º 1, Impressão Régia, Lisboa, 31 Julho 1809.
Fonte: reprodução do original.

O *Correio de Londres* [1809-1810] foi uma tradução do *London Courier and Evening Gazette* [1801-1839], que circulavam com outras publicações similares. Publicado entre 15 de Julho de 1809 e 4 de Dezembro de 1810, os seus 45 números apresentavam títulos distintos, o que, por vezes, obstrui o seu recenseamento. Além do conteúdo noticioso sobre as guerras europeias, foi desprovido outras temáticas (*DJP*, vol. I, p. 170-170v.º; Cunha, 1941, p. 261; Tengarrinha, 1989, p. 62; *CPS*, p. 39).

Entre os periódicos portugueses mais famosos destacamos o *Correio da Tarde* [1809], de Luís Caetano Altina de Campos. Iniciaria a sua publicação a 4 de Junho de 1809, com tiragens sucessivamente semanais, trissemanais e diárias até ser proibido a 1 de Setembro de

1809, curiosamente a data de fundação dos primeiros diários em Portugal. Apesar de contar 86 números noticiosos, o *Correio da Tarde* não divulgou outros assuntos (*DJP*, vol. I, p. 173; Cunha, 1941, p. 260; Tengarrinha, 1989, p. 62, 69).

1.19. Avanços e retrocessos no arranque do periodismo diário

Abriu-se uma etapa totalmente revolucionária na imprensa periódica com a aposta editorial nas tiragens diárias, atendendo à propensão crescente do público pela notícia. Consequentemente, surgiu o *Novo Diario de Lisboa*, um dos primeiros diários em Portugal, fundado a 1 de Setembro de 1809, embora só tivesse impresso um número, a julgar pelos registos bibliográficos (*DJP*, vol. I, p. 226; Cunha, 1941, p. 261; *GEPB*, vol. XVIII, p. 989 Tengarrinha, 1989, p. 59, 62). Seja como for, este periódico de 4 páginas «in-quarto» ambicionava uma circulação diária, mas não se conhecem mais exemplares que confirmem esta intenção. O volume de notícias oriundas das guerras na Europa e nas possessões ultramarinas justificavam o acréscimo da impressão de notícias, o que permitiu, por sua vez, a expansão explosiva da imprensa periódica diária.

Inaugurou-se, então, uma nova formato no nosso jornalismo, embora se previsse uma inclinação para a edição diária em alguns antigos periódicos setecentistas. Seguidamente, o *Diario Lisbonense*, considerado [quase] unanimemente o primeiro diário português, e cujo primeiro número sairia a 1 de Maio de 1809 e o último número a 31 de Maio de 1813, teve um total de 1198 números (*DJP*, vol. I, p. 178-178v.º; Cunha, 1941, p. 260; Tengarrinha, 1989, p. 57-59, 62; Cruz, 2002, p. 142-143). Todavia, segundo alguns estudos, o *Diario Lisbonense* seria uma sucessão do *Observador Portuguez*. No entanto, continuam por esclarecer quais as solicitudes de Estêvão Brocardo, editor do *Diario Lisbonense*, naquele "periódico".

Para a história do Porto durante as Invasões Francesas é fundamental o *Diario do Porto*, redigido por António Soares de Azevedo. Publicado entre 5 de Abril de 1809 [n.º 1] e 6 de Maio de 1809 [n.º 5], contém notícias instrumentalizadas pelos ocupantes, daí ser conhecido como um «jornal jacobino» (*DJP*, vol. I, p. 179-179v.º; Cunha, 1941, p. 259; Tengarrinha, 1989, p. 59, 62, 65; *CPS*, p. 43).

O prematuro periódico *Journal de Lisboa, ou Folha Diaria* foi também um dos primeiros diários. Fundado também a 1 de Setembro de 1809, apenas editou um número, de acordo com os catálogos bibliográficos. Este periódico de 4 páginas «in-quarto» desejou uma edição diária vespertina, mas desconhecem-se as razões do seu fracasso (*DBP*, vol. p. vol. XII, p. 192; *DJP*, vol. I, p. 205-205v.º; Cunha, 1941, p. 262; *GEPB*, vol. XIV, p. 316; Tengarrinha, 1989, p. 59, 62).

N.º 1.

DIARIO LISBONENSE.

SEGUNDA FEIRA 1 DE MAIO

1809.

POLITICA.

Figura 70
Diario Lisbonense, n.º 1, Impressão Régia, Lisboa, 1 Maio 1809.
Fonte: reprodução do original.

O periódico *Lanterna Mágica* [1809] foi um simples compêndio de notícias das Guerras Napoleónicas extraídas de outros periódicos europeus e traduzidas para o português. Só se conhecem 2 números com 7 páginas «in-quarto», possuindo a chancela da Impressão Régia (*DJP*, vol. I, p. 207-208v.º; Cunha, 1941, p. 261; *GEPB*, vol. XIV, p. 674; Tengarrinha, 1989, p. 62, 70).

O *Mappa Politico*, um dos primeiros periódicos diários, saiu do prelo a 1 de Setembro de 1809 e subsistiu até 9 de Outubro de 1809. Repositório de notícias extraídas de periódicos ingleses e espanhóis, contém informações procedentes dos Estados Unidos da América (*DJP*, vol. I, p.º 213; Cunha, 1941, p. 262; *GEPB*, vol. XVI, p. 197; Tengarrinha, 1989, p. 61-62).

Assinalamos a existência de *O Mensageiro*, igualmente publicado entre 1 e 2 de Setembro de 1809 e do qual apenas conhecemos 2 números (*DJP*, vol. I, p. 214; Cunha, 1941, p. 262; *GEPB*, vol. XVI, p. 958; Tengarrinha, 1989, p. 59, 62).

O *Resumo Historico dos Successos Memoraveis da Restauração do Porto* [1809] foi redigido clandestinamente durante a primeira invasão francesa, daí o uso das iniciais "J. L. C. M.", as quais reportam a José Luís Coelho Monteiro. Conhecem-se apenas 2 números com 22 páginas «in-oito» noticiando eventos em Coimbra e no Porto (*DJP*, vol. I, p. 244; Cunha, 1941, p. 259; *GEPB*, vol. XXV, p. 399; Tengarrinha, 1989, p. 61-62; *CPS*, p. 74).

Como o próprio título refere, o *Semanario Lusitano*, redigido por Teodoro José Biancardi,

foi um periódico semanal editado entre 3 de Maio e 28 de Dezembro de 1809 posteriormente continuado pelo *Mercurio Lusitano* [1812-1815]. A temática militar foi dominante nos seus 36 números (*DJP*, vol. I, p. 248-248v.º; Cunha, 1941, p. 260; *GEPB*, vol. XXVIII, p. 202; Tengarrinha, 1989, pp. 62, 118).

Publicado entre 3 de Julho de 1809 e 2 de Agosto de 1810, o *Correio da Peninsula ou Novo Telegrafo* foi um dos periódicos mais significativos editados após a primeira invasão francesa (*DJP*, vol. I, 171-17; Cunha, 1941, p. 260; Tengarrinha, 1989, p. 62, 71, 87; *CPS*, p. 39). Pela abertura concedida às ideias constitucionais, sem omitir as reformas políticas estruturais, é, assim, considerado o primeiro periódico liberal entre nós. Os 136 números bissemanais do *Correio da Peninsula ou Novo Telegrafo* foram dirigidos por João Bernardo da Rocha Loureiro em associação com Nuno Álvares Pereira Pato Moniz.

Reflexo da realidade portuguesa e europeia do seu tempo, o *Correio da Peninsula ou Novo Telegrafo* manteve uma colaboração assídua com congéneres estrangeiros, inclusivamente provenientes de França, o que levantaria suspeitas sobre os seus redactores. Foi um dos primeiros periódicos onde surgem artigos de opinião, e que tanta polémica acarretariam. Estamos perante uma escalada da importância dos redactores enquanto percursores dos líderes de opinião, dado que o *Correio da Peninsula ou Novo Telegrafo* foi um pregoeiro da *vox publica* que despontava.

Damos conta de um "periódico" intitulado *Boletim* [1809], unicamente devotado à capitulação de Valença do Minho [10 de Abril de 1809] perante as forças concertadas da segunda invasão francesa. Trata-se de um edital de compleição militar (*DJP*, vol. I, p. 158; Cunha, 1941, p. 260; Tengarrinha, 1989, p. 62).

Não se poderão avaliar as *Ordens do Dia*, ou a *Collecção das Ordens do Dia* [1809-1835], mandadas compilar pelo marechal inglês William Carr Beresford, como um "periódico" no seu sentido mais estrito (*DBP*, vol. VI, p. 329; vol. IX, p. 81; vol. XVII, p. 129; *DJP*, vol. I, p. 230-233v.º; *CPS*, p. 35). Esta publicação teve vários responsáveis, como o tenente Joaquim José Anaia e Manuel Pedro de Lacerda, entre outros redactores. Como o próprio nome sugere, trata-se de uma informação de cariz militar e centrada nas rotinas da vida castrense, as quais foram publicadas diariamente, uma prática que subsiste nas unidades militares portuguesas. Não obstante a sua cadência, uniformidade e periodicidade, não serão, mesmo assim, verdadeiros "periódicos". A partir da Revolução Liberal, a redacção das *Ordens do Dia* será da incumbência da Junta Provisional do Governo Supremo do Reino [1820-1821].

Seguiu-se o *Microscopio Patriotico* [1810], um periódico anti-francófono escrito por Bernardino Xavier de Quadros, do qual existem poucos dados biográficos. Trata-se de uma proclamação patriótica com citações mitológicas contra a ingerência de França nos destinos de Portugal. Resta apenas um exemplar do *Microscopio Patriotico*, com 18 páginas «in-quarto, mas foram impressos mais números, justificando-se a sua cadência (*DJP*, vol. I, p. 216; Cunha, 1941, p. 262; Tengarrinha, 1989, p. 62, 72).

Ainda no campo dos libelos patrióticos contra o invasor francês, salientamos o "periódico" *Hum Portuguez aos Portuguezes* [1810-1814], de José António de Sá (*CPS*, p. 216). Sob este título publicaram-se, ainda que anonimamente, cerca de 6 ou 7 discursos, com apenas uma folha «in-quarto», em que o autor instava os ânimos dos compatriotas para a defesa da Pátria.

1.20. Olhares sobre a imprensa periódica portuguesa em Londres

Um dos periódicos portugueses mais emblemáticos fundados por emigrantes liberais foi *O Investigador Portuguez em Inglaterra* [Londres, 1811-1819], da responsabilidade de Bernardo José de Abrantes e Castro, Vicente Pedro Nolasco da Cunha e, após Janeiro de 1814, José Liberato Freire de Carvalho, cuja intervenção tornou este periódico tão notório internacionalmente (*DBP*, vol. III, p. 230-231; vol. X, p. 94; *DJP*, vol. I, p. 197-198v.º; *GEPB*, vol. XIII, p. 994; Cunha, 1941, p. 263-264; Tengarrinha, 1989, p. 50-51, 87-88, 90-91, 93, 96-98, 112, 209). Editado entre Junho de 1811 e Fevereiro de 1819, *O Investigador Portuguez em Inglaterra* contou 92 números mensais [ou «cadernos»], compilados em 23 volumes. Cada número possuía, em média, cerca de 130-300 páginas, usando um formato «in-quarto». Este periódico, além dos inúmeros artigos científicos e literários, contém documentação imprescindível para a História política e militar do primeiro quartel do século XIX.

O

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

JUNHO de 1811.

PROSPECTO.

Figura 71
O Investigador Portuguez em Inglaterra, ou Jornal Literario, Politico, &c., vol. I, H. Bryer, Londres, 1811.
Fonte: reprodução do original.

O Investigador Portuguez em Inglaterra foi editado sob os auspícios de D. Domingos António de Sousa Coutinho, 1.º conde e marquês do Funchal, então embaixador na Corte londrina, o qual obteve um subsídio do Governo português, para combater as doutrinas francamente hostis do *Correio Braziliense ou Armazem Literario* [1808-1822], de Hipólito José da Costa, e, mais tarde, de *O Portuguez ou, Mercurio Politico, Commercial e Literário* [1814-1826], de João Bernardo da Rocha Loureiro, entre outros periódicos do circuito londrino. Apesar de, numa primeira fase, a cooperação com os agentes da Coroa portuguesa tenha alcançado os seus objectivos, a partir da entrada de José Liberato Freire de Carvalho, o conteúdo do periódico adoptou uma postura agressiva, recusando sujeitar-se às directrizes governamentais até que, finalmente, cessaram todos as subvenções.

Em breve, a proibição da circulação de *O Investigador Portuguez em Inglaterra* foi promulgada, à semelhança com os dois periódicos supracitados. Em Dezembro de 1818, José Liberato Freire de Carvalho deixava a redacção do periódico a outros colaboradores, os quais apenas publicariam os números de Janeiro e Fevereiro de 1819. Nas extensas páginas de *O Investigador Portuguez em Inglaterra* encontram-se ainda notícias sobre o protagonismo político, militar e económico dos Estados Unidos da América. Proveitoso para o entendimento político internacional, é, por outro lado, extremamente profícuo para o conhecimento do Exército português, sobretudo no campo da Estratégia e da Táctica, veiculando a urgência de academias militares e as reformas militares, entre outras preocupações.

MOTIM LITERARIO
EM
FÓRMA DE SOLILOQUIOS.
Desta Obra, inteiramente Original, se publicão duas folhas cada semana, que encerrão objectos separados, e independentes.
SEU AUTHOR
JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO.
TOM. III.
LISBOA,
NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1811
Com licença.

Figura 72
Motim Literario em Fórma de Soliloquios, vol. III, Impressão Régia, Lisboa, 1811.
Fonte: reprodução do original.

Uma das resistências mais veementes às novas correntes políticas que despontavam seria o *Motim Literario em Fórma de Soliloquios* [1811], de José Agostinho de Macedo, o qual marcará o periodismo português no primeiro quartel do século XIX. Constituído por 37 números bissemanais «in-oito» e contando com 3 edições, o *Motim Literario em Fórma de Soliloquios* é um retrato autobiográfico onde o autor impôs a crítica literária como arma política contra o pensamento liberal (*DJP*, vol. I, p. 223-224; Cunha, 1941, p. 262-263; Tengarrinha, 1989, p. 72; *Catálogo das Publicações em Série 1641-1833*, p. 61).

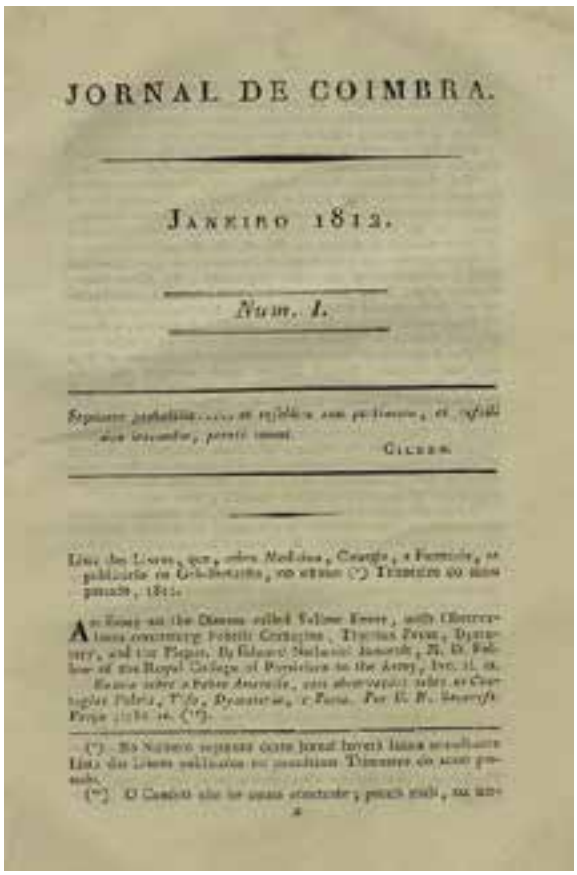
1.21. O periodismo nacional após as Invasões Francesas

Apesar de grande parte da Europa encontrar-se em estado de guerra contra o poderio napoleónico, o comércio internacional manteve-se extremamente activo e assistiu, inclusive, a um crescimento exponencial. Deste modo, renovou-se o interesse comercial e a difusão dos novos avanços da agricultura, considerada [ainda] como a base estrutural de toda a Economia. Um dos periódicos mais activos nesta senda foi a *Gazeta de Agricultura e Commercio de Portugal* [1812-1813], publicada por Francisco Soares Franco, o qual acumulava igualmente a redacção da *Gazeta de Lisboa* (*DJP*, vol. I, p. 186; Cunha, 1941, p. 264; Tengarrinha, 1989, p. 72). Os seus 75 números foram noticiosos, embora norteadas para as questões comerciais e agrícolas, tal como o *Correio Mercantil, e Economico de Portugal* [1790-1811], o *Palladio Portuguez, ou Clarim de* Pallas [1796], o *Annuncios Ruraes* [1802], o *Extractos Praticos* [1804-1806], o *Preços Correntes na Praça de Lisboa* [1807], o *Correio Geral do Commercio* [1815], a *Folha Mercantil da Cidade do Porto* [1816-1832], entre outros títulos.

Depois da saída dos exércitos franceses do território nacional assistiu-se a uma intensificação da imprensa periódica, aumentando notavelmente o número e a qualidade editorial dos novos títulos. Ocupando um lugar eminente nas edições periódicas, destacamos o *Jornal de Coimbra* [1812-1820], o qual ainda vigora, mas sem qualquer vínculo com este periódico oitocentista ou outros títulos homónimos ao longo do século XIX (*DBP*, vol. IV, p. 177-178; vol. XII, p. 187-188; *DJP*, vol. I, p. 200-201; Cunha, 1941, p. 264; Tengarrinha, 1989, p. 50, 73, 123, 186).

Marco incontornável da nossa imprensa periódica e dotado de uma índole pré-romântica, foi impresso mensalmente em Lisboa, apesar do seu título referir-se a Coimbra. Teve por fundadores José Feliciano de Castilho, Ângelo Ferreira Dinis, Jerónimo Joaquim de Figueiredo e José Maria Soares, lentes de Medicina na Universidade de Coimbra, entre numerosos colaboradores e correspondentes. Sendo um jornal conectado ao meio universitário, reavivou as relações entre a Universidade e o poder político em Lisboa. Visava um intercâmbio internacional, não descurando a situação nacional abalada pela ausência da Família Real e a observância censuratória que, entretanto, se reimplantara no meio editorial.

Figura 73
Jornal de Coimbra, n.º 1, Impressão Régia, Lisboa, Janeiro 1812.
Fonte: reprodução do original.



JORNAL DE COIMBRA.

JANEIRO 1812.

Num. I.

Aqui encontram-se traduções de notícias de todo o mundo, inclusive de vários pontos do continente africano além dos domínios portugueses e europeus, algo inédito no periodismo nacional. Relatou o preponderância progressiva norte-americana no panorama internacional. Manteve uma colaboração estreita com numerosas individualidades académicas, divulgando assuntos extremamente interessantes sobre Ciências e Artes, nomeadamente quanto às vertentes topográficas, arqueológicas e literárias da História de Portugal e nos seus domínios. Este periódico apresentou, fundamentalmente, algumas preocupações de natureza jurídica devido à sua ligação à Universidade, pretendendo-se, deste modo, prover os leitores com as melhores reflexões sobre essas questões, não olvidando as mais recentes propensões académicas.

Publicado entre 1 Setembro de 1812 [n.º 1] e 22 Dezembro de 1815 [n.º 168], o *Mercurio Lusitano*, de Teodoro José Biancardi, foi um dos primeiros diários portugueses, sendo considerado uma "continuação" do *Semanario Lusitano* [1809]. Periódico noticioso de qualidade, publicou novidades traduzidas de outros periódicos europeus, como era hábito. Dedicou-se a relatar os acontecimentos militares dos finais das Guerras Napoleónicas, introduzindo artigos de opinião que alcançaram notoriedade. Formalmente idêntico à *Gazeta de Lisboa*, era também considerado um periódico oficial (*DJP*, vol. I, p. 215-215v.º; Cunha, 1941, p. 265; *GEPB*, vol. XVI, p. 983; Tengarrinha, 1989, p. 42, 73; *CPS*, p. 59).

NUM. 112. COMPRA Res 3160 4 AN. 1815.

MERCURIO LUSITANO.

COM PRIVILEGIO DE SUA ALTEZA REAL.

Re.. 136035

QUARTA FEIRA 23 DE AGOSTO.

(Antigo de Jornaes Francezes.)

Montbrison 15 de Julho.

A Desercão geral das tropas do exercito dos Alpes começa a pôr termo aos excessos, violencias, e pilhagem, a que os soldados, e até os mesmos Officiaes se tem dado no nosso Departamento. Os paisanos, e Officiaes reformados tem sido desarmados, e as Guardas-Nacionaes licenciadas. O furor do soldado, excitado e autorisado pelos Confederados, começa a acalmar; e a bandeira branca tem sido arvorada pelos mesmos soldados que a tinhão arrancado e pizado aos pés quando chegáraõ á cidade, ameaçando-a com o incendio e com o saque. Começa a restituir-se a ordem, e já se achão presos alguns seditiosos.

Mont-Marsan 30 de Julho.

Por hum Edicto de S. A. R. o Duque d'Angoulême, feito em Toulouza aos 28 do corrente, se mandou desarmar, no termo de 24 horas, contadas da publicação do mesmo Edicto, todos os individuos que pertencião ás sociedades, conhecidas pelo nome de Confederações, no Departamento de Landes.

Rion 27 de Julho.

(Ordem do Dia.)

Quartel-General de Clermont Ferrand 25 de Julho.

O exercito inteiro se reconhece sujeito a El-Rei: assim o exige o interesse do paiz. S. M. acceitou com bondade a submissão. Por tanto, ordena-se a todos os militares que respeitem as Authoridades que obrão actualmente em nome d'El-Rei, e fação respeitar todos os actos que emanarem das referidas Authoridades.

Estão tomadas mui severas medidas para a conservação da ordem.

Figura 74
Mercurio Lusitano, n.º 112, Impressão Régia, Lisboa, 23 Agosto 1815.
Fonte: reprodução do original.

O periodismo português retomou progressivamente as causas da instrução e recreação literárias após o término das Invasões Francesas, como sucedeu com o *Semanario de Instrucção, e Recreio*, de Joaquim José Pedro Lopes, o que confirmaria a propensão desta vertente periodista. São conhecidos 52 números «in-quarto» editados entre 2 de Setembro de 1812 e 25 de Agosto de 1813, conhecendo bastante sucesso no circuito lisboeta (*DJP*, vol. I, p. 247-247v.º; Cunha, 1941, p. 264-265; Tengarrinha, 1989, p. 50-51).

Dada a celebridade desta publicação, o editor Joaquim José Pedro Lopes dirigiria a *Gazeta de Lisboa* [ou o *Diario do Governo*], mantendo-se neste cargo até Novembro de 1820, quando o órgão oficioso foi alterado para *Diario do Governo*. Continuando até Abril de 1821, sendo exonerado, passou a redigir a *Gazeta Universal* [1821-1823]. Discípulo assumido de José Agostinho de Macedo, apesar da fama como «jornalista», Joaquim José Pedro Lopes denunciava uma formação literária pouco solidificada, sendo os seus textos mais competentes pela

sua dimensão do que pelo seu crédito. Ainda assim, foi um dos primeiros redactores a analisar a prática do jornalismo num momento fulcral em que se adivinhavam os conflitos entre as facções absolutistas e liberais.

Ainda no circuito dos primeiros diários, destacou-se o *Correio de Lisboa*, publicado entre 1 de Outubro [n.º 1] e 30 de Novembro de 1812 [n.º 52]. Desconhece-se quem fosse o seu redactor ou editores, apesar da qualidade superior do discurso noticioso e das suas análises políticas (*DJP*, vol. I, p. 169; Cunha, 1941, p. 265; Tengarrinha, 1989, p. 73).

Logo após as Invasões Francesas, a difusão de periódicos estrangeiros manteve-se extremamente activa. Um dos exemplos deste trânsito noticioso, mesmo redigido em castelhano, foi o *El Viridico Español*, publicado entre 2 de Novembro e 30 de Novembro de 1812, compreendendo 9 números com 8 páginas «in-quarto» (Balbi, vol. II, p. CLXXIX; *DJP*, vol. I, p. Cunha, 1941, p. 265; Tengarrinha, 1989, p. 73). Cessaria bruscamente a sua edição, dado o seu redactor comunicar que ingressaria nas fileiras liberais em Espanha, devolvendo o dinheiro da subscrição do periódico aos seus assinantes. Foi, portanto, um periódico noticioso, mas divulgou poesias, *ordens do dia*, curiosidades e traduções de outros periódicos.

COLLECÇÃO
DE
OPUSCULOS
SOBRE A VACCINA
FEITOS PELOS SOCIOS
DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS,
QUE COMPOEM A INSTITUIÇÃO VACCINICA:
E PUBLICADOS
DE ORDEM DA MESMA ACADEMIA.
Num.os I, e II.
LISBOA
NA TYPOGRAFIA DA ACADEMIA.
1812.
Com licença de S. ALTEZA REAL.

Figura 75
Collecção de Opusculos sobre a Vaccina..., n.os 1 e 2, Typografia da Academia, Lisboa, 1812.
Fonte: reprodução do original.

JORNAL POETICO,
OU
COLLECÇÃO
DAS MELHORES COMPOSIÇÕES,
Tanto impressas, como inedites,
OFFERECIDAS
AOS AMANTES DA NAÇÃO
POR
DESIDERIO MARQUES LEÃO,
LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.
1812.
Com Licença.

Figura 76
Jornal Poetico..., Impressão Régia, Lisboa, 1812.
Fonte: reprodução do original.

O primeiro periódico científico do século XIX foi a *Collecção de Opusculos sobre a Vaccina* [1812-1814], uma compilação de 23 números sobre assuntos de saúde pública, dedicado ao combate à varíola (*DBP*, vol. II, p. 89; vol. IX, p. 77; *DJP*, vol. I, p. 163-163v.º; Cunha, 1941, p. 264; Tengarrinha, 1989, p. 73; *CPS*, p. 34). Promovido pela Academia Real das Ciências, este periódico foi importantíssimo para as campanhas de vacinação daquela epidemia.

O *Jornal Poetico* [1812] foi o primeiro jornal oitocentista a dedicar-se exclusivamente à promoção de autores e textos poéticos. Coordenado pelo livreiro Desidério Marques Leitão, este periódico quinzenal apenas conheceria 10 números «in-quarto». Para a posteridade, ficaria a compilação dos trabalhos poéticos de poetas árcades como Diogo de Sousa, José Dias Pereira e João Vieira Caldas, entre outros autores (*DBP*, vol. XII, p. 194; *DJP*, vol. I, p. 204; Cunha, 1941, p. 264; *GEPB*, vol. XIV, p. 317; Tengarrinha, 1989, p. 73).

1.22. Acerca de alguns periódicos desaparecidos coevos

Tal como em qualquer outra partição cronológica da imprensa periódica portuguesa, o período entre as Invasões Francesas até à Revolução Liberal de 1820 registou algumas omissões materiais. As causas destas lacunas são numerosas, mas, contudo, existem dados bibliográficos que permitem refazer, tanto quanto possível, a análise desses periódicos desaparecidos.

De acordo com as inexistências corpóreas deste período, o primeiro jornal musical de Oitocentos foi o *Jornal de Modinhas Patrioticas* [1812], do compositor António José do Rego. Infelizmente, nenhum número sobreviveu, mas tratava-se uma compilação de obras musicais de índole patriótica (*GEPB*, vol. XVII, p. 481; Tengarrinha, 1989, p. 73).

Segundo várias referências bibliográficas, foram publicados alguns folhetos identificados como *Theatro Nacional* [1813], mas dos quais nenhum chegou ao nosso conhecimento. Não seria um verdadeiro "periódico", mas um conjunto de panfletos que anunciavam as peças encenadas no Teatro Nacional, sito na Rua dos Condes, em Lisboa (Balbi, vol. II, p. CCLXXXVIII; *DJP*, vol. I, p. 256; Cunha, 1941, p. 265; Tengarrinha, 1989, p. 73).

Nos primórdios do periodismo brasileiro existem omissões de periódicos, embora tais circunstâncias tenham que ser inseridas na esfera da influência política e editorial portuguesa. Aí se insere *O Popular* [1813-1814], um periódico político publicado no Rio de Janeiro e do qual não existe nenhum exemplar. Não se sabe quem foi o seu redactor, mas tentaria imitar a *Gazeta do Rio de Janeiro* (Cunha, 1941, p. 266; *GEPB*, vol. XXII, p. 488; Tengarrinha, 1989, p. 209).

De acordo com os escassos dados bibliográficos, damos conta da *Gazeta Instrutiva* [1814]. Não se conhece o seu redactor, mas seria uma publicação de índole cultural, embora a sua inexistência não permita análises mais fiáveis. Teria reunido cerca de 15 números, mas desconhecemos quais os assuntos retratados (Balbi, vol. II, p. CCXCI; *DJP*, vol. I, p. 189; Cunha, 1941, p. 266; Tengarrinha, 1989, p. 73).

Nos periódicos de índole económica, refira-se a inexistência do *Correio Geral do Commercio* [1815], cuja existência é recordada por escassos autores. Desconhece-se o seu redactor ou a oficina tipográfica onde foi impresso, mas a julgar pelo título, seria destinado à divulgação comercial (Balbi, vol. II, p. CCXCV; *DJP*, vol. I, p. 168; Cunha, 1941, p. 267).

No campo da divulgação da poesia portuguesa, incluímos a *Miscellanea Curiosa de Varias Poesias Joviais e Serias* [1815], embora não exista nenhum exemplar deste periódico. Suspeita-se que fosse análoga à *Miscellanea Curioza, e Proveitoza* [1779-1785], por exemplo (*DJP*, vol. I, p. 221; Cunha, 1941, p. 267; *GEPB*, vol. XVII, p. 374; Tengarrinha, 1989, p. 73).

Ainda se discute se *A Abelha* [1818] foi publicada, pois não conhecemos nenhum exemplar e mesmo as referências bibliográficas são escassas, a não ser pelo testemunho de José Agostinho de Macedo. Supostamente, seria um jornal político, semelhante à *Abelha do Meio-Dia* [1809-1810], atrás referida (*DJP*, vol. I, p. 155; Cunha, 1941, p. 269; Tengarrinha, 1989, p. 73).

1.23. Um novo vigor internacional do periodismo português

Num ambiente editorial vibrante como se viveria em Londres no início ao século XIX, sucediam-se as iniciativas dos emigrantes políticos na edição de periódicos — veja-se o semanário *O Espelho Politico e Moral*, redigido por José Anselmo Correia Henriques e João Bernardo da Rocha Loureiro, entre 4 de Maio de 1813 [n.º 1] e 1 de Fevereiro de 1814 [n.º 41]. Com uma apresentação gráfica excelente, destacou-se a política internacional e o protagonismo dos Estados Unidos da América, entre inúmeros anúncios publicitários (*DJP*, vol. I, p. 183-183v.º; Cunha, 1941, p. 265-266; Tengarrinha, 1989, p. 62, 84, 87, 92; *CPS*, p. 46).

No campo do periodismo brasileiro, sob a alçada portuguesa, publicou-se o primeiro jornal literário brasileiro ou, segundo outra perspectiva, a primeira revista de cultura impressa no Brasil após a chegada de D. João VI. Trata-se de *O Patriota, Jornal Litterario, Politico, Mercantil* [1813-1814], por Manuel Ferreira de Araújo Guimarães, e sedeado no Rio de Janeiro (*DJP*, vol. I, p. 236-236v.º; Cunha, 1941, p. 266; Tengarrinha, 1989, p. 93).

A sua publicação iniciou-se em Janeiro de 1813 e findou em Dezembro de 1814, embora começasse com uma tiragem mensal e depois bimensal, em formato «in-oito». Contém notícias sobre Geografia e Topografia brasileiras, assim como Literatura, Medicina, Botânica, Política e Estatística, contribuindo com novos estudos para a História do Brasil e de Portugal, procedentes da correspondência dos leitores e correspondentes. Deste modo, uma das características mais notórias deste periódico foi incluir artigos científicos estrangeiros, sem omitir os autores brasileiros.

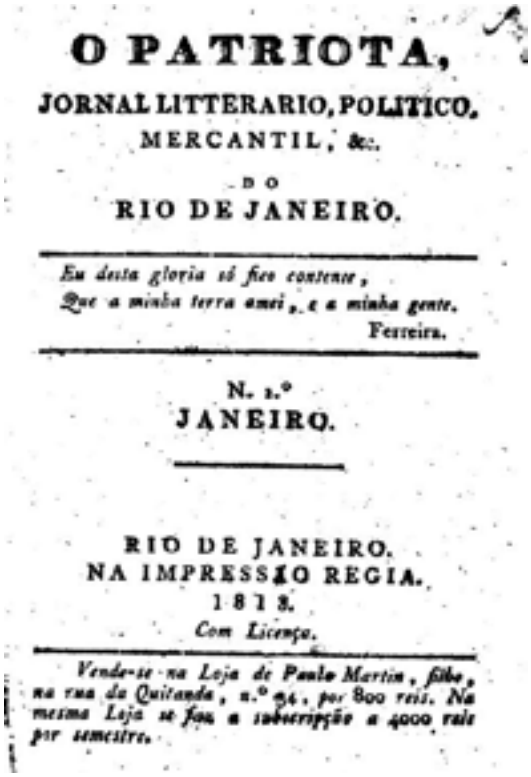
ESPELHO

POLITICO E MORAL.

No. 1.] LONDRES, TERÇA FEIRA, 4 DE MAYO, 1813. [Preço 1s.

INTRODUCÇÃO.

Figura 77
O Espelho Politico e Moral, n.º 1, W. Lewis, Londres, 4 Maio 1813.
Fonte: reprodução do original.



O PATRIOTA,

JORNAL LITTERARIO, POLITICO,
MERCANTIL, &c.

DO

RIO DE JANEIRO.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.
Ferreira.

N. 1.º
JANEIRO.

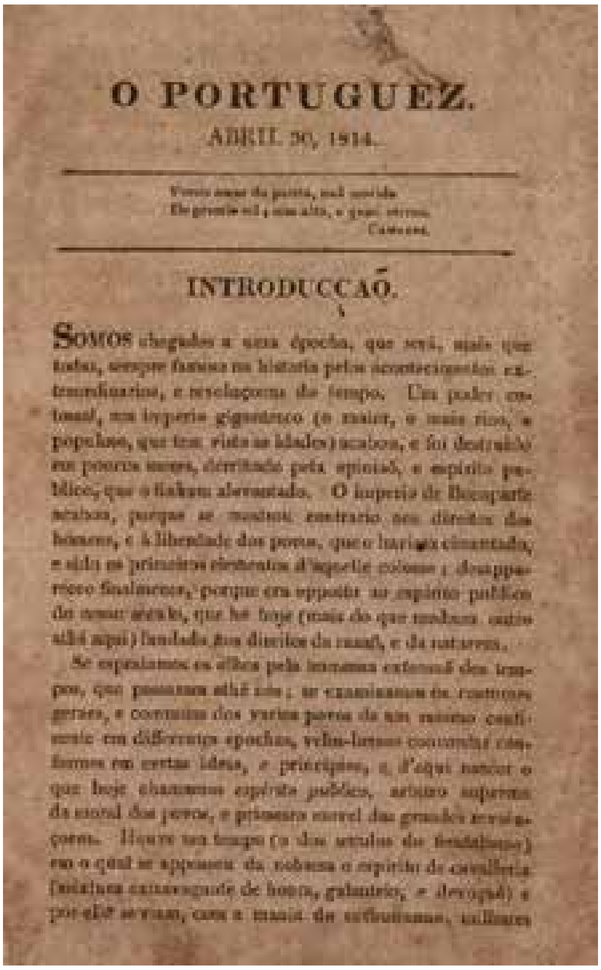
RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1813.
Com Licença.

Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na rua da Quitanda, n.º 94, por 800 reis. Na mesma Loja se faz a subscripção a 4000 reis por semestre.

Figura 78
O Patriota, Jornal Litterario, Politico, Mercantil, n.º 1, Impressão Régia, Rio de Janeiro, Janeiro 1813.
Fonte: reprodução do original.

Impresso sem a identificação do redactor Manuel Ferreira de Araújo Guimarães no frontispício, contou com Silvestre Pinheiro Ferreira, José Saturnino da Costa Pereira e José Bonifácio de Andrada e Silva, antigo lente na Universidade de Coimbra. Como se sabe, todos terão um protagonismo decisivo na independência do Brasil.

Entre os periódicos editados em Londres, impôs-se um dos mais importantes órgãos de comunicação internacional em língua portuguesa: *O Portuguez ou Mercurio Politico* [1814-1826], redigido por João Bernardo da Rocha Loureiro e José Anselmo Henriques (Balbi, vol. II, p. CLXXXI; *DJP*, vol. I, p. 238-241; Cunha, 1941, p. 267; Tengarrinha, 1989, p. 84-90). Ilustre publicação política, *O Portuguez ou Mercurio Politico* foi um periódico mensal que registou uma procura imensa em Inglaterra e Portugal, apesar das violentas proibições que o Governo decretara contra a sua edição, circulação e leitura (Alves, 2005).


O PORTUGUEZ.

ABRIL 30, 1814.

INTRODUCÇAÕ.

MICROSCOPIO DE VERDADES;

OCULO SINGULAR,

AO GERAL DA NAÇAÕ PORTUGUEZA,

DO PRINCIPE REGENTE NOSSO SENHOR,

LONDRES:

1814.

Figura 79
O Portuguez ou Mercurio Politico, n.º 1. W. Lewis, Londres, 30 Abril 1814.
Fonte: reprodução do original.

Figura 80
Microscopio de Verdades…, W. Lewis, Londres, 1814.
Fonte: reprodução do original.

Ainda no contexto londrino, despontaria o *Microscopio de Verdades* [1814-1815], sob a orientação do diplomata Francisco de Alpoim e Meneses. Tratava-se de uma publicação muitíssimo politizada, cujos interesses centralizavam-se nas relações entre Portugal e a Inglaterra, noticiando as previdências comerciais que se adivinhavam com o final das Guerras Napoleónicas. Foi um dos primeiros periódicos a relatar os trabalhos do Congresso de Viena [1815] (*DJP*, vol. I, p. 217-217v.º; Cunha, 1941, p. 266; Tengarrinha, 1989, p. 84).

Um pouco antes da batalha de Waterloo [1815], foi editado um periódico português no circuito editorial parisiense — *O Observador Lusitano em Pariz*, do médico e diplomata Francisco Solano Constâncio, que colaborara no *Investigador Portuguez em Inglaterra* [1811-1819] e destacar-se-á no *Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras* [1818-1822]. Apenas publicou 4 números mensais entre Janeiro e Abril de 1815, a sua circulação esteve interdita em Portugal e nos domínios ultramarinos.

Este periódico é, ainda assim, uma fonte histórica valiosa para o pensamento económico dos inícios do século XIX e sendo Francisco Solano Constâncio um entusiasta das instituições sociais e políticas norte-americanas, esta apreciação foi decisiva para a sua nomeação como representante diplomático nos Estados Unidos da América entre 1822 e 1823 (Balbi, vol. II, p. CLXXXI; *DJP*, vol. I, p. 229-229v.º; Cunha, 1941, p. 268; Castro, 1980, p. 77; Tengarrinha, 1989, p. 84-85).

1.24. Expressividades do periodismo literário português

O Espectador Portuguez [1816-1818], de José Agostinho de Macedo, foi um periódico semanal dedicado à política nacional e internacional, assim como à crítica anti-liberal e anti-maçónica, 'apontando baterias' contra o *Correio Braziliense ou Armazem Literario*, entre outros periódicos liberais (*DJP*, vol. I, p. 182-182v.º; Cunha, 1941, p. 268; Tengarrinha, 1989, p. 73; *CPS*, p. 46). Foi uma das muitas iniciativas deste famoso polemista, que tanto influenciou a sociedade portuguesa dos inícios do século XIX. Editou 26 números, cuja controvérsia foi constante. Mais tarde, seria continuado por *O Desapprovador* [1818-1819], composto por 25 números, em tudo similar ao periódico anterior.

O ESPECTADOR PORTUGUEZ,
Jornal de Critica, e de Litteratura.
N.º 1.º
ARTIGO I.

Figura 81
O Espectador Portuguez: Jornal de Litteratura e Critica, n.º 1, Impressão de Alcobia, Lisboa, 1816.
Fonte: reprodução do original.

A primeira publicação periódica especificamente orientada para as notícias artísticas, foi o *Jornal de Bellas-artes, ou Mnemosine Lusitana* [1816-1817], de Pedro Alexandre Cavroé. Contém algumas gravuras da sua autoria, entre notícias úteis para o estudo e conservação do património artístico português. Desenvolveu um olhar crítico na exposição histórica e arquitectónica dos edifícios, monumentos e praças de Lisboa, com as respectivas estampas, descrevendo os estabelecimentos de ensino das artes e ofícios. Ainda se pode indagar um catálogo dos pintores e poemas inéditos de autores nacionais, etc., veiculando uma visão artística da História de Portugal, algo nunca observado no nosso periodismo. Apesar da simplicidade discursiva do *Jornal de Bellas-artes, ou Mnemosine Lusitana*, é um marco na imprensa periódica artística (*DBP*, vol. IV, 1860, p. 176; *DJP*, vol. I, p. 199-199v.º; Cunha, 1941, p. 268; Tengarrinha, 1989, p. 73; *CPS*, p. 54).

JORNAL DE BELLAS ARTES,
OU
MNEMOSINE LUSITANA.
REDACÇÃO PATRIOTICA.
NUM. I.
LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.

Figura 82
Jornal de Bellas Artes, ou Mnémosine Lusitana, n.º 1, Impressão Régia, Lisboa, 1816. Fonte: reprodução do original.

O NEGOCIANTE PERFEITO,
OU
JORNAL DE COMMERCIO,
E
DE GEOGRAFIA.
N. 1.º
ARTIGO 1.º

Figura 83
O Negociante Perfeito, ou Jornal de Commercio, e de Geografia, n.º 1, Regia Typographia Silviana, Lisboa, 1816. Fonte: reprodução do original.

Seguiu-se *O Negociante Perfeito, ou Jornal de Commercio, e de Geografia* [1816], redigido por José Pedro Coelho Mayer. Nos 13 números conhecidos deste periódico literário esboçaram-se algumas problemáticas históricas, acepções comerciais e práticas mercantis em uso por todo o mundo. Publicaram-se, simultaneamente, diversas noções breves de Matemática e Aritmética aplicáveis ao comércio (*DJP*, vol. I, p. 225; Cunha, 1941, p. 268; Tengarrinha, 1989, p. 73).

Entre os periódicos portugueses do circuito parisiense, recordamos os *Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras*, publicados por uma «Sociedade de Portuguezes residentes em Paris», compreendendo 16 volumes publicados trimestralmente entre Julho de 1818 e meados de 1822 (*DBP*, vol. I, p. 73; *DJP*, vol. I, p. 157-157v.º; Cunha, 1941, p. 270; Tengarrinha, 1989, p. 106). Este periódico, no qual foram compilados trabalhos científicos, foi fundado por José Diogo Mascarenhas Neto, Francisco Solano Constâncio e Cândido José Xavier Dias da Silva, colaborando, posteriormente, Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque.

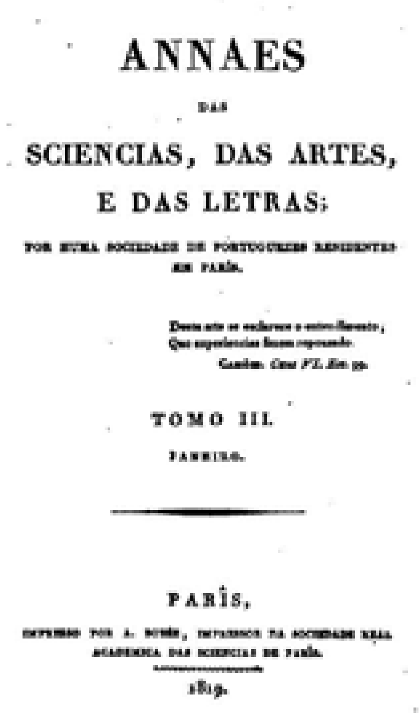

ANNAES
DAS
SCIENCIAS, DAS ARTES,
E DAS LETRAS;
TOMO III.
PARÌS,
1819.

Figura 84
Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras, tomo III, A. Bobée, Paris, Janeiro 1819.
Fonte: reprodução do original.

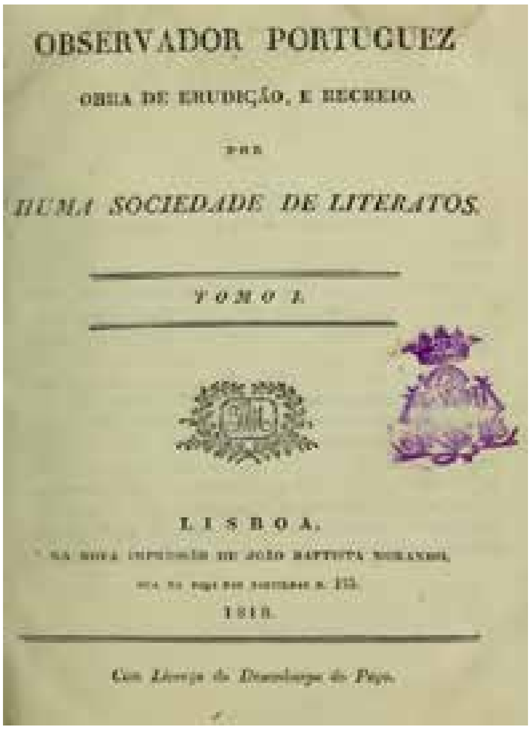
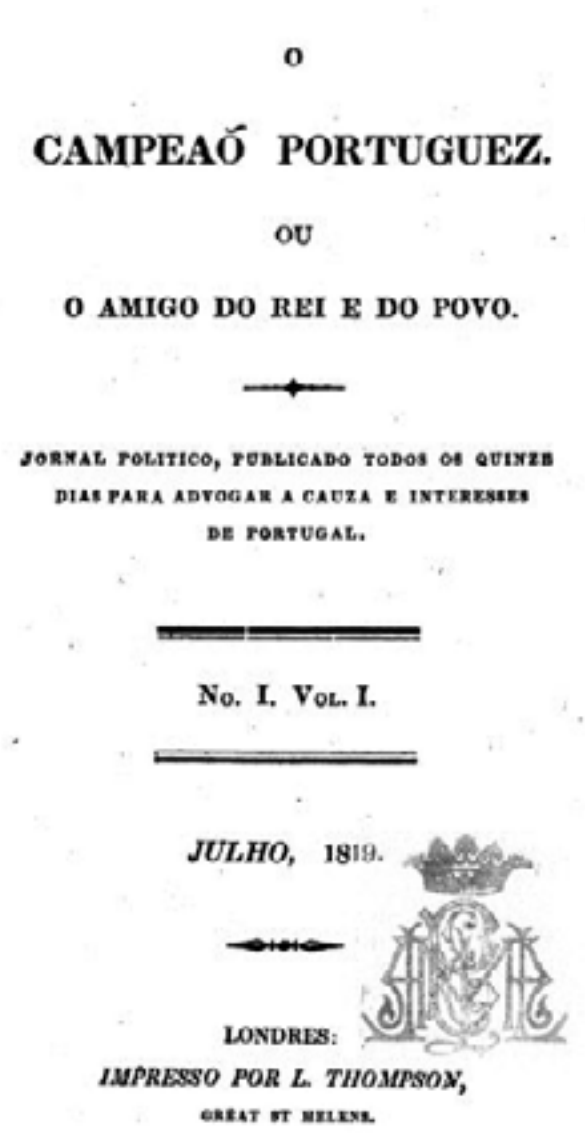

OBSERVADOR PORTUGUEZ
OBRA DE ERUDIÇÃO, E RECREIO.
POR
HUMA SOCIEDADE DE LITERATOS.
TOMO I.
LISBOA,
1818.

Figura 85
Observador Portuguez. Obra de Erudição, e Recreio, tomo I, Nova Impressão de João Baptista Morando, Lisboa, 1818.
Fonte: reprodução do original.

Apesar de ser uma publicação técnico-científica, editou algumas anotações aliciantes para a Historiografia, nomeadamente de D. Manuel Francisco de Macedo Leitão e Carvalhosa, 2.º visconde de Santarém. Uma segunda série deste periódico sairia com título de *Novos Annaes das Sciencias, e das Artes dedicados aos que falam a Lingua Portugueza em ambos os Hemispherios* [Chez Farcy, Paris, Janeiro-Julho 1827].

O *Observador Portuguez*, um periódico pertencente à "cúpula" do nosso periodismo literário, foi iniciativa de «huma Sociedade de Literados» e editado semanalmente entre Janeiro de 1818 e Março de 1819, totalizando 13 números. Os principais colaboradores do *Observador Portuguez* foram Nuno Álvares Pereira Pato Moniz, José Maria da Costa e Silva e António Maria do Couto, etc. Contudo, apesar da sua qualidade editorial, seria proibido em Março de 1819, sendo-lhe negada a licença de impressão devido a querelas públicas com José Agostinho de Macedo (*DBP*, vol. VI, p. 319-320; *DJP*, vol. I, p. 227-227v.º; Cunha, 1941, p. 269-270; Tengarrinha, 1989, p. 111; *CPS*, p. p. 65).

Pertencente aos periódicos liberais da primeira emigração em Londres, recordamos *O Campeão Portuguez, ou o Amigo do Rei e do Povo* [1819-1821], redigido por José Liberato Freire de Carvalho, o qual reuniu 36 números quinzenais, tendo cessado com o seu regresso a Lisboa (*DJP*, vol. I, p. 160-162; Cunha, 1941, p. 270-271; Tengarrinha, 1989, p. 84-85; *CPS*, p. 28).


O

CAMPEAÕ PORTUGUEZ.

OU

O AMIGO DO REI E DO POVO.

JORNAL POLITICO, PUBLICADO TODOS OS QUINZE DIAS PARA ADVOGAR A CAUZA E INTERESSES DE PORTUGAL.

No. I. Vol. I.

JULHO, 1819.

LONDRES:

IMPRESSO POR L. THOMPSON,

GREAT ST HELENS.

Figura 86
O Campeaõ Portuguez, ou o Amigo do Rei e do Povo, vol. I, n.º 1, L. Thompson, Londres, Julho 1819.
Fonte: reprodução do original.

Sucedido por *O Campeão Portuguez em Lisboa, ou o Amigo do Povo e do Rei Constitucional* [1822-1823], expresso numa linguagem menos violenta do que outros periódicos congéneres, apelou para a implementação de reformas, censurou os abusos do Governo no Rio de Janeiro e "preparou-se" para a inevitável mutação política após Agosto de 1820. Sendo um repositório de notícias e documentos sobre a Revolução Liberal, por vezes, é confundido como o *Observador Portuguez, Histórico, e Politico de Lisboa* [1809].

1.25. A imprensa periódica no início do constitucionalismo

Nas vésperas da Revolução Liberal, o periodismo português encontrava-se em forte ebulição. Todos os periódicos portugueses assinalam um certo 'rejuvenescimento', vislumbrando o futuro com expectativa. A nossa imprensa periódica especializada seguia, paralelamente, um caminho traçado por outros países europeus após a criação das suas academias e a multiplicação de periódicos científicos. Tendo em conta o nosso panorama cultural, subjugado pelas estruturas do *Ancien Regime* e o elevado índice de analfabetismo, não podemos admitir que os progressos da Ciência cativassem grandes parcelas da população, mas unicamente um círculo limitado de leitores.

JORNAL ENCYCLOPEDICO
DE
LISBOA.
COORDENADO
PELO P. J. A. DE M.
N.º VII. JULHO DE 1820.
TOMO SEGUNDO.
LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA
1820
Com licença.

Figura 87
Jornal Enciclopedico de Lisboa, tomo II, n.º 7, Impressão Régia, Lisboa, Julho 1820.
Fonte: reprodução do original.

No entanto, atendendo ao primeiro *Jornal Enciclopedico* editado entre os fins do século XVIII e os inícios do século XIX, encetaram-se esforços editoriais para o reactivar. Surgirá, portanto, o *Jornal Enciclopedico de Lisboa*, coordenado por José Agostinho de Macedo e Joaquim José Pedro Lopes, constituindo um marco na divulgação científica em Portugal e uma matriz para outros títulos na primeira metade do século XIX (*DJP*, vol. I, p. 203; Cunha, 1941, p. 271-272; Lapa, 1967, p. 66-67; Tengarrinha, 1989, p. 123; *CPS*, p. 55).

Nestes periódicos, as Ciências assumem-se como elementos cruciais para o desenvolvimento da Nação. Integrados na categoria dos "jornais enciclopédicos", uma vez que seguem um modelo desenvolvido pela *Encyclopédie*, em que a multiplicidade de conteúdos científicos, políticos e literários foram as suas particularidades mais populares.

O último dos periódicos portugueses criado em Londres antes da Revolução Liberal seria *O Padre Amaro, ou Sovéla, Politica, Historica, e Literaria*, publicado entre Janeiro de 1820 e Maio de 1826, resultando numa colectânea de 12 volumes — continuado pelo *Apêndice ao Padre Amaro* [1826-1830], num total de 6 volumes (*DJP*, vol. I, p. 233-234v.º; Cunha, 1941, p. 271; Tengarrinha, 1989, p. 143). Editado por Joaquim Ferreira de Freitas, o qual esteve ao serviço das forças francesas, fugiu para Londres e abraçou o jornalismo. Pela defesa pública do esforço independentista brasileiro, Joaquim Ferreira de Freitas receberia uma tença vitalícia de 600 libras anuais a expensas de D. Pedro IV, suspensa nos seus últimos anos de vida.

Entretanto, ainda em Paris, será editado *O Contemporaneo Politico e Litterario* [1820], de tiragem mensal, cujo redactor foi Manuel Martins Pamplona Corte-Real, 1.º conde de Subserra, coadjuvado por Cândido José Xavier Dias da Silva e José da Fonseca. Apenas publicou 4 números entre Janeiro e Abril de 1820, onde inclui artigos históricos e literários, mas estritamente consagrado à reflexão em torno das Guerras Napoleónicas, do Congresso de Viena e o advento do Liberalismo (*DBP*, vol. IX, p. 94; *DJP*, vol. I, p. 165-165v.º; Cunha, 1941, p. 271; Tengarrinha, 1989, p. 84; *CPS*, p. 38).

A 24 de Agosto de 1820 iniciou-se um levantamento revolucinário no Porto e que logo se alastraria para outras vilas e cidades portuguesas, consolidando-se com a adesão de Lisboa. Não se registou forte resistência à revolta, a qual foi provocada pelo pretexto da falta de pagamento dos soldos militares e por comerciantes descontentes, garantindo o apoio de quase todas as camadas sociais. A junta governativa de Lord Beresford foi substituída pela Junta Provisional do Governo Supremo do Reino, convocando as Cortes Gerais para promulgar uma Constituição, segundo o modelo espanhol. Ainda que o Congresso de Viena promovesse o retorno ao *status quo* europeu prévio a 1789, apenas a Rússia, o Império Austro-Húngaro e a Prússia, principais signatárias de Viena, preservavam as suas monarquias absolutistas. A Espanha jurou uma Constituição liberal [Cádis, 1820], suspensa, porém, pela reacção absolutista de 1823.

O CONTEMPORANEO.

DO ESTADO DAS OPINIOENS

Em Novembro de 1819.

A epoca actual he das mais importantes. A Europa, que por espaço de trinta annos, padeceo todas as calamidades, inseparaveis das revoluçoens, as quaes como as enfermidades do corpo humano se desenvolvem a certas epocas imprevistas, apenas pode convalecer da molestia grave, e talvez chronica, de que foi attacada. Debalde a restauração de 1814 restituio a familia dos Bourbons ao throno de seos antepassados, proclamando a legitimidade, como hum dogma politico, tão util á estabilidade dos governos, como á tranquillidade dos povos; debalde os soberanos: reunidos no congresso de Vienna, tentárão pôr o complemento á felicidade publica por meio de resoluçoens, a que se ligárão reciproca e espontaneamente, resoluçoens tomadas para conceder aos povos a fruição das garantias dos interesses nacionaes; debalde chamárão effectivamente alguns soberanos as naçoens a repartirem com elles o exercicio do poder legislativo, e outros promettêrão solemnemente fazello a epocas proximas; todas estas importantissimas concessoens, garantidas pella pra-

1

Figura 88
O Contemporaneo, Politico, e Litterario, Officina de P. N. Rougeron, Paris, 1820.
Fonte: reprodução do original.

A JUNTA PROVISIONAL DO GOVERNO SUPREMO DO REINO

AOS PORTUGUEZES.

S.

Figura 89
«Aos Portuguezes...», pela Junta Provisional do Governo Supremo do Reino, Typographia da Viuva Alvares Ribeiro e Filhos, Porto, 24 Agosto 1820.
Fonte: reprodução do original.

Também os ventos revolucionários sopraram em Portugal, semeando o Liberalismo. Após as invasões francesas de 1807-1811 e a fuga de D. João VI e a Família Real para o Brasil, ainda que expulsos os exércitos de Napoleão, os contingentes ingleses mantiveram-se no nosso país. Comandando arbitrariamente o País na ausência do soberano, mantiveram os antigos métodos absolutistas, perseguiam os partidários liberais, despoletando o descontentamento geral. Os ideais da Revolução Francesa ganham cada vez mais seguidores, muitas vezes clandestinamente, com especial relevo para a Maçonaria. Assim, a 24 de Agosto de 1820, deu-se a revolta com uma sublevação militar no Porto. A muito custo, D. João VI regressará no ano seguinte, após as eleições para as Cortes Constituintes. Em 1822, jurará a Constituição, *ensombrada* pela independência brasileira, a 22 de Setembro desse ano.

Logo após a Revolução de 1820, a Junta Provisional do Governo Supremo do Reino assumiu a responsabilidade de editar o *Diário Nacional*, publicado entre 26 de Agosto e 5 de Setembro de 1820, sem autoria expressa. Foi o primeiro periódico publicado após os acontecimentos

e uma fonte de informação capital para os primeiros dias da Revolução (Cunha, 1941, p. 272; *GEPB*, vol. VIII, p. 923; *CPS*, p. 43).

Finda a edição do *Diario Nacional*, logo a 5 de Setembro de 1820, a Junta Provisional do Governo Supremo do Reino ordenou a publicação do *Regeneração de Portugal*, saído unicamente entre 18 e 27 Setembro de 1820. Disposto em 2 páginas «in-quarto», era um simples edital com informações sobre os actos revolucionários (Cunha, 1941, p. 273; *GEPB*, vol. XXIV, p. 782; *CPS*, p. 71).

Numero 1. Custo 20 Rs. Anno de 1820.

Regeneração de Portugal.

COM PERMISSÃO DO SUPREMO GOVERNO PROVISORIO DO REINO.

SEGUNDA FEIRA 18 DE SETEMBRO.

ADVERTENCIA.

Tendo acontecido o deploravel Incendio que reduzio a cinzas a Officina Typographica da Viuva Alvares Ribeiro e Filhos, tornou-se impraticavel a publicação do Diario Nacional no mesmo formato. Sendo importando muito que a Cidade Restauradora tenha hum Periodico que lhe mostre todos os dias o rapido e feliz progresso da salvação publica, não póde o Liberal Governo que nos rege deixar de ser sensivel aos votos dos Illustres Portuenses; e por isso Provisorio que se deve julgar o hum novo Periodico com o titulo REGENERAÇÃO DE PORTUGAL. Ha de publicar-se todos os dias da semana, á hora mais commoda, em meia folha de papel, e formato de folio; por ser este o conhecido desejo de hum grande numero dos Senhores Assignantes. Dará as noticias mezmenos e estrangeiras mais analogas á grande Causa que defendemos: emfim dará todos os Documentos emanados do Governo Supremo, relativos ao mesmo assumpto: discursos ou reflexões politicas tendentes a justificar a nossa Revolução, e que mostrem, por huma parte, as vantagens do Governo Constitucional, e por outra, os damnos gravissimos do despotismo, &c. &c.

Memorias Historicas da Restauração de Portugal.

Os Portuguezes, isto he, o Povo mais sofredor do mundo, já não podião tolerar o despotismo, os roubos e os crimes do seu Governo. Mais hum anno de 640 destruidor systema . . . . . e não seriamos riscados da lista das Nações. Ai! quanto suspiravamos pelo momento de nossos males!! Ninguem havia que o não soubesse; mas pedi-lo, ainda mesmo com respeito, era crime de Lesa Magestade na jurisprudencia dos nossos Ministros d'Estado. Então verdadeiros amigos do Rei e da Patria deliberárão entre si para conseguirem o plano unico donde podia vir a salvação da Monarquia. Portanto no Porto a gloria de começar deveo em seus muros estes illustres benemeritos; e no dia 24 de Agosto, a dor ser marcado pela Providencia para a execução de tão grandioso projecto.

Effectivamente pelas nove horas da noite do dia 23 para 24, segundo o plano previamente concertado, se congregárão, na casa do Senhor Coronel do Regimento de Infanteria N. 18 Bernardo Correia de Castro e Sepulveda, os Senhores Coronel do Regimento de Artilheria N. 4 Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira, o Brigadeiro José Ferreira Borges, o Tenente Coronel do Regimento de Infanteria N. 6 Domingos Antonio Gil de Figueiredo Sarmento, o Tenente Coronel Commandante do Corpo de Policia José Ferreira de Sales Leite de Barrado, o Major de Milicias do Porto José de Sousa Pimentel, o Ajudante de Milicias da Maya Tiburcio Joaquim Barreto Feio, que depois foi substituido pelo Major do mesmo Regimento José Pedro Cardoso e Silva; e então, formado o Conselho, concordárão que as forças fossem ás ordens dos dous Coroneis, que devião fazer o rompimento convencionado, o que elles executárão. Tomadas as medidas precisas, e sendo ellas as Tropas sahirão, fez o Senhor Coronel Cabreira a seguinte

PROCLAMAÇÃO.

Soldados! Huma só vontade nos una. Caminhemos á salvação da Patria. Não ha meios que Portugal não soffra. Não ha soffrimento que nos Portuguezes não renda apurado. Os Portuguezes, sem segurança em suas pessoas e bens, pedem o nosso auxilio! elles querem a Liberdade regrada pela Lei. Vão morrer, victimas dos males communs, tendo perdido a consideração que vosso heroe e vossas virtudes merecião. He necessaria huma reforma; mas esta reforma deve guiar-se pela razão e pela justiça, não pela força. Conservai a Ordem; obedecei ás tranquilo; abaixo a Anarquia. Queremos hum Governo Provisorio em quem confiamos. Elle chama as Côrtes, que sejão o Orgão da Nação; e elles preparão huma Constituição que assegure nossos direitos. O Nosso Rei, o Senhor D. João VI. nosso bom, nosso benigno, e como amante d'hum povo que o idolatra, ha de abraçar nossa fadiga.

Viva o Nosso Bom Rei! Viva as Côrtes, e pereção a Constituição. — Porto, em Conselho Militar aos 24 de Agosto de 1820. — O Commandante Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira, Coronel d'Artilheria N. 4. — Bernardo Correia de Castro e Sepulveda, Coronel d'Infanteria N. 18. — Domingos Antonio Gil de Figueiredo Sarmento, Tenente Coronel Commandante d'Infanteria N. 6. — José Ferreira da Silva Leite de Barrado, Tenente Coronel Commandante do Real Corpo de Policia. — José de Sousa Pimentel, Major Commandante Interino de Milicias do Porto. — José Pedro Cardoso e Silva, Major Commandante Interino de Milicias da Maya.

Aqui rompeo e cresceo por todo o Campo hum grito d'approvação geral, que continuava quando o Senhor Coronel Sepulveda fez sinal para pronunciar em alta voz esta

PROCLAMAÇÃO.

Soldados! Acabastes o sacrificio! A Patria em festa! a vossa consideração produzio: nossos sacrificios baldados: hum Soldado Portuguez proximo a profligar huma escrava. *Soldados!* o monstro

Figura 90
Regeneração de Portugal, n.º 1, Typographia da Praça de Santa Thereza, Porto, 18 Setembro 1820. Fonte: reprodução do original.

De entre os periódicos políticos criados pelos movimentos constitucionais, salientou-se *O Portuguez Constitucional* [1820-1821], por Nuno Álvares Pereira Pato Moniz, envolvido no processo revolucionário, agrupando os seus 161 números diários (Cunha, 1941, p. 273; Tengarrinha, 1989, p. 125; *CPS*, p. 83).

Houve um periódico que se propôs ser a "memória" da Revolução: tratou-se do diário *Mnemosine Constitucional* [1820-1821], de Pedro Alexandre Cavroé, assumindo-se como um repositório sobre o processo constitucional (Cunha, 1941, p. 273; *GEPB*, vol. XVII, p. 429; Tengarrinha, 1989, p. 125).

A Junta Provisional do Governo Supremo do Reino faria editar o *Correio do Porto*, redigido por Joaquim Rodrigues de Andrade, João António Frederico Ferro e Alvito Buela Pereira de Miranda (Cunha, 1941, p. 273-274; Tengarrinha, 1989, p. 142; *CPS*, p. 39). Foi uma continuação do *Regeneração de Portugal*, sendo publicado entre 27 de Setembro de 1820 e 7 de Maio de 1834 — suspenderia a sua actividade entre 8 Julho de 1832 e 5 Janeiro de 1833, mas, a partir de 6 Janeiro de 1833, seria também impresso em Coimbra, pela Real Imprensa da Universidade. O *Correio do Porto* abraçou as causas liberais e/ou absolutistas conforme as propensões políticas do momento, permanecendo um repositório fulcral de notícias até ao fim das lutas liberais.

Correio do Porto.

COM PERMISSÃO DO SUPREMO GOVERNO PROVISORIO DO REINO.

QUINTA FEIRA 28 DE SETEMBRO.

Figura 91
Correio do Porto, n.º 2, Typographia da Praça de Santa Thereza, Porto, 28 Setembro 1820. Fonte: reprodução do original.

Entretanto, fundou-se *O Patriota*, editado entre 27 Setembro de 1820 e 17 de Dezembro de 1821, totalizando 358 números diários. Periódico estritamente dedicado aos procedimentos burocrático-políticos das Cortes Constituintes, foi redigido por João Pedro Norberto Fernandes (Cunha, 1941, 273; Tengarrinha, 1989, p. 137).

Uma semana depois de eclodir a Revolução, António Maria do Couto iniciou *O Liberal* a 28 de Setembro de 1820, findando a 29 de Agosto de 1821, editando 37 números inteiramente subordinados aos eventos revolucionários (Cunha, 1941, p. 274; Tengarrinha, 1989, p. 125).

O *Genio Constitucional*, periódico que cooperou para o sucesso do processo revolucionário, revela-se uma importantíssima fonte de informação histórica. Redigido por Alfredo Braga e António Luís de Abreu, este diário portuense foi publicado entre 2 de Outubro e 30 Dezembro de 1820 (Cunha, 1941, p. 274; *GEPB*, vol. XII, p. 288; *CPS*, p. 52).

Anno de 1820. N. 1.

GENIO CONSTITUCIONAL

SEGUNDA FEIRA 2 D'OUTUBRO

Figura 92
Genio Constitucional, n.º 1,
Typographia de Viuva Alvarez Ribeiro
& Filhos, Porto, 2 Outubro 1820.
Fonte: reprodução do original.

ASTRO DA LUSITANIA.

Figura 93
Astro da Lusitania, n.º 8, Officina de J. F.
M. de Campo, Lisboa, 15 Novembro 1820.
Fonte: reprodução do original.

O *Astro da Lusitania* [1820-1823] foi um dos mais influentes periódicos publicados em Lisboa, logo após a eclosão revolucionária no Porto. Redigido pelo bacharel Joaquim Maria Alves Sinval, o *Astro da Lusitania* seria impresso até à *suspensão das garantias* que precedeu a queda da Constituição [Junho de 1823], saindo o último número a 15 de Abril desse ano (*DJP*, vol. I, p. 292-292v.º; Cunha, 1941, p. 274; Tengarrinha, 1989, p. 131-133; *CPS*, p. 24).

Pouco se sabe acerca do *Manifesto da Razão* [1820], o primeiro periódico político editado em Coimbra depois da Revolução Liberal. Os dois números «in-quarto» revelavam a sua natureza revolucionária, mas não conhecemos o seu autor (*DJP*, vol. I, p. 480; Cunha, 1941, p. 271; Tengarrinha, 1989, p. 186).

A pretexto das reuniões constituintes, João Francisco Delgado avançaria com o periódico bissemanal *Minerva Constitucional* (*DJP*, vol. I, p. 485-485v.º; Cunha, 1941, p. 275; Tengarrinha, 1989, p. 125). Só se conhecem 8 números impressos entre 11 de Novembro e 9 de Dezembro de 1820, embora o seu noticiário se prestasse às notícias dos Estados Unidos da América. Nesse sentido, não se deverá confundir com outro periódico intitulado *Minerva Constitucional* [Coimbra, 1823].

O Amigo do Povo, ou Sentinella da Liberdade, periódico semanal escrito por Manuel José Gomes de Abreu Vidal, foi um dos jornais políticos publicados depois dos acontecimentos revolucionários (*DJP*, vol. I, p. 273-273v.º; Cunha, 1941, p. 274; Tengarrinha, 1989, p. 125). De entre os vários títulos lançados a seguir à Revolução Liberal, refira-se o *Cidadão Artista Constitucional aos seus Compatriotas*, de autor anónimo, e do qual só existem o n.º 6 [1820] e n.º 7 [15 de Janeiro de 1821]. Foi unicamente dedicado às Cortes Constituintes.

Para a memória histórica do Liberalismo é essencial conhecer *O Pregoeiro Lusitano* [1820-1821], de Clemente José de Mendonça. Todos os números deste periódico compreendem somente os trabalhos das Cortes Constituintes desde a sua instalação [26 de Janeiro de 1821], embora tenha cessado algures nos finais desse ano (*DJP*, vol. I, p. 564-566; Cunha, 1941, p. 273; *GEPB*, vol. XXXIII, p. 131; Tengarrinha, 1989, p. 125; *CPS*, p. 70).

O Templo da Memoria, ou Observador Constitucional [1820], editado por Francisco Baptista Oliveira de Mesquita, cujos 10 números contêm documentos relativos à Revolução Liberal. Embora possuísse artigos culturais, serviu unicamente a causa vintista (*DJP*, vol. I, p. 611; Cunha, 1941, p. 272; Tengarrinha, 1989, p. 125).

As *Parabolas Accrescentadas ao Portugal Regenerado* [1820-1821], da autoria do jurista Manuel Borges Carneiro, englobava números «in-oito». Publicação noticiosa, o autor usou o pseudónimo «D. C. N. Publícola», tecendo considerações sobre o Direito Constitucional emergente (*CPS*, p. 156).

O
TEMPLO DA MEMORIA,
OU
OBSERVADOR
CONSTITUCIONAL.
N.º I.
LISBOA. NA IMPRESSÃO REGIA.
ANNO 1820.
Com Licença da Commissão da Censura.
Vende-se na loja de João Henriques, na Rua Augusta N.º 1, e nas mais do costume.

Figura 94
O Templo da Memoria, ou Observador Constitucional, n.º 1, Impressão Régia, Lisboa, 1820.
Fonte: reprodução do original.

PARABOLAS
ACCRESCENTADAS
AO
PORTUGAL REGENERADO.
POR
D. C. N. PUBLICOLA.
LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1820.
Com licença da Commissão de Censura.

Figura 95
Parabolas Accrescentadas ao Portugal Regenerado, n.º 1, Impressão Régia, Lisboa, 1820.
Fonte: reprodução do original.

Como consequência directa do processo revolucionário, assistiu-se a uma profusão de títulos periódicos, como *A Nação e o Rei* [1820], do qual apenas se conhece um número, embora o seu anónimo autor anunciasse uma tiragem bimensal. Aqui fez-se uma apologia às virtudes que devem constar numa Constituição. A maioria destes periódicos desapareceram e os exemplares disponíveis são raríssimos. Embora existam referências a outros títulos impressos em 1820, como o *Lysia Degenerada*, *O Homem Livre Amigo do Povo e do Principe*, *O Mudo com Fala* ou *A Voz da Razão*, as indicações bibliográficas sugerem-nos um volume acrescido de outras publicações.

1.26. Considerações Finais

Nos inícios da década de 1820, os meandros da imprensa periódica portuguesa foram também vanguardistas, daí este data ser um ponto de viragem em qualquer estudo sobre o

periodismo nacional, assim como noutras vertentes historiográficas. Como se apurou desde o nascimento da imprensa periódica, as práticas jornalísticas evoluíram amplamente, fornecendo gradualmente as estruturas necessárias para edificar representações discursivas com que se divulgaram os acontecimentos. Foi igualmente o tempo que precedeu o Romantismo no panorama literário português.

Neste sentido, quantas questões, dúvidas e incertezas, assim como preconceitos e tradições pairam sobre este conjunto extraordinária de periódicos publicados num arco temporal que dista de 1625 a 1820! Quantas mudanças assistiu a nossa sociedade em quase duzentos anos e nos quais o Jornalismo, tal como todas as áreas do se metamorfosearam numa outra didáctica da História!

As afinidades entre a História e a Imprensa não são opostas, mas de coadjuvação mútua, algo conhecido desde os primórdios da *arte da notícia*. Actuando em patamares científicos distintos, as suas fronteiras parecem-nos suavizadas — qual será, portanto, o futuro destas ligações? Serão estas, supomos, algumas das directrizes que deverão orientar estudos mais detalhados sobre estes periódicos e respectivos conteúdos. Serão pesquisas da maior utilidade para a nossa Cultura, pois permitirão inúmeras revelações que o antigo jornalismo português nos ofertará. Existe todo um domínio quase desconhecido e da maior fortuna e cremos que estas fontes, quase menosprezadas até actualmente, são utilíssimas para conhecermos os factos, as sensibilidades coevas e as atitudes mentais das várias épocas históricas.

Bibliografia

1. Fontes Manuscritas

Pereira, A. X. S. *Diccionário Jornalístico Portuguez* [manuscrito]. Academia das Ciências de Lisboa.

2. Fontes Periódicas

A Abelha, (1818). (s. n.).

A Nação, e o Rei, ou idéa geral dos deveres que huma Nação está obrigada a praticar comsigo mesma, pelo que respeita a escolha da sua Constituiçaõ; e daquelles que tem a exigir do Soberano que a houver de governar (1820). Impressão de Alcobia.

A Voz da Razão (1820). Typographia Morandiana.

Abelha do Meio-Dia (1809-1810). Impressão Régia.

Academia dos Humildes, e Ignorantes. Dialogo entre hum Theologo, hum Filosofo, hum Escrivaõ, e hum Soldado, no sitio de Nossa Senhora da Consolaçaõ (1758-1770). Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Academia Orthografica Portugueza, em que sao interlocutores Sabino presidente, Severo arguente, Deziderio discípulo (1789). Officina de António Gomes.

Advinhações Curiozas, e Instructivas, nas quaes igualmente se contem, e explicaõ alguns dos mais delicados emblemas, e melhores lugares da Fábula para Intelligencia da Historia Mythologica (1801). Officina Patriarchal.

Almanach de Lisboa (1782-1823). Officina Patriarcal; Officina da Academia das Sciencias; Officina de António Rodrigues Galhardo.

Almanach Militar ou Livro dos Quarteis (1817-1822). Typographia de F. X. de Souza.

Almanak das Musas offerecido ao Genio Portuguez (1793-1794). Officina de Filipe José de França; Officina de António Gomes; Officina de João António da Silva.

Almanak das Ordenanças (1815). Impressão Régia.

Almanak Militar ou Lista Geral dos Officiaes do Exercito de Portugal (1817-1822). Typographia de Manuel Pedro de Lacerda.

Almanak Militar: Parte I (1809). Officina de Joaquim Thomaz de Aquino.

Almocreve de Petas, ou Moral Disfarçada, para correcção das miudezas da vida (1797-1799). Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

Analecto de Recreação, e Erudição (1805-1806). Impressão Régia.

Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras (1818-1822). A. Bobée.

Anno historico, diario portuguez, noticia abreviada de pessoas grandes, e cousas notaveis de Portugal (1744). Officina de Domingos Gonçalves.

Anno Medico, que contem as observações meteorologicas, e medicas, feitas na cidade do Porto em 1792 (1796). Officina de Viuva Mallen Filhos e Companhia.

Annuncios Ruraes a favor da Agricultura do Reino, e Colonias (1802). Regia Officina Typografica.

Apologia do Periodico, que tem por titulo, Reflexões sobre o Correio Brasiliense (1810). Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

Archivo de Peças Divertidas, e Scientificas (1807). Impressão Régia.

Argus Lusitano: ou Cartas Analiticas (1809-1810). Officina de Cox Son and Baylis.

Armazem Interessante, e Recreativo, ou Collecção de Novellas, e Noticias Uteis, e Agradaveis (1806). Impressão de Bernardino José Alcobia.

Arquivo de Peças Importantes e Instrutivas (1800). [s. n.].

As Variedades (1801-1805). Officina de Simão Thaddeo Ferreira; Typografia Lacerdina.

Assembléa Curiosa, e Observador Academico, distribuida em folhetos para utilidade dos curiosos (1788). Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

Astro da Lusitania (1820-1823). Officina de J. F. M. de Campo.

Aviso aos Portuguezes sobre o Correio Brasilienze (1811). Impressão Régia.

Barco da Carreira dos Tolos. Obra Critica, Moral, e Divertida (1803). Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

Bibliotheca das Sciencias, e Artes: ou Noticia das melhores obras, que sahem na Europa, como tambem os melhores discursos, dissertaçoens, memorias, compostas sobre as sciencias e artes, pelos mais celebres escriptores em Latim, Francez, Inglez, Italiano, Alemão, etc. para utilidade dos aplicados (1793). Officina de Pedro Ribeiro França.

Bibliotheca Universal Extrahida de Muitos Jornaes, e dos Melhores Escritores Antigos, e Modernos. Pelo author das Viagens de Altina (1803-1805). Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

Boletim Extraordinario que traz a Capitulação da Praça de Valença (1809). Impressão Régia.

Café Jocoso modernamente aberto junto de um campo que pertence á ill.ma sr.a D. Ociosidade, viuva que ficou do preclarissimo sr. Trabalho, que Deus haja (1797-1798). [s. n.].

Calendrier de Lisbonne pour L'An 1808. Avec un grand nombre de curiosités utiles et nécessaires tant aux nationaux qu'aux étrangers (1808). Imprimerie de Rolland.

Camara Optica, onde as vistas ás avessas mostrão o mundo ás direitas (1807-1809). Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

Campanha de Portvgal: pela provincia do Alentejo na Primavera do Anno de 1663, governando as armas daquella Prouincia Don Sancho Manoel Conde de Villa Flor, etc. (1663). Officina de Henrique Valente de Oliveira.

Cartas Familiares, Historicas, Politicas e Criticas. Discursos Serios e Jocosos (1741-1742) Adrien Moetjens.

Cidadão Artista Constitucional aos seus Compatriotas (1820-1821) Typographia Morandianna.

Colecção das Célebres Gazetas do Rocio, que para seu desenfado compòz certo Patusca; o qual andava á pesca de todas as imposturas, que o intruso Ministério Francez fazia imprimir no Diario Portuguez (1808-1809). Typografia Lacerdina.

Collecção das Ordens do Dia do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Guilherme Carr Beresford, Commandante em Chefe dos Exercitos de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor (1809-1835). António Nuno dos Santos [Impressor do Quartel-General].

Collecção de Mentiras, e Verdades (1806-1807). Impressão de Bernardo José Alcobia.

Collecção de Noticias acerca do Resgate dos Portuguezes captivos em Argel ajustado no ano de 1810 (1810-1811). Typographia da Academia Real das Ciências.

Collecção de Opusculos sobre a Vaccina feitos pelos Socios da Academia Real das Sciencias, que compoem a Instituição Vaccinica (1812-1814). Typografia da Academia.

Collecção de Trajes que usam todas as Nações do Mundo (1809). Impressão Regia.
Com Privilegio Real (1778-1807). Regia Officina Typographica.
Comboy de Mentiras, vindo do Reino Petista com a Fragata Verdade Encoberta por Capitania (1801). Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
Continvaçam Historica do Estado, Svccessos, e Progressos da Liga Sagrada contra Turcos: formada das cartas, qve trouxeraõ os ultimos Correios do Norte, & Italia (1684-1690). Officina de Miguel Deslandes.
Correio Braziliense ou Armazem Literario (1808-1822). W. Lewis.
Correio da Peninsula ou Novo Telegrafo (1809-1810). Impressão Régia.
Correio da Tarde (1809). Impressão Régia.
Correio das Modas (1807). [s. n.].
Correio de Lisboa (1812). Officina de Joaquim Rodrigues d'Andrade.
Correio de Londres (1809-1810). Impressão Régia.
Correio do Outro Mundo. Dialogo entre hum druida, e hum moderno francez (1808) Imprensa Regia; Nova Officina de João Rodrigues Neves; Officina de João Evangelista Garcez.
Correio do Porto (1820-1834). Typographia da Praça de Santa Thereza.
Correio Geral do Commercio (1815). [s. n.].
Correio Mercantil, e Economico de Portugal (1790-1811). Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
Diaria, y veridica relacion de las operaciones, y sucessos del Sitio de la Ciudad de Barcelona, desde el dia 31. de Março de 1706. hasta la retirada del enemigo (1706). Imprenta de Antonio Pedrozo Galram.
Diario Critico sobre os erros dos Falsos Filosofos (1803-1804). Impressão Régia.
Diario de Badajoz (1809). Impressão Régia.
Diario do Governo (1820-1823). Impressão Régia.
Diario do Porto (1809). Typographia de Antonio Alvarez Ribeiro.
Diario Lisbonense (1809-1813). Impressão Régia.
Diario Nacional (1820). Typographia de Viuva Alvarez Ribeiro & Filhos.
Diario Universal de Medicina, Cirurgia, Pharmacia &c. Contem os discursos, e observaçoes trabalhados pelos Academicos das duas Academias Medica e Cirurgica do Porto: o extrato dos livros e descobrimentos que se vaõ publicando na Europa sôbre a arte de curar e um catalogo das plantas do Reino de Portugal para se valerem dellas não somente os professores, mas todas as mais pessoas em geral e especialmente os que vivem no campo (1764/1772). Officina Patriarchal de Francisco Luiz Ameno; Regia Officina Typographica.
Divertimento Instructivo ou Collecção Escolhida de Novellas, Historias, Contos Moraes, Anedoctas interessantes, Parabolas, Fabulas, ditos filosoficos, contos para rir, &c. Obra moral, instructiva, e agradavel, destinada para honesto divertimento, e util instrucção da mocidade Portugueza (1804-1806). Impressão Régia.
Divertimento Musical ou Collecção de Modinhas (1801). [s. n.].
Eccos que o Clarim da Fama dá ou o Postilhão de Apollo montado no Pegazo, girando o Universo para divulgar ao Orbe Literario as Peregrinas Flores da Poezia Portugueza com que vistosamente se esmaltão os Jardins das Musas do Parnazo (1761-1762). Officina de Francisco Borges de Souza.
Eclipse da Lva Otomana, ou Compendio Historico de todos os successos desta ultima Guerra contra os Otomanos, desde o seu principio atè a destruição dos Turcos, pelas Armas da Liga Christaã, estabelecida entre Leopoldo I Emperador, e Ioam Terceiro Rey de Polonia, & outros Principes do Imperio, pelo Santissimo S. N. P. Innocencio XI (1684). Officina de Miguel Deslandes.
El Viridico Español (1812). Impressão Régia.
Ephemerides Astronomicas calculadas para o meridiano do Observatorio Real da Universidade de Coimbra: para o uso do mesmo Observatorio, e para o da Navegaçaõ Portugueza (1804). Real Imprensa da Universidade.
Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico para o anno de..., calculado para o meridiano de Lisboa e publicado por ordem da Academia Real das Sciencias (1789-1862). Officina da Academia Real das Sciencias.
Exame Critico do Motim Litterario de José Agostinho de Macedo (1811). Impressão Régia.
Exame dos Artigos Historicos, e Politicos, que se contem na Collecção Periodica intitulada Correio Braziliense, ou Armazem Litterario, no que pertence somente ao Reino de Portugal (1810). Impressão Régia.
Extractos Praticos, e Uteis, á Economia Rural Portugueza assim no Reino, como nas Colonias, ou Gazeta do Campo (1804-1806). Impressão Régia.
Fastos Politicos, e Militares da Antigua, e Nova Lusitania em que se descrevem as acçoens memoraveis, que na Paz, e na guerra obraraõ os Portuguezes nas quatro partes dos Mundo (1745). Officina de Inácio Rodrigues.
Folha Mercantil da Cidade do Porto (1816-1832). Typographia da Praça de Santa Thereza.
Folheto (1752). Officina de Manoel da Sylva.
Folheto Cotovia (1749). [s. n.].
Folheto de Ambas Lisboas (1730-1731). Officina da Música.
Folheto Universal (1764). Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Gazeta d'Almada ou Telescopio Portuguez (1809-1810). Impressão Regia.
Gazeta d'Almada: uma recordação dos tempos do Junot (1907). Parceria António Maria Pereira [facsimile].
Gazeta de Agricultura e Commercio de Portugal (1812-1813). Officina de Antonio Rodrigues Galhardo.
Gazeta de Lisboa (1715-1833). Officina Pascoal da Sylva; Officina de Luís José Correia de Lemos; Officina de José António da Silva; Officina de Pedro Ferreira; Officina de António Correia de Lemos; Officina de António Rodrigues Galhardo; Impressão Régia.
Gazeta do Porto. O Leal Portuguez que contem a historia dos successos politicos e militares desde a feliz Restauraçaõ (1808-1810). Typographia de Antonio Alvarez Ribeiro.
Gazeta do Rio de Janeiro (1808-1822). Impressão Régia.
Gazeta em que se relatam as novas todas, que ouve nesta Corte e que vieram de varias partes (1641-1648). Officina de Lourenço de Anvers; Officina de Domingos Lopez Rosa; Officina de António Alvarez.
Gazeta Extraordinaria de Londres (1762). Officina de Miguel Rodrigues.
Gazeta Instrutiva (1814). Officina de Viuva Neves & Filhos.
Gazeta Literaria ou Noticia Exacta dos Principaes Escriptos, que modernamente se vaõ publicando na Europa. Conforme a Analysis, que delles fazem os melhores Criticos, e Diaristas das naçoens mais civilizadas (1761-1762). Officina de Francisco Mendes Lima.

Gazeta Primeyra, em que se referem as nouas, do Reyno, e se dá noticia de todas, as mais fora delle, em o mez de, Agosto de 1704 (1704). Imprensa de Valentim da Costa Deslandes.

Genio Constitucional (1820). Typographia de Viuva Alvarez Ribeiro & Filhos.

Hebdomadario Lisbonense: papel curiozo, noticiozo, util e de noticias publicas (1763-1767). Officina de Pedro Ferreira.

Historia Universal Antiga, e Moderna, Geografica, Corografica, Topografica, Politica, Literaria, Critica. Chronologica, e Ecclesiastica de todos os Imperios, Reinos, e Cidades, que tem avido, e á prezentemente no mundo, que contem a descripçam dos Paizes, e das couzas mais notaveis d'elles: os Costumes, Religiaõ, e Governo dos seus póvos: uma historia abbreviada do principio, progresso e decadencia de cada um dos Imperios: uma breve Chronologia dos seus Reis, e homens Illustres: uma descripçam das suas principaes cidades: com uma sufficiente noticia de como, e quando foi n'aquelles, que abraçaram o Evangelho, estabelecido o Catholicismo, e a sua perseverança, adiantamento ou decadencia, tirada dos melhores Geografos, e Historicos modernos, e antigos, para instrucçam dos Curiosos Portuguezes, que dezejarem em breve tempo, e com muita facilidade alcançar uma perfeita noticia da Historia Universal (1760). Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Hum Portuguez aos Portuguezes (1810-1814). Impressão Régia.

Idade d'Ouro do Brazil (1811-1823). Typographia de Manoel Antonio da Silva Serva.

Introducçam aos Mercurios Historicos de Portugal, na qual se dá noticia da origem, progressos, e estados das presentes Guerras da Europa: e de outros sucessos memoraveis do anno de 1758 (1759). Officina de Francisco Borges de Sousa.

Jardim das Musas, e dos Sabios; ou Flores Poéticas Extrangeiras, e Nacionaes (1805-1806). Impressão Regia.

Jornal de Bellas Artes, ou Mnémosine Lusitana (1816-1817). Impressão Régia.

Jornal de Coimbra (1812-1820). Impressão Régia.

Jornal de Modinhas com acompanhamento de cravo pelos milhores autores (1792-1797). Real Fábrica e Armazém de Música.

Jornal de Modinhas Patrioticas (1812). [s. n.].

Jornal Enciclopedico de Lisboa (1820). Impressão Régia.

Jornal Enciclopedico dedicado à Rainha Nossa Senhora e destinado para instrucção geral com noticia dos novos descobrimentos em todas as Sciencias e Artes (1779-1806). Officina de Antonio Rodrigues Galhardo; Typographia Moraziana; Officina de Filipe da Silva e Azevedo; Officina de António Gomes.

Jornal Encyclopedico ou Diario Universal das Sciencias e Artes (1806). Typografia Lacerdina.

Jornal Poetico, ou Collecção das melhores composições, em todo o genero, dos mais insignes poetas portuguezes, tanto impressas, como inéditas (1812). Impressão Régia.

Journal de Lisboa, ou Folha Diaria (1809). Impressão Regia.

Lanterna Mágica cuja relação cntém o seguinte: extraída de diversas folhas, noticia da declaração da Russia (1809). Impressão Régia.

Le Mercvre Portvgais, ov relations politiqves de la fameuse révolution d'Estat arrivée en Portugal depuis la mort de D. Sebastien jusques au couronnement de D. Iean IV. à present regnant (1643). Chez Antoine de Sommaville e Augustin Courbé.

Lista dos Officiaes das Milicias (1811-1812). Impressão Régia.

Lysia Degenerada (1820). Imprensão de Alcobia.

Manifesto da Razão sobre o estado presente das cousas de Portugal, e partido, que cada um deve tomar, conforme os verdadeiros principios da justiça e moral christã (1820). Real Imprensa da Universidade.

Mappa Politico, que contém hum Extracto do mais interessante das noticias de Londres (1809). Impressão Regia.

Medicina do Amor, na qual se expõem a origem, progressos, e fim do mesmo Amor; e se propõem o remedio para evitar as suas desordens: exposto tudo em huma disputa; que na Ribeira das Náos tiveraõ dous velhos, hum soldado, e hum estudante; em que tambem se tóca nas muitas módas, que diariamente se inventaõ, &c. (1764). Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Mentor da Moda, ou Educação á Franceza em forma de Cathecismo, para conhecimento do desorientado systema da França nestes ultimos dias (1808-1809). Impressão de Alcobia; Nova Officina de João Rodrigues Neves.

Mercurio Britannico, ou Noticias Historicas, e Criticas sobre os Negocios Actuaes (1798-1800). [s. n.].

Mercurio Correctivo e Parenetico (1776). [s. n.].

Mercurio historico y político: que contiene el estado presente de la Europa, lo sucedido en todas las cortes, los intereses de los principes, y generalmente todo lo mas curioso (1741-1744/1759). Imprenta de M. Fernandez.

Mercurio Historico, Politico e Litterario de Lisboa (1794-1797). Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

Mercurio Lusitano (1812-1815). Impressão Régia.

Mercvrio da Evropa com svas Noticias Principaes (1689). Officina de Domingos Carneiro.

Mercvrio da Evropa, com suas noticias principaes, nam so dos successos da Liga Sagrada contra Infieis, mas descreve-se o caminho, que fez El-Rey da Graõ Bretanha Jacobo II, defensor da Fé, desde que sahio de Londres a França, até chegar a Irlanda, aonde fica de caminho para vir ao Reyno de Escocia. E descripçam do Reyno de Inglaterra (1689). Officina de Domingos Carneiro.

Mercvrio Portvguez, com as novas da guerra entre Portugal & Castella (1663-1667). Officina de Henrique Valente de Oliveira [*et al.*].

Mercvrius Ibernicvs. Qve relata algvnos casos notables, que sucedieron en Irlanda, despues que tomó las armas por defender la Religion Catholica. Con una breve noticia del Estado prezente de aquel Reyno (1645). Officina de Domingos Lopez Rosa.

Microscopio de Verdades; ou, Oculo Singular, para o Povo Portuguez ver puras, e singelas verdades despidas dos caprichos, e paixões particulares, e outras expostas abrilhante luz do patriotismo, depois de terem sido descobertas por elle, entre as sombras do erro, da ignorancia, ou malicia dos Godoyanos (1814-1815). W. Lewis.

Microscopio Patriotico offerecido aos M. N. e M. L. Portuguezes e Hespanhoes (1810). Impressão Regia.

Minerva Constitucional (1820). Nova Impressão da Viuva Neves & Filhos; Impressão Régia.

Minerva Lusitana (1808-1811)., Real Imprensa da Universidade.

Minerva Lusitana, ou Rapsodia Periodica de Litteratura, Sciencias e Artes (1801-1803). Officina de António Rodrigues Galhardo.

Miscellanea Curiosa de Varias Poesias Joviais e Serias (1815). [s. n.].

Miscellanea Curioza, e Proveitoza, ou Compilaçaõ, tirada das melhores Obras das Naçoens Estrangeiras, traduzida e ordenada por ***C. J. (1779-1785). Typographia Rollandiana.

Mnemosine Constitucional (1820-1821). Impressão Nacional.

Motim Literario em Fórma de Soliloquios (1811). Impressão Régia.

Noticias (Primeiras) da gloriosa, & perfeitissima Vitoria alcançada pelas armas Imperiaes, Auxiliares, e Vngaras, governadas pelo Serenissimo Senhor Duque de Lorena, a 16. de Agosto do presente Anno de 1685. Contra o principal exercito ottomano, a que se reduzia o maior esforço do seu Poder, que mandava Muydan Baxá, Seraskier, ou generalissimo do Sultão (1685). Officina de Miguel Deslandes.

Noticias Catholicas, e Politicas de Inglaterra que trouxeraõ os ultimos Correyos do Norte: publicadas nesta Corte de Lisboa a 16. de Setembro, Anno de 1687 (1687). Officina de Miguel Deslandes.

Noticias de Inglaterra vindas pelo Correyo de Flandres, no primeiro de Ianeiro de 1689 (1689). Officina de Miguel Deslandes.

Noticias do estado de cousas de de Inglaterra. Vindas de Amsterdam, & de França a 3. de Janeiro de 1689 (1689). Officina de Miguel Deslandes.

Noticias do que se tem passado no Exercito Turco de Vngria, & em Constantinopla, desde o combate de Harsan, & vitoria dos Imperiaes, atè 8. de Novembro de 1687 (1688). Officina de Miguel Deslandes.

Noticias Geraes de Evropa, com os Avisos, que ha de Alemanha, Venesa, Inglaterra, França, & Irlanda. Vindas no ultimo correyo de Italia, & Norte (1689). Officina de Miguel Manescal.

Noticias Officiaes dos Combates da Hespanha (1810). Impressão Régia.

Noticias Officiaes relativas á destruição dos Francezes na Batalha de Figueirolla e outras (1811). Impressão Régia.

Noticias Officiaes transcriptas das Folhas Inglezas (1809). Impressão Régia.

Novidades da Corte vistas por Jozino, e relatadas aos Pastores da sua Aldêa (1777). Officina de Antonio Rodrigues Galhardo.

Novidades Literarias, Filosoficas, Scientificas, Poeticas, e Mercantis (1802). Officina Nunesiana.

Novo Diario de Lisboa (1809). Impressão Regia.

O Amigo do Povo, ou Sentinella da Liberdade (1820-1821). Impressão Régia.

O Anonymo, repartido pelas semanas, para divertimento, e utilidade do publico (1752-1754). Officina de Pedro Ferreira.

O Campeão Portuguez, ou o Amigo do Rei e do Povo. Jornal politico, publicado todos os quinze dias para advogar a cauza e interesses de Portugal (1819-1821). L. Thompson.

O Contemporaneo, Politico, e Litterario (1820). Officina de P. N. Rougeron.

O Desapprovador (1818-1819). Impressão de Alcobia.

O Discipulo Instruido pelos Mestres mais Sabios nos segredos naturaes das Sciencias, distribuido por semanas, em perguntas, e respostas, nas quaes terás, ó curioso Leytor, naõ só liçaõ, que te recree o animo, mas tambem (com pouco trabalho) adquirirás huma cabal noticia dos naturaes segredos, que com tanto desvélo, e estudo procuráraõ indagar os antigos, e modernos Escritores (1759-1760). Officina de Francisco Borges de Souza.

O Economista (1811). Typographia Portugueza.

O Engenheiro Civil Portuguez, respondendo aos quesitos que lhe propoem, relativos á sua profissão, etc. Obra utilissima a todas as classes de pessoas (1804). Impressão Régia.

O Espectador Portuguez: Jornal de Litteratura e Critica (1816-1818). Impressão de Alcobia; Typographia Rollandiana.

O Espelho Politico e Moral (1813-1814). W. Lewis.

O Espião Patriota, ou Cartas de Paulo Mendes Mirrado a hum seu amigo em Lisboa, participandolhe os passos do exercito francez depois da invazão de Portugal (1811). [s. n.].

O Espreitador do Mundo Novo: Obra Critica, Moral, e Divertida (1802). Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

O Expresso da Corte e Emprego de Curiosidades nas Cidades de Lisboa Occidental e Oriental em todas as semanas do anno de 1740 (1740). Officina de António Isidoro da Fonseca.

O Homem Livre Amigo do Povo e do Principe (1820). Officina de J. F. M. de Campos.

O Hospital do Mundo. Obra Critica, Moral, e Divertida, em que é Medico o Desengano, e Enfermeiro o Tempo (1805). Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

O Investigador Portuguez em Inglaterra, ou Jornal Literario, Politico, &c. (1811-1819). H. Bryer; T. C. Hansard.

O Lagarde Portuguez, ou Gazeta para depois de jantar (1808). Impressão Régia.

O Liberal (1820-1821). Typographia Morandiana [Imprensa de Morando].

O Mensageiro (1809). Impressão Régia.

O Mudo com Fala, ou hum Portuguez verdadeiro e sincero (1820). Typographia Rollandiana.

O Negociante Perfeito, ou Jornal de Commercio, e de Geografia (1816). Regia Typographia Silviana.

*O Observador Hollandez, ou primeira carta de Mons. Van** a Mons. H. ** da Haya. Sobre o estado presente dos negocios da Europa. Traduzido da lingua Franceza na Portugueza* (1757-1758). Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

O Observador Lusitano em Pariz, ou Collecção Litteraria, Politica, e Commercial (1815). P. N. Rougeron.

O Occulto Instruido, que para licito divertimento, e honesta recreaçaõ se ha de publicar dividido em differentes partes (1756-1758). Officina de Domingos Rodrigues.

O Padre Amaro, ou Sovéla, Politica, Historica, e Literaria (1820-1826)., L. Thompson; R. Greenlaw.

O Patriota (1820-1821). Impressão Morandiana; Nova Impressão da Viuva Neves & Filhos.

O Patriota ou o Amigo da Independencia de Portugal (1809). Impressão Régia.

O Patriota, Jornal Litterario, Politico, Mercantil, &c. do Rio de Janeiro (1813-1814). Impressão Régia.

O Philarmonico Portuguez (1808). [s. n.].

O Piolho Viajante. Divididas as Viagens em mil e huma carapuças. Obra muito util para o Inverno, e para o Verão. Vertida da Lingua Piolha, com algumas notas do Traductor. Dividida nos tomos que forem. E offerecida a quem quizer (1802-1804). Nova Officina de João Rodrigues Neves.

O Popular (1813-1814). [s. n.].

O Portuguez Constitucional (1820-1821). Typographia Rollandiana.

O Portuguez ou Mercurio Politico, Commercial e Literario, (1814-1826). T. C. Hansard; W. Lewis; L. Thompson.

O Pregoeiro Lusitano. Historia circunstanciada da Regeneração Portugueza. Desde o Porto, seu Illustre Berço, até a ultima conclusão das Côrtes, com varios Discursos tendentes ao mesmo objecto (1820-1821). Typographia de João Baptista Morando; António Nuno dos Santos.

O Redactor, ou Ensaios Periodicos de Litteratura, e Conhecimentos Scientificos destinados para illustrar a Nação Portugueza (1803). Impressão Regia.

O Telegrafo Portuguez, ou Gazeta para depois de jantar (1808-1814). Impressão Régia.

O Templo da Memoria, ou Observador Constitucional (1820). Impressão Régia.

Observador Portuguez, Histórico, e Politico de Lisboa, desde o dia 27 de Novembro do anno de 1807, em que embarcou para o Brazil o Principe Regente Nosso Senhor e toda a Real Familia, por motivo da invasão dos Francezes neste Reino, etc. (1809). Impressão Régia.

Observador Portuguez. Obra de Erudição, e Recreio (1818-1819). Nova Impressão de João Baptista Morando; Impressão de Alcobia.

Oeuvres mélées ou discours historiques politiques, moraux, littéraires et critiques, publiés dans les mois de janvier (jusqu'en Décembre) de 1757, sous le titre d'Amusement périodique (1751). [s. n.].

Os Enjeitados da Fortuna expostos na Roda do Tempo. Obra moral, e muito divertida (1817-1818). Impressão Régia.

Os Medicos Perfeitos: ou novo methodo de curar todas as enfermidades; descoberto, e explicado pelos Mestres de mais subtil engenho, e applicado aos Enfermos, pelos Doutores mais sabios. Distribuido por numeros e semanas, em beneficio do vivente racional (1759-1760). Officina de Francisco Borges de Souza.

Palestra Admiravel, Conversaçaõ Proveitosa, e noticia universal do Mundo. Distribuida por numeros, e semanas. Para emprego da ociosidade, desterro da melancolia, e liçaõ para recrear, e instruir a todo o estado de pessoas (1759-1760). Officina de Francisco Borges de Souza.

Palestras Criticas e Semi-Jocozas, em que se reprehendem os Costumes, e Modas Affectadas (1771). Officina de Caetano Ferreira da Costa.

Palladio Portuguez, ou Clarim de Pallas que annuncia periodicamente os Novos Descobrimentos n'Agricultura, Artes, Manufacturas, Commercio, &. (1796). Officina Patriarchal.

Parabolas Accrescentadas ao Portugal Regenerado (1820-1821). Impressão Régia; Imprensa Nacional; Typographia Lacerdina.

Paschoino em Portugal. Discurso jocosserio, e jocosa critica para entretenimento dos curiosos (1748). [s. n.].

Passatempo Curioso. Tardes de Inverno. Dialogos entre dois amigos Aleixo e Duarte repartidos em varias tardes para recreio das pessoas curiosas (1779). Officina de Francisco Libório dos Santos.

Postilhão de Lisboa (1809). [s. n.].

Preços Correntes na Praça de Lisboa (1807). Impressão Régia.

Primeira Noticia dos Gloriosos Successos que tiveraõ as armas de S. Magestade na Provincia da Beira; e particularmente do que houve junto à Villa de Monsanto em onze de Junho no combate, que teve com o inimigo, o exercito de S. Magestade mandado pelo Marques das Minas Governador das armas daquella provincia, & do Conselho de Estado de Sua Magestade (1704). Officina de Miguel Manescal.

Primeyra Relaçam da Marcha, e Progressos do nosso Exercito atè o Campo da Praça de Alcantara, governado pelo Marquez das Minas, dos Concelhos de Estado, & Guerra; & da diversaõ intentada pelo inimigo na Praça de Elvas (1706). Officina de António Pedroso Galrão.

Producções Litterarias (1806). [s. n.].

Prospecto d'um Jornal Enciclopedico (1778). Regia Officina Typographica.

Quarta Relaçam dos Successos das Armas Portuguezas, progressos de ElRey Catholico Dom Carlos III. e dos mais Aliados desta Coroa, assim em Espanha, como em Italia, & India Oriental (1706). Officina de António Pedroso Galrão.

Queyxas de Manoel de Passos, em que sua essencia se mostra escandalisado, por naõ ser na Academia Fleumatica admittido; fielmente traduzidas de idioma Lusitano, para a fraze Portugueza, ou mais claro, passadas de hu papel de letra de maõ para outro de letra redonda, por hum curioso, criado antigo da casa de Sua Essencia (1731). Officina de Pedro Ferreira.

Quinta Relaçam das Operaçoens das Armas Portuguezas, Progressos de ElRey Catholico Dom Carlos III. e mais Aliados desta Coroa, assim em Flandes, como no Alto Rhim, Italia, e Piamonte (1706). Officina de António Pedroso Galrão.

Recreio Domestico (1807). [s. n.].

Reflexões sobre o Correio Brasiliense (1809). Impressão Régia.

Regeneração de Portugal (1820). Typographia da Praça de Santa Thereza.

Relaçam da segvnda, e mvy notavel vitoria campal, consegvida pelo principal exercito Cesareo, qve gouerna o Serenissimo Heroe Duque de Lorena, contra o mayor poder dos Turcos, em distancia de tres leguas de Buda (1684). Officina de Miguel Deslandes.

Relaçam do lastimozo navfragio da Nao Conceiçam chamada Algaravia a Nova de que era Capitaõ Francisco Nobre a qual se perdeo nos bayxos de Pero dos Banhos em 22 de Agosto de 1555. [17.?]. Officina de António Álvares.

Relaçam do svccesso qve as Armas portuguezas tiueram na Prouincia da Beira, gouernadas por D. Sancho Manoel conde de Villa Flor (1662). [s. n.].

Relaçam extraordinaria do exemplar castigo execvtada á força de Bombas, & Carcassas, em a cidade & porto de Tripoli, pelas Armas maritimas de Sua Magestade Christianissima, & do ajuste, & pactos, a que obrigou aquelles barbaros, cujo Divão (ou Senado) os assinou em este Anno de 1685 (1685). Officina de Miguel Deslandes.

Relaçam terceira, e qvarta da victoria qve o Conde de Villaflor Dom Sancho Manvel Gouernador das armas da prouïncia da Beira alcançov das armas castelhanas a noue, & a dez de Agosto deste anno de 662. (1662). Officina de Domingos Carneiro.

Relaçam verdadeyra e compendio historial em qve se comprehendem todos os svccessos da guerra que os Turcos fizerão contra a christandade em este anno de 1683, desde o tempo qve sahirão de Constantinopla, até qve foram derrotados pelas Armas Imperiaes, & Polacas sobre Viena & seguidos em alcance até restituir-se a suas terras (1683). Impressão de António Craesbeeck de Mello.

Relação da vitoria qve o Conde de Villa Flor, D. Sancho Manuel, Mello, governadores das armas da prouincia da Beira, ganharão aos castelhanos. Sabbado 29 de Outubro de 1661 (1661). Officina de Antonio Craesbeeck.

Relação do que succedeu em Portugal, e nas mais provincias do Occidente e Oriente desde Março de 626 até Agosto de 627. A Gil de Nicola cavalleiro francez (1627). Frutuoso Lourenço de Basto.

Relação do svceesso que tiveran as armas portvguezas governadas por D. Sancho Manuel, Conde de Villa Flor, e governador das armas do partido de Caslello Branco na prouincia da Beira, em 17 de Dezembro do anno passado de 1661 (1662). Officina de Antonio Craesbeeck.

Relaçaõ dos Folhetos e Papeis que se vendem na Casa da Gazeta em prosa e em verso relativos à Feliz Restauraçaõ deste Reino com os preços por que se vendem (1808). [s. n.].

Relação Vniversal do qve svccedeo em Portvgal, & mais Prouincias do Occidente, & Oriente, desdo mes de Março de 625. atê todo Setembro de 626. Contem muitas particularidades, & coriosidades, ordenada por Francisco d'Abreu natural da cidade de Lisboa (1626). Frutuoso Lourenço de Basto.

Resumo Historico dos Successos Memoraveis da Restauração do Porto (1809). Typographia Lacerdina.

Retorno do Almocreve de Petas (1797-1798). Officina Nunesiana.

Retratos dos Grandes Homens da Nação Portugueza (1804-1825). Officina de Alcobia.

Retratos e Elogios dos Varões, e Donas, que illustraram a Nação Portugueza em Virtudes, Letras, Armas, e Artes, assim Nacionaes, como Estranhos, tanto Antigos, como Modernos. Offerecidos aos Generosos Portuguezes (1806-1825). Officina de Simão Thaddeo Ferreira; Impressão Régia.

Revista dos Genios de Ambos os Sexos, passada em virtude da denuncia, que delles se deo, ou Segunda Parte do Tribunal da Razão (1815). Impressão Regia.

Roda da Fortuna, onde gira toda a qualidade de gente bem, ou mal segura. Obra critica, moral, e muito divertida (1816-1817). Impressão Régia.

Segunda Relaçam Verdadeyra da Marcha, e Operaçoens do Exercito, e Operaçoens do Exercito da Provincia do Alentejo governado pelo Marquez das Minas D. Antonio Luis de Sousa, dos Conselhos de Estado, & Guerra delRey nosso Senhor, & Governador das Armas da dita Provincia; rendimento da Praça da Alcantara, & diversaõ intentada pelo inimigo na Praça de Elvas (1706). Officina de António Pedroso Galrão.

Semanario de Instrucção, e Recreio (1812-1813). Impressão Régia.

Semanario Lusitano (1809). Impressão Régia.

Semanario Patriotico, traduzido do Hespanhol (1808). Impressão Régia.

Semanas Proveitosas ao Vivente Racional, ou modos para curar a alma enferma, e adquirir sciencia dos segredos naturaes, repartido em trinta semanas, nas primeiras quinze se curao a Soberba, Avareza, e Gulla, que saõ cabeça originaria de todas as outras enfermidades. Nas segundas se divulgao os Naturaes Segredos, que com tanto desvélo, e estudo procuráraõ indagar os antigos, e modernos Escritores (1760). Officina de Francisco Borges de Souza.

Setima Relaçam das Operaçoens das Armas DelRey N. Senhor, & delRey Catholico Dom Carlos III. e mais Aliados desta Coroa, assim em Espanha, como nos Paìzes baixos, Alto Rhim, Piamonte, & Italia, em q se refere a gloriosa vitoria alcançada sobre Turim pelo Duque de Saboya, & pelo Principe Eugenio contra os Exercitos de França, governados pelos Duques de Orleans, & de la Folhada, & pelo Marichal de Marsim (1706). Officina de António Pedroso Galrão.

Sexta Relaçam das Operaçoens das Armas delRey N. Senhor, & delRey Catholico Dom Carlos III. e mais Aliados desta Coroa, assim em Espanha, como nos Paizes baixos, Ungria, Italia, & Piamonte (1706). Officina de António Pedroso Galrão.

Sonho lembrado, successos do Mundo depois de creado, memorias de cazos, semanas futuras dos annos passados. Historia Sagrada, e Profana. Offerecida aos Leitores (1762). Officina de Pedro Ferreira.

Tacito Portuguez, ou traducçam politica dos tres primeyros livros dos Annaes de Cornelio Tacito, illustrados com varias ponderaçoens que servem à comprehensaõ assim da Historia como da Politica (1715). Officina Real Deslandesiana.

Tardes de Maio, ou tardes de passeio, passadas em conversação erudita, para servir de instrucção á mocidade portugueza, e de introducção á geographia (1758). Officina de José da Costa Coimbra.

Tardes Divertidas, e Conversações Curiosas, praticadas nos sitios mais alegres de Lisboa, por quatro Amigos bem instruidos nas Historias, Sacra, Politica, Natural, e Fabulosa (1794-1804). Nova Officina de João Rodrigues Neves; Officina de Simão Thaddeo Ferreira; Officina de João Procópio Correia da Silva; Officina de António Rodrigues Galhardo.

Templo da Gloria dos Luzos (1806-1807). [s. n.].

Tempo Presente, Maquina Aerostatica, noticia universal, ó novidades de cada dia, trazidas pela mesma maquina, tanto de Portugal, como do mais resto do mundo. Dadas todas as semanas aos olhos de quem os tiver, etc. (1806-1807). Typographia Lacerdina.

Terceyra Relaçam dos Gloriosos Successos das Armas Portuguezas, depois da Expugnaçam, e Rendimento da Praça de Alcantara, atè pòr á obediencia de ElRey Catholico Dom Carlos III. A Corte de Madrid, Capital de toda a Monarquia de Espanha (1706). Officina de António Pedroso Galrão.

Theatro Comico de Pequenas Peças (1798). Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

Theatro Estrangeiro (1787-1805). Typographia Rollandiana.

Theatro Nacional (1812-1813). [s. n.].

Traducção Fiel do Diario do Governo da Corunha (1809). Impressão Régia.

Tribunal da Razão, onde he arguido o dinheiro pelos queixosos da sua falta: obra critica, alegre e moral (1814-1816). Impressão Régia.

Victoria qve por principio de campanha conseguiram a vinte sete de Iunho as Armas Cesareas debaixo do governo de seu generalissimo o serenissimo Heroe Duque de Lorena, contra todo o poder, que os Turcos tinham prevenido em sua oposição (1684). Officina de Miguel Deslandes.

Viola de Lereno: collecção das suas cantigas offerecidas aos seus amigos (1798). Typographia Rollandiana.

Zodiaco Lusitanico-Delphico. Anatomico, Botanico, Chirurgico, Chymico, Dendrologico, Ictyologico, Lithologico, Medico, Meteorologico, Optico, Ornithologico, Pharmaceutico, e Zoologico 1749/1980, [s. n.].

3. Estudos e Obras de Referência

Almeida, F. (2004). *História de Portugal. Instituições Políticas e Sociais de 1385-1580 e de 1580-1816*, vol. II. Bertrand Editora.

Alves, J. A. S. (2000). *A Opinião Pública em Portugal (1780-1820)*. Departamento de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
Alves, J. A. S. (2005). *Ideologia e Política na Imprensa do Exílio.* O Portuguez *(1814-1826)*. INCM.
Alves, J. A. S. (2005). *O poder da Comunicação*. Casa das Letras.
Alves, L. (1983). Inventário da Legislação sobre Imprensa [1576-1841], *in Subsídios para a História da Imprensa em Portugal*. Centro de Estudos Humanísticos.
Andrade, M. I. O. (2001-2004). *José Agostinho de Macedo. A Contra-revolução em Português*, vols. I-II. Edições Colibri.
Aranha, P. W. B. (1909). *Nota acerca das invasões francezas em Portugal principalmente a que respeita à primeira invasão do comando de Junot: contém muitos documentos relativos aos sucessos assombrosos na Europa no fim do século XVIII e princípios do século XIX*. Typographia da Academia Real das Sciencias.
Araújo, A. C. (2003). *A cultura das Luzes em Portugal: temas e problemas*. Livros Horizonte.
Balbi, A. (2004). *Essai statisque sur le Royaume de Portugal et d'Algarve*, tomos I-II. INCM/FEUC.
Baptista, J. (1977). *Alexandre Herculano jornalista*. Livraria Bertrand.
Barbosa, D. C. (1944). *Viola de Lereno*, vols. I-II. Imprensa Nacional.
Batista, V. & Correia, I. (2002). Sobre o *Jornal Enciclopedico* (1779-1793). *Cultura — Revista de História e Teoria das Ideias*, 2.ª série, *XIV*, 173-186.
Belo, A. (2000). A *Gazeta de Lisboa* e o terramoto de 1755: a margem do não escrito. *Análise Social*, (*XXXIV*)151-152, 619-637. https://www.jstor.org/stable/41011375
Belo, A. (2001). *As gazetas e os livros. A Gazeta de Lisboa e a vulgarização do impresso (1715-1760)*. ICS.
Bernardes, J. A. C. (dir.) (1995-2005). *Biblos. Enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa*, vols. I-V. Editorial Verbo.
Bessa, J. (1904). *O jornalismo: esboço historico da sua origem e desenvolvimento até aos nossos dias*. Viúva Tavares Cardoso.
Boisvert, G. (1982). Le premier périodique liberal publié au Portugal: le *Correio da Península ou Novo Telegrafo* (Lisbonne, 3 juillet 1809-2 août 1810), *in O Liberalismo na Península Ibérica na primeira metade do século XIX*, vol. II. Livraria Sá da Costa.
Borges, J. V. (2003). *Conquista de Madrid: 1706*. Tribuna da História.
Brandão, F. C. (2005). *Da Crise do Antigo Regime à Revolução Liberal 1799-1820: uma Cronologia*. Europress.
Canaveira, R. (2002). *Dicionário de tipógrafos e litógrafos famosos*. [s. n.].
Carbonell, C.-O. (1992). *Historiografia*. Editorial Teorema.
Caseiro, M. E. (1985). *A história dos meios de comunicação social em língua portuguesa no Brasil*. Centro de Estudos da Secretaria de Estado da Emigração.
Catroga, F. (2001). *Memória, história e historiografia*. Quarteto Editora.
Chagas, M. P. (1876-1886). *Diccionario popular historico, geographico, mythologico, biographyco, artistico, bibliographico e litterario*. Lallement Freres.
Chorão, J. B. (1963-1986). *Enciclopédia luso-brasileira de cultura Verbo. Edição Século XXI*, vols. I-XXIX. Editorial Verbo.
Coelho, J. P. (1997). *Dicionário de literatura*, vols. I-V. Mário Figueirinhas Editor.
Costa, J. D. R. (1974). *O Almocreve das Petas e outras prosas*. Estúdios Cor.
Couto, D. (2003). *História de Lisboa*. Gótica.
Cruz, J. C. (2002). *Introdução ao estudo da comunicação: imprensa, cinema, rádio, televisão, redes multimédia*. ISCSP.
Cruz, M. H. B. e Silva, J. M. (1985). *Catálogo das publicações em série 1641-1833*. Biblioteca Pública Municipal do Porto.
Cunha, A. (1941). *Elementos para a história da imprensa periódica portuguesa (1641-1821)*. Academia das Ciências de Lisboa.
Curto, D. R. (ed.) (2003). *Bibliografia da história do livro em Portugal. Séculos XV a XIX*. BNL.
Dias, E. G. (2003). Fr. Francisco Brandão [1601-1680]: da poligrafia da História ao contributo para o arranque do periodismo em Portugal no século XVII, *Revista Militar*, *(LV)*12. https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/35397
Dias, E. G. (2005). A contribuição do *Le Mercvre Portvgais* para o movimento periódico português e para a construção de História de Portugal. *ArtCiência.Com, Revista de Arte, Ciência e Comunicação*, *0*. https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/35542/1/ACONTR~1.PDF
Dias, E. G. (2006). *O Anonymo* [1752-1754], a excelência historiográfica de um periódico português nos meados do século XVIII. *ArtCiência.Com, Revista de Arte, Ciência e Comunicação*, *2*. https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/35155
Dias, E. G. (2006). *Gazetas da Restauração (1641-1648): uma revisão das estratégias diplomático-militares portuguesas*, (edição transcrita). Instituto Diplomático/Ministério dos Negócios Estrangeiros.
Dias, E. G. (2010). A resistência ao invasor — os combates na imprensa periódica portuguesa aquando das Invasões Francesas [1807-1811], *in Actas do XXXV Congresso Internacional de História Militar. A Guerra no tempo de Napoleão*, vol. II (pp. 995-1015). Comissão Portuguesa de História Militar.
Dias, E. G. (2010). *Olhares sobre o Mercurio Portuguez [1663-1667]. Transcrição e comentários*, vols. I-II. INCM/CEPESE.
Dias, E. G. (2011). *A construção da História Medieval na imprensa periódica portuguesa de Oitocentos*. INCM.
Dias, E. G. (2014). O esplendor do *Jornal Encyclopedico* na imprensa periódica portuguesa entre os séculos XVIII-XIX, *Mátria Digital*, *2*, 212-230. https://matriadigital.cm-santarem.pt/images/numero2/euricodias.pdf
Dias, E. G. (2015). Tudo aquilo que passa são apenas alegorias: o *Anno Historico, Diario Portuguez...* [1714-1744]. *Mátria Digital*, *3*, 259-269. https://matriadigital.cm-santarem.pt/images/numero3/eurico.pdf
Dias, E. G. (2017). *Representações da Idade Média na imprensa periódica portuguesa entre a Restauração e a Revolução Liberal*. Caleidoscópio.
Dourado, M. (1957). *Hipólito da Costa e o Correio Brasiliense*, vols. I-II. Biblioteca do Exército
Evans, R. (2000). *Em defesa da história*. Temas & Debates.
Fabre, M. (1980). *História da comunicação*. Moraes Editores.

Faria, M. S. (2003). *Notícias de Portugal*. Colibri/Escola Secundária Manuel Severim de Faria.
Febvre, L. e Martin, H.-J. (2000). *O aparecimento do livro*, Fundação Calouste Gulbenkian.
Fernandes, J. (1993). *Gazeta Literária* (1761-62): reflexos e sombras de um jornal das Luzes, *Revista da Faculdade de Letras. História*, II Série, *X*, 205-232. https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/5683/5348
Ferreira, J. P. R. (1987). A proposta constitucional do *Correio Braziliense*. Separata de *Cultura — História e Filosofia*, vol. V. Centro de História da Cultura/FCSH-UNL.
Figaniére, J. C. (1850). *Bibliographia Historica Portugueza, ou catalogo methodico dos auctores portuguezes, e de alguns estrangeiros domiciliarios em Portugal, que tractaram da historia civil, politica e eclesiástica*. Typographia do Panorama.
Figueiredo, F. (1922). *Historia da litteratura classica. 2.ª Epocha: 1580-1756 (continuação) e 3.ª Epocha: 1756-1825*. Portugália Editora.
Fonseca, M. A. (1896). *Subsidios para um diccionario de pseudonymos iniciaes e obras anonymas de escriptores portuguezes*. Typographia da Academia Real das Sciencias.
Gama, J. S. (1869). *Biographia e apreciação dos trabalhos do botanico brasileiro Frei José Mariano da Conceição Velloso*. Typographia de Pinheiro & C.ª
Gomes, R. R. (1988). *Introdução ao pensamento histórico*. Livros Horizonte.
Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (1998), vols. I-L. Página Editora.
Lapa, A. (1967). *A palavra «Lisboa» na História do Jornalismo*. CML.
Lisboa, J. L. (2002). *Gazetas. A informação política nos finais do Antigo Regime. Cadernos de cultura.* Centro de História da Cultura, FCSH-UNL.
Lopes, O. & Saraiva, A. J. (1996). *História da Literatura Portuguesa*. Porto Editora.
Machado, D. B. (1741-1759/1965-1967) *Bibliotheca Lusitana: historica, critica, e cronológica na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo prezente*, vols. I-IV. Atlântida.
Martins, R. (1942). *Pequena história da imprensa portuguesa*. Editorial Inquérito.
McMurtrie, D. (1997). *O Livro. Impressão e fabrico*. Fundação Calouste Gulbenkian.
Neves, J. A. (1989). *História breve da imprensa de língua portuguesa no mundo*. Direcção-Geral da Comunicação Social.
Nunes, M. F. (2001). *Imprensa periódica científica (1772-1852). Leituras de Sciencia Agricola em Portugal*. Estar Editora.
Paulo, Z. (1944). *Periódicos portugueses de medicina e ciências subsidiárias*. Instituto para a Alta Cultura.
Pereira, A. X. S. (1895). *O jornalismo portuguez. Resenha chronologica*. Typographia Soares.
Pereira, A. X. S. (1901). *As leis de imprensa*. Imprensa da Universidade.
Pereira, E. & Rodrigues, G. *Portugal* (1904-1915). *Diccionario historico...*, vols. I-VII. João Romano Torres Editor.
Pereira, J. C. (1990). *Dicionário enciclopédico da história de Portugal*, vols. I-II. Publicações Alfa/Selecções do Reader's Digest.
Pereira, J. C. & Martins, J. F. (1986). *Dicionário ilustrado de história de Portugal*,, vols. I-III. Publicações Alfa.
Piwnik, M.-H. (1979). *O Anónimo. Journal portugais du XVIIIe Siécle (1752-1754)*. Centro Cultural Português/ Fundação Calouste Gulbenkian.
Pizarroso Quintero, A. (coord.) (1994). *História da imprensa*. Planeta Editora.
Pollard, M. (2002). *Johann Gutenberg. A história da invenção da imprensa, que conduziu à explosão do conhecimento*. Editora Replicação.
Ponte, C. (2005). Media e acontecimentos (com)sentidos, *Trajectos. Revista de Comunicação e Educação — O Acontecimento*, *6*, 101-104.
Rafael, G. G. & Santos, M. (2001). *Jornais e Revistas portuguesas do séc. XIX*, vol. I. Biblioteca Nacional.
Rafael, G. G. & Santos, M. (2002). *Jornais e revistas portuguesas do séc. XIX*, vol. II. Biblioteca Nacional.
Rêgo, M. & Mucznik, L. (coord.) (1991). *A moda em Portugal através da Imprensa*. BNL.
Reis, A. D. S. (1896, 1999). *Jornais do Porto*. BPMP.
Reis, C. & Pires, M. N. (1993). *História crítica da literatura portuguesa. O Romantismo*, vol. V. Editorial Verbo.
Reis, F. E. (coord.) (2005). *Felicidade, utilidade e instrução. A divulgação científica no Jornal Enciclopédico dedicado à Rainha 1779; 1788-1793; 1806*. Porto Editora.
Ribeiro, J. S. (1876). *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos...*, vol. V. Typographia da Academia Real das Sciencias.
Rizzini, C. (1957). *Hipólito da Costa e o Correio Braziliense*. Companhia Editora Nacional.
Rocha, J. L. M. (1998). *O essencial sobre a imprensa em Portugal*. INCM.
Rosado, N. (1966). *A imprensa*. DGEP.
Rossi, G. C. (1963). *La "Gazeta Literaria" del padre Francisco Bernardo de Lima (1761-1762)*. Instituto Universitario Orientale.
Sampaio, A. F. (dir.) (1929-1942). *História da literatura portuguesa ilustrada*, vols. I-IV. Bertrand.
Santana, F. & Sucena, F. (1994). *Dicionário da história de Lisboa*. [s. n.].
Santos, M. H. C. (2004). Jornalistas, poder e exílio nos princípios de Oitocentos, *in O jornalismo português — Passado, presente e futuro. Actas & Colóquios da Hemeroteca*. HML/CML.
Serrão, J. (2002). *Dicionário de história de Portugal*, vols. I-VI. Livraria Figueirinhas.
Serrão, J. V. (1974). *Viagens em Portugal de Manuel Severim de Faria (1604/9/25)*. Academia Portuguesa da História.
Serrão, J. V. (1977). *História de Portugal. Estado, Pátria e Nação (1080-1415)*, vol. I. Editorial Verbo.
Serrão, J. V. (1980). *História de Portugal. A Restauração e a Monarquia Absoluta (1640-1750)*, vol. V. Editorial Verbo.
Serrão, J. V. (1996). *História de Portugal. O Despotismo Iluminado (1750-1807)*, vol. VI. Editorial Verbo.
Silva, A. M. (2002). *Grande dicionário da língua portuguesa*, vols. I-VII. QuidNovi/Jornal de Notícias.
Silva, I. F., Aranha, P. W. *et al.* (1858-1978, 1998). *Diccionario bibliographico portuguez: estudos applicaveis a Portugal e ao Brazil*, vols. IXXII. INCM.
Silva, J. P. P. (2001). *Temas, mitos e imagens de Portugal numa revista inglesa do Porto.* The Lusitanian *(1844-1845)*. FCG/FCT.

Soares, A. R. (dir.) (2003). *Imprensa Militar Portuguesa. Catálogo da Biblioteca do Exército*. Biblioteca do Exército.
Sousa, J. P. (org.) (2013). *Estudos sobre o Mercúrio Português (1663-1667). Discurso e Contexto*. LabCom. https://labcom.ubi.pt/livro/93
Sousa, J. P. (coord.) (2007). *A génese do jornalismo lusófono e as Relações de Manuel Severim de Faria (1626-1628)*. Edições Universidade Fernando Pessoa.
Sousa, J. P. (coord.) (2010). *A Gazeta da "Restauração": primeiro periódico português — uma análise do discurso*. Livros LabCom, Covilhã. http://labcom.ubi.pt/livro/19
Sousa, J. P. e Teixeira, P. (2015). *Contar o mundo no século XVII. O discurso dos dois primeiros jornais portugueses: a Gazeta "da Restauração" (1641-1647) e o Mercúrio Português*. Editora Media XXI.
Tengarrinha, J. (1989). *História da imprensa periódica portuguesa*. Editorial Caminho.
Tengarrinha, J. (2013). *Nova história da imprensa portuguesa. Das origens a 1865*. Temas & Debates/Círculo de Leitores.